

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Maria Flávia da Costa Waeny

**COMUNICAÇÃO E AFETO: UM ESTUDO A PARTIR DAS
NARRATIVAS SOBRE A MORTE NO CANAL TEDx *TALKS***

Sorocaba/SP

2022

Maria Flávia da Costa Waeny

**COMUNICAÇÃO E AFETO: UM ESTUDO A PARTIR DAS NARRATIVAS SOBRE
A MORTE NO CANAL TEDx TALKS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

Sorocaba/SP

2022

Ficha Catalográfica

Waeny, Maria Flávia da Costa

W13c Comunicação e afeto: um estudo a partir das narrativas sobre a morte no canal TEDx *talks* / Maria Flávia da Costa Waeny. -- 2022.

113 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2022.

Maria Flávia da Costa Waeny

**COMUNICAÇÃO E AFETO: UM ESTUDO A PARTIR DAS NARRATIVAS SOBRE
A MORTE NO CANAL TEDx TALKS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba.

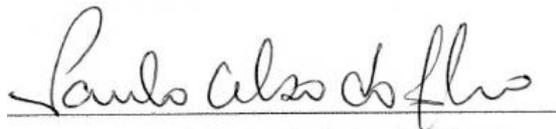
Aprovada em: 25/08/2022.

BANCA EXAMINADORA:



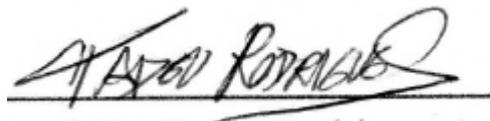
Prof. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Tadeu Rodrigues Iuama

Centro Universitário Belas Artes

“O risco de morte é participação e a participação é vida. O medo da vida é o medo da morte e o medo da morte é o medo de vida. Viver é assumir o risco de morrer”.

EDGAR MORIN

AGRADECIMENTOS

Finalizar um mestrado não é fácil; somado à pandemia e uma sequência de desafios e revoluções na vida pessoal e profissional, reforça o sentido de que manter o foco é fundamental.

A inspiração desta dissertação vem da inquietação acerca da morte. E por que não agradecer à morte, uma vez que sem ela não há vida, e sem vida, não há o que comemorar ou agradecer? E por falar em vida, a minha gratidão a ela, a vida, com todas as suas provas e desafios que sempre nos são apresentados. Gratidão a todos os momentos de superação nos quais a dúvida pairava e a certeza da vitória persistia ao lado de pessoas que foram fundamentais em tais momentos.

Gostaria de agradecer à Uniso, representada por todas as pessoas que sempre ajudaram, empurraram e que valorizam o estudo, desde o Marco, da Secretaria, Daniela do Apoio, enfim a esta equipe maravilhosa. Às minhas queridas professoras, Profa. Dra. Luciana Coutinho e Profa. Dra. Maria Ogécia, peças únicas neste percurso quando cursei a disciplina de Semiótica, ainda como aluna especial e vislumbrando um mestrado! Super gratidão!

Agradecer também ao ponto de partida, Valéria Guerra, que foi a responsável por apresentar a Uniso. Uma irmã que a vida trouxe e que por várias vezes foi o empurrão necessário para a realização do Mestrado e incentivadora da pesquisa! Hoje, além de irmã, uma sócia não somente na vida profissional, mas uma grande sócia da vida! Minha gratidão, parceria e irmandade!

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva, que extraiu o melhor da minha pessoa e foi fonte de inspiração para chegar até aqui. Com carinho, dedicação, atenção, ora pegando pela mão, ora, puxão de orelha delicado! Sempre com sorriso de tranquilidade e vida no rosto, transformando as dificuldades em possibilidades! Muito obrigada por todos os dias! Uma conquista que quero dividir com você, sem dúvida!

Às duas grandes amigas, Margarete Akemi Kishi e Ana Cristina Lo Prete; uma imensa amizade e suporte em um momento profissional tão difícil e com grandes sorrisos de vida, conseguiram superar qualquer surpresa.

Às minhas grandes amigas, Fernanda Dal Lago e Stella Sampaio Lara que, por não serem da área, talvez não saibam o tamanho da ajuda que sempre ofereceram! Talvez um esteio que nunca tenham tido.

E, para a Paula Borra, minha fiel companheira! Obrigada por aguentar o repuxo deste período, afinal, mau humor, sono, falta de tempo, foram transmutados pelo seu suporte e carinho! Sua força e parceria em momentos difíceis são fundamentais!

E com muita tranquilidade, novamente agradeço à vida, que me proporcionou estudar a morte, através das *TED Talks* e das *TEDx Talks*, cumprindo mais um desafio! Espero que este trabalho ajude aos demais pesquisadores e os inspire para um novo olhar sobre o significado da morte e quem sabe, ressignificações para a vida.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a compreensão relativa à construção das narrativas sobre a morte no Canal TED *Talks* ou das TEDx *Talks*, e, conseqüentemente, quais são as estratégias narrativas utilizadas para que possam ser consideradas narrativas inspiradoras e, ao mesmo tempo, como e de que maneira essas narrativas trabalham e desenvolvem o tema do afeto. O objetivo geral é a compreensão de como as narrativas encontradas no canal das TED *Talks* e TEDx *Talks*, especificamente com o tema de morte, são estruturadas e se podem ser inspiracionais. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, além de uma pesquisa exploratória para a escolha do *corpus* e, por último, uma análise das narrativas embasada na discussão teórica, embasada nos autores: Vilém Flusser, Edgar Morin, Boris Cyrulnik, Antônio Damásio, Luiz Gonzaga Motta, Vander Casaqui e Míriam Cristina Carlos Silva. Ao final, foi realizada a análise da narrativa sob dois vieses: da morte e do afeto. Foi possível perceber que o ser humano pode ser afetado em diversos graus e níveis, de acordo com a construção do seu mundo interior, individual e subjetivo, um ecossistema no qual acontecem as representações das emoções e sentimentos e que, ainda assim, poderá ser um gatilho mental e que provocará reações, sendo um destes, possivelmente, inspiracional.

Palavras-chave: comunicação; narrativas; morte; afeto; ted *talks*.

ABSTRACT

This thesis has as its theme the understanding related to the construction of narratives about death in the TED *Talks* channel or TEDx *Talks*, and consequently, what are the narrative strategies used so that they can be considered inspiring narratives and, at the same time, how and from what way these narratives work and develop the theme of affect. The general objective is to understand how the narratives found on the TED *Talks*, TEDx *Talks* channel, specifically with the theme of death, are structured, and whether they can be inspirational. Methodologically, it begins with a survey of the research corpus, state of the art and composition of the theoretical for the reasons and for the conclusion with the analysis of the narrative chosen as the research corpus and that will be able to respond to the proposed objectives. To fulfill the purpose of this research, the theoretical framework is based on the authors: Vilém Flusser, Edgar Morin, Boris Cyrulnik, Antônio Damásio, Luiz Gonzaga Motta, Vander Casaqui and Míriam Cristina Carlos Silva. In the end, the analysis of the narrative was carried out under two biases: death and affection. It was possible to perceive that the human being can be affected in different degrees and levels, according to the construction of their inner, individual and subjective world, an ecosystem where the representations of emotions and feelings take place and that, even so, can be a trigger. mental and which will provoke reactions, one of which is possibly inspirational.

Keywords: communication; narratives; death; affection, ted *talks*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema da Pesquisa	12
1.2 Objetivos	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos	13
1.3 Metodologia e objeto da pesquisa (caminho metodológico)	14
1.4 Justificativa	17
1.5 Referenciais Teóricos	18
1.6 Estado da Arte	20
2. NARRATIVAS INSPIRACIONAIS: COMUNICAÇÃO, AFETOS E MORTE	24
2.1. Comunicação como artifício diante da consciência da morte	24
2.2. Comunicação e afetos	39
2.3. Comunicação e narrativa	53
2.4. Narrativas Inspiracionais e Transformacionais	60
3. O CANAL TED TALKS e TEDx TALKS	70
3.1. História do canal TED Talks e TEDx Talks	70
3.2. Escolha do corpus de análise e critérios utilizados nessa seleção	75
3.3. Metodologia de análise da narrativa (descrição do passo a passo a ser aplicado)	76
3.3.1 Sinopse da narrativa	82
3.3.2. Descrição detalhada da personagem/narrador	84
3.3.3 Análise do enredo: Início, desenvolvimento, clímax e desfecho	84
4. CONSIDERAÇÕES	103
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Administração de Empresas comecei a estudar Recursos Humanos, Pessoas e a Comunicação como um fato social. O meu interesse por esse segmento continuou, tanto que, atualmente, sou sócia de uma empresa de treinamento: a VC Treinamentos e Desenvolvimento Humano. Ao frequentar o MBA Profissional em Excelência Gerencial, com foco em Gestão Empresarial e Pública na FAAP, comecei a estudar a relação entre Neurociência e Liderança.

Nessa trajetória, ao estudar Neurociência, Antônio Damásio foi um dos autores que contribuiu muito para a compreensão da relação entre afeto, memória e a comunicação, especificamente. Foi o ponto de partida para a criação de um ambiente de teste amplo junto aos treinamentos ministrados no início, timidamente. Depois, após o primeiro ano, com mais experiência e com novos conhecimentos, constatei que não seria possível desenvolver novos treinamentos sem aprofundar os conhecimentos sobre Neurociência e a sua relação com a memória.

Assim, estudos de pesquisadores como Ivan Izquierdo, neurocientista por suas pesquisas sobre cognição e memória, Eric Kandel, com o processamento cerebral, Mariano Sigman e os processos cognitivos, Fernando Gomes Pinto e Suzana Herculano Houzel, que desenvolvem pesquisas na área de biologia, e Miguel Nicolelis, que estuda a interface cérebro-máquina, passaram a compor este percurso, que agora passa a uma nova etapa, com os estudos sobre a comunicação e os afetos, por meio das narrativas.

Estudo e pesquisa se tornaram a tônica do trabalho cotidiano. Assim, a fim de aprimorar o desenvolvimento de treinamentos comportamentais, buscamos um diferencial mediante a pesquisa científica na área da Comunicação.

Nesse contexto, com o propósito de estudar a comunicação e o afeto no âmbito acadêmico – na linha de pesquisa de análise de processos e produtos midiáticos, surge o objeto dessa pesquisa: o canal de YouTube com as *TED Talks* e as *TEDx Talks*, que possui como conteúdo conferências realizadas por especialistas de diversas áreas do conhecimento e que seguem o padrão determinado pela Fundação Sapling, organização sem fins lucrativos e mantenedora da *TED Talks*.

Atualmente as conferências são realizadas no formato online e liberadas para o mundo; a filosofia da Fundação Sapling são ideias que merecem ser disseminadas de forma democrática. Ao longo deste trabalho, o canal da *TED Talks* e da *TEDx Talks* serão

apresentados de forma mais profunda.

Compreender a comunicação e as entrelinhas dos diálogos, narrativas e o papel dos afetos entre as pessoas pode ser um caminho possível para ampliar as discussões sobre comunicação e afeto, neste caso, a partir da análise de narrativas presentes no canal da *TED Talks* e *TEDx Talks*, especialmente quando o tema principal de tais narrativas é a morte, conforme será explicitado ao longo desta dissertação.

1.1 Problema da Pesquisa

A *TED Talks* é uma plataforma para transmissão de palestras presenciais ou online, sobre temas variados, da produção científica à histórias de vida, e que se transformou em um sucesso mundial. Como forma de exemplificação do volume de pessoas conectadas com a *TED Talks*, é possível citar a conferência do pesquisador Simon Sinek (2009), cujo tema apresentado referia-se à liderança, “Como grandes líderes inspiram ações”, com 55 milhões de visualizações; a pesquisadora Brené Brown (2020), com o tema: “O poder da vulnerabilidade”, *TED Talks* apresentada em Houston (2010), com 54 milhões de visualizações; é possível citar, também, a pesquisadora da Universidade de Harvard, Amy Cuddy (2013), que conquistou um volume de 51 milhões de visualizações, com o tema da linguagem corporal como parte integrante nos processos de comunicação.

Um outro exemplo que pode indicar a transformação da plataforma em fenômeno mundial foi a palestra proferida por Steve Jobs (2009), com 9.903.606 visualizações; não integramos este vídeo ao corpus da pesquisa em função deste ter sido agregado à plataforma da *TED Talks* posteriormente, sendo assim, por não estar consoante aos critérios de seleção e não atender aos princípios das *TED Talks* de tempo total da palestra. Ainda assim, indica um número relevante de visualizações. Estes números consideram todas as visualizações, desde a apresentação até o ano base de 2020.

Existe o canal *TEDx Talks*, da mesma mantenedora, que é produzido de forma regionalizada, por cidades e regiões e, de acordo com o costume daquela determinada região ou comunidade, pois existem culturas diferentes e regionalizadas no Brasil, como por exemplo: Sul e Nordeste apresentam culturas e costumes diferentes. Os palestrantes são pertencentes à região e são mantidos os mesmos critérios de escolha, produção e compartilhamento de ideias da *TED Talks*.

As narrativas das *TED Talks* e das *TEDx Talks* configuram-se como um objeto de estudo

propício para uma investigação acerca de processos comunicacionais, pois trabalham com narrativas inspiracionais, o que interessa particularmente à linha de pesquisa do programa a que esta dissertação está vinculada, bem como ao grupo de pesquisa NAMI, Narrativas Midiáticas, da UNISO.

Já a morte, tema escolhido para nortear a análise das narrativas selecionadas nesta dissertação, é envolvida por complexidade pois, ao mesmo tempo, trata-se de algo natural, biológico e cultural. Para Morin (2012, p.47), “o ciclo de vida é, simultaneamente, um ciclo de morte”. Assim surgiu a ideia de se trabalhar com o recorte da comunicação e os afetos, especificamente nas *TED Talks* e *TEDx Talks* que falam sobre a morte, principalmente sobre experiências de morte por parte dos narradores como fonte de inspiração.

As perguntas que nos guiam, a partir desse recorte, são as seguintes: Como são construídas as narrativas sobre a morte nas *TED Talks* e *TEDx Talks*? Quais as estratégias utilizadas para que se tornem narrativas inspiradoras? Como abordam os afetos e como procuram afetar as pessoas que as assistem e aos palestrantes? Ou seja, a partir de quais mecanismos narrativos tratam da experiência da morte para ser transformada em um conteúdo motivacional?

1.2 Objetivos

A partir do delineamento construído até aqui, foram formulados os objetivos dessa pesquisa, os quais estão expostos a seguir.

1.2.1 Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as estratégias narrativas encontradas na *TEDx Talks*, especificamente com o tema de morte, são estruturadas e se podem ser inspiracionais.

1.2.2 Objetivos específicos

Diante do objetivo geral, desdobram-se os objetivos específicos dessa pesquisa:

- Analisar as estratégias da narrativa sobre a morte no Canal TED *Talks* e das TEDx *Talks*, para que possam ser consideradas narrativas inspiradoras;
- Compreender de que maneira essas narrativas abordam os afetos.

1.3 Metodologia e objeto da pesquisa (caminho metodológico)

Para responder às questões desta dissertação, é necessário esclarecer o caminho metodológico percorrido e suas etapas.

As plataformas de consulta científica para o levantamento da pesquisa bibliográfica foram: Scielo, Google Academics, nas quais foi realizado todo o levantamento do estado da arte e pesquisas de artigos científicos que foram utilizados como suporte para esta pesquisa.

A primeira etapa aconteceu a partir do recorte sobre afeto e comunicação, que já havia sido eleito quando ainda estudava como aluna especial em 2019 na Uniso e conversava com as professoras da disciplina de Semióticas e Interpretação de Produtos Midiáticos, Profa. Dr^a. Luciana Coutinho e Profa. Dr^a. Maria Ogécia Drigo. A segunda etapa foi a definição de quem seria a orientadora do projeto, e a partir do contato com o Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas, chegou-se ao tema das TED *Talks* e ao corpus da pesquisa com as TEDx *Talks*. Em uma primeira pesquisa exploratória, chamou a atenção o fato da temática da morte ser presença recorrente em narrativas no canal, mas, especificamente, o relato de experiências de morte, apresentadas como conteúdos inspiracionais por seu caráter de superação de um obstáculo na vida dos narradores-protagonistas.

A terceira etapa foi a definição do corpus da pesquisa por meio do levantamento das TED *Talks* e TEDx *Talks*. Foram selecionados 11 (onze) conteúdos do canal, cujo critério de seleção foi composto por: (i) tema; (ii) contexto da narrativa; (iii) volume de acessos; (iv) localização – preferencialmente realizadas no território brasileiro e em português.

Sobre estes conteúdos selecionados, a temática da morte aparece na TED *Talks* da cientista de Harvard, Amy Cuddy (2013), que fala sobre o gerenciamento do estresse e comportamento humano, ao mesmo tempo em que faz um breve relato sobre a sua própria experiência de morte. Este relato foi crucial para a escolha do tema, como ponto de partida para a abordagem da morte, que leva a reflexões e questionamentos fundamentais para a compreensão das sociedades e seus modos de comunicação, pois como afirma Cyrulnik (2012, p.26), “o drama não se restringe ao ato de morrer, mas de nascer, isso porque a morte começa

no nascimento”.

Neste ponto de partida foram perceptíveis vários questionamentos, entre eles: o que seria renascer após uma sensação de morte? No relato de Amy Cuddy (2013), são perceptíveis as emoções relacionadas à linguagem corporal e voz; na primeira, observa-se uma vermelhidão no rosto e os olhos marejados, já na segunda, a voz embargada de emoção, em que ela leva a mão ao rosto para respirar. Todos os movimentos citados anteriormente refletem resultados de emoções; estas, são públicas e rápidas e serão esclarecidas mais adiante, além de explicar como a palestrante passou a incentivar as pessoas, inclusive alunos de Harvard a irem além, em um processo de superação de limites e dificuldades, como as da própria palestrante que, em um acidente, chegou a ter 40% do cérebro perdido e havia sido desenganada pelos médicos. Em suas palavras: “Eu não deveria estar aqui”¹; e estava presente, no palco e como palestrante.

Após assistir às 11 (onze) TED *Talks* eleitas, o corpus da pesquisa foi finalizado com a eleição de 3 (três) TED *Talks*, conforme sequência e critérios apresentados:

1. TRAJANO (2020), possui um número de 444.517 visualizações. Para esta escolha, o contexto da narrativa foi fundamental, pois o protagonista foi o único passageiro sobrevivente em um acidente de avião. Como último critério, a palestra foi realizada por um brasileiro e em português;

2. GIGLIOLI (2013), com 35.466 visualizações, com o contexto da narrativa como critério mais importante em função do potencial de afeto, já que uma mãe narra a perda do filho caçula, palestra esta também realizada por uma brasileira e em português e;

3. HANBURY (2013), com 2.424 visualizações, sendo o critério mais importante o contexto da narrativa de uma superação física e emocional, a vivência da narradora, que sobreviveu a um acidente gravíssimo e que deixou a sua vida, limitada; uma palestra realizada por uma brasileira e em português. Vale lembrar que as narrativas eleitas pertencem ao canal das TEDx *Talks*.

Após a seleção prévia, foi importante realizar uma segunda leitura em cada uma das TEDx *Talks* eleitas, a fim de rever os critérios elencados para a escolha e encontrar elementos que permitissem uma leitura contextual mais aprofundada no âmbito da análise de narrativas. Na palestra de Ricardo Trajano, por exemplo, um fator importante no relato consiste no tempo dos acontecimentos, com a referência ao ano do acidente sofrido pelo palestrante, em 1973, e que, comparativamente aos recursos tecnológicos da contemporaneidade, era precário

¹ Amy Cuddy cita a frase: *I shouldn't be here*.

no que diz respeito à geolocalização, com poucos recursos tecnológicos para resgates e tratamentos médicos. Trajano foi o único passageiro que sobreviveu, tornando-se a voz de um sobrevivente que narra todo o percurso daquele momento do acidente, com detalhes e fatos de uma memória real e vívida.

Já na TEDx *Talks* de Grazielle Giglioli, o que chamou a atenção foi justamente o fato de se tratar da narrativa de uma mãe que conta a história da partida do filho, bem como a demonstração da emoção das pessoas que assistiam à palestra, com suas reações físicas, tais como nariz vermelho e lágrimas. Pela lógica da passagem do tempo, estaria fora do contexto natural da vida uma mãe enterrar seu próprio filho, tornando o fato ainda mais extraordinário, e remete ao pensamento de Morin (2012, p.65), “Superar não é esquecer e nem destruir. É integrar”.

Na terceira TEDx *Talks*, vemos Kristie Hanbury, modelo que conta como aconteceu o acidente que a deixou tetraplégica; uma história de superação e de morte. Cumpridos os critérios elencados anteriormente, somente 3 palestras da TEDx *Talks* foram eleitas, sendo as oito restantes excluídas por não cumprirem todos os critérios desejados.

Após a apresentação desta dissertação para a Banca de Qualificação e por sugestão dos professores avaliadores, optou-se pela utilização de uma única narrativa em função da complexidade apresentada em relação às outras, pois não envolve somente um sobrevivente de um acidente, mas um ser humano que foi dado como morto; ou seja, na “narrativa”, o protagonista foi considerado como morto. O corpus da pesquisa ficou definido com o recorte na palestra de TRAJANO (2020), realizada no ambiente das TEDx *Talks*, cuja diferenciação será explicada mais adiante, oportunamente.

Dados os critérios estabelecidos para nortear esta dissertação, seguida de um recorte mais focado para a análise das narrativas, a pesquisa bibliográfica foi realizada com base em autores que pesquisam a comunicação relacionada aos afetos de forma multidisciplinar, assim como aqueles que compreendem a narrativa como uma forma de mediação.

A partir deste percurso metodológico, chegamos à definição da estrutura da dissertação, realizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, com a introdução, está a apresentação da pesquisa, com a definição do tema, problema, objetivos, metodologia, critérios de seleção do corpus, justificativa e referenciais teóricos, além do Estado da Arte, fundamental para o diálogo com os pares cujas pesquisas possuem afinidades com esta dissertação.

No segundo capítulo, abordamos as relações entre comunicação, afeto, morte e suas narrativas, com os conteúdos subdivididos em a. Comunicação como artifício diante da consciência da morte; b. Comunicação e afetos; c. Comunicação e narrativas, diante da vida e

da morte e d. narrativas inspiracionais. Este segundo capítulo contém a discussão da comunicação em sua relação multidisciplinar com a cultura, com os autores que oferecem a base epistemológica e analítica para esta pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta o Canal da TED *Talks* e das TEDx *Talks*, momento no qual também se dá início às análises dos conteúdos do canal e à TEDx *Talks* eleita como corpus da pesquisa. Este capítulo apresenta a análise da narrativa com o enredo: início, desenvolvimento, clímax e desfecho, indicando como os afetos e o tema da morte são abordados, em quais momentos, com quais relações, qual a forma de apresentação destes conteúdos e com quais aparentes finalidades.

O quarto capítulo propõe o encerramento da pesquisa com análises e considerações, tais como o fato de que a narrativa pode se tornar inspiradora no momento em que afeta os participantes e poderia ser traduzida em alívio, libertação, solidariedade, revelações e até mesmo, milagres.

Abordamos a questão dos afetos e como estes funcionam com um gatilho mental, por meio das modulações e da “*qualia*” (qualidade e atributos ligados às percepções), memórias associadas, imagens. Uma percepção interessante é que o palestrante não está isento de ser afetado pois as próprias memórias, também são estimuladas e passam pelo gatilho mental; talvez, momentos que tenham ficado bloqueados na mente do palestrante e que poderão surgir.

Ao mesmo tempo, a relevância do tema fundamentado em Cyrulnik (2012), acreditar que irá trazer bem estar, poderia ser um dos melhores caminhos para que a TEDx *Talks* seja inspiradora e talvez, reveladora do milagre; basta acreditar.

Ao final, apresentamos as considerações que indicam a compreensão da morte, ratificando a vida. Estar vivo significa a condição de poder ser afetado.

1.4 Justificativa

As TED *Talks* constituem-se enquanto narrativas, que podem ser utilizadas em diversas plataformas midiáticas na esfera pública, com conteúdos diversos, inclusive no mercado de trabalho e nos diálogos cotidianos.

A relevância dessa pesquisa está em apontar para uma possível abordagem das narrativas e seus processos comunicacionais, uma vez que a compreensão dos afetos, conforme veremos ao longo desta dissertação, pode propiciar uma postura que leva em consideração não somente resultados produtivos, mas também as complexidades que envolvem a vida e a

comunicação humana em situações limítrofes, como por exemplo, a morte, e que se transformam em narrativas de cura, narrativas inspiracionais e inclusive, transformacionais, de acordo com os afetos, a construção do mundo interior e da cultura de cada participante de uma TED.

1.5 Referenciais Teóricos

O autor que embasa esta pesquisa quando se aborda o afeto é Boris Cyrulnik (1937), utilizado e reconhecido em trabalhos de pesquisa em comunicação, sob um ponto de vista multidisciplinar, e que debate sobre o tema da Biologia do Apego, considerando o ser humano de forma integral, compreendido como corpo, mente e espírito, traduzido como biopsicossocial². A visão do autor combina com o momento contemporâneo de mudanças e desafios, sejam tecnológicos: por meio da hiperconectividade, como culturais, haja visto as mudanças culturais oriundas em função da Pandemia do Covid-19, e, por meio de uma visão multidisciplinar. Assim, compreendemos o ser humano como um ser biopsicossocial, daí a relevância do contexto de vida e das vivências para o cérebro, com impactos na comunicação e comportamento humano.

Os livros escolhidos para embasar a discussão sobre comunicação e afeto, neste trabalho, foram: a. *Os Alimentos do Afeto* (1995), por tratar do tema dos afetos por meio de um novo olhar biopsicossocial e multidisciplinar; b. *Resiliência* (2001), que retrata especificamente os conceitos sobre a resiliência; c. *De Corpo e Alma: A Conquista do Bem-estar* (2009), que trata de conceitos sobre narrativas culturais, a biologia do apego e os afetos, assim como do bem-estar; d. *Dizer É Morrer: A Vergonha* (2012), que revela aspectos importantes sobre a exposição da narrativa em qualquer forma de intermediação, seja em uma conversa informal e, ao mesmo tempo, apresentando variantes sobre o ser humano nos mais diversos aspectos ligados à vergonha, - que estão ligados ao não falar - ou ao bem estar, - quando é possível expor e narrar determinadas situações de vida; e. *Diálogo sobre a Natureza Humana* (2012), que retrata o diálogo filosófico entre Cyrulnik (2012) e Morin (2012), no qual ambos falam sobre afetos, comunicação, vida e morte.

² Biopsicossocial: é uma definição para uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biológica, psicológica e social de um indivíduo. Investiga fatores sociais, aspectos socioeconômicos, culturais e inter-relacionais e que podem afetar o ser humano, visto sob todas as dimensões possíveis.

Para tratar do tema da consciência da morte, dialogamos com Morin (1921) e algumas de suas obras (1997; 2005; 2011; 2012), nas quais o sociólogo e antropólogo expõe a visão sobre a morte, enquanto fala sobre a vida, destacando o fato de que a morte é o nascedouro da cultura, já que os humanos, a partir da consciência da morte, criam uma pós vida, com prescrições, tabus e interações com os vivos, além de debater também sobre o tema da complexidade do ser humano, analisando as sociedades.

Para Morin, falar da morte é necessário como condição de compreensão da própria vida. Com Vilém Flusser (1920 - 1991), e sua obra: *O mundo codificado* (2007), podemos compreender a comunicação como artifício para esquecer a morte. Flusser (2007) afirma que o ser humano usa artifícios para poder se comunicar; artifícios estes que nem sempre são conscientes, incluindo um código simbólico dos gestos para compor o mundo de fenômenos e de significados para o ser humano.

Também embasam este trabalho os artigos da Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva (2012; 2015; 2018), que é pesquisadora sobre o tema das representações poéticas da morte em narrativas, no campo da comunicação.

Importante ressaltar que para falar sobre o tema do afeto, emoções e sentimentos, optamos por trabalhar com Antônio Damásio, que abarca conceitos da neurociência. Antônio Damásio (1944) agrega à discussão e à fundamentação desta pesquisa com as obras: *Em busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004) e *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si* (2015). Damásio (2015) vem para complementar a visão multidisciplinar do ser humano como biopsicossocial, por meio da neurociência, que baliza questões como sentimentos e emoções e seus impactos para o ser humano em suas correlações.

Para a discussão sobre narrativas, a pesquisa utiliza as ideias de Luiz Gonzaga Motta (1948), com a obra *Análise Crítica da Narrativa* (2013), para trazer fundamentos e elementos presentes nas narrativas em seus processos cognitivos e simbólicos para a construção de sentidos, criando um possível diálogo para as narrativas inspiracionais e transformacionais, contribuindo para ampliar a visão em relação às *TED Talks* e às estruturas das narrativas, inclusive nas análises que serão realizadas no capítulo 4.

O artigo das pesquisadoras da Uniso – Universidade Sorocaba, Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva e Profa. Dra. Tarcyanie Santos (2015), *Peregrinação, Experiência e Sentidos: Uma Leitura de Narrativas Sobre o Caminho de Santiago de Compostela* auxilia na abordagem do tema das narrativas, pois sua contribuição nos mostra as narrativas como produzidas pela cultura e produto cultural. Já o artigo da pesquisadora Bianca Rodrigues

Pinheiro (2018), *Entrelaçamentos entre Depressão, Narrativas de Si e Cultura Terapêutica no TED Talks*, apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, compõe a abordagem do tema da narrativa e dos formatos de confissão ou testemunho, como narrativas de “si”. A autora avalia duas TED Talks e o potencial de transformação sobre o narrar de “si” e as questões inerentes à depressão. Em conjunto com o artigo das pesquisadoras, Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva, Maria Fernanda Cavassani e Renata de Brito Silva (2019), oferecem contribuições com o artigo *Comunicação, Mediação e Narrativas: Por um Possível Diálogo*, no qual as pesquisadoras trazem conceitos sobre as narrativas, explicando o conceito de narratologia e apresentando parte da trajetória das vertentes de estudos das narrativas, com o objetivo de apontar para a importância destes estudos para a área da comunicação:

[...] na tentativa de tecer uma aproximação entre o pensamento de distintos autores, não com a finalidade de apontar divergências, mas sim, as complementações que nos parecem produtivas para a compreensão da narrativa como um produto da cultura, como um processo de comunicação (envolvendo mediador e mediação) e como uma forma de se produzir vinculação e conversação (SILVA; CAVASSANI; SILVA, 2019, p. 1).

Para tratar do tema das narrativas inspiracionais e transformacionais, a fundamentação teórica será realizada a partir dos trabalhos do pesquisador Vander Casaqui (2016). O pesquisador traz uma abordagem crítica da cultura da inspiração, por meio da análise da produção de narrativas no ideário da sociedade empreendedora. Casaqui (2016) propõe a cultura da inspiração como meio de comunicação e transformação do outro no ambiente determinado pela teoria como “auditório social”.

Vale ressaltar que para compor o referencial teórico relativo às TED Talks e TEDx Talks foi utilizado o livro de Chris Anderson (2016), *O Guia Oficial do TED para Falar em Público*, que oferece a história e informações sobre o canal da TED Talks. Para fundamentar conceitos relativos ao referido canal, o pesquisador eleito foi Vander Casaqui (2016; 2017; 2020), com os artigos científicos publicados e disponíveis na plataforma científica Scielo, Google Academics, conforme a revisão bibliográfica nos apontou.

1.6 Estado da Arte

Após pesquisa bibliográfica, no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes e no Google Academics, realizadas em junho de 2021, com as palavras-chave com foco em: comunicação, afeto, morte e TED Talks e TEDx Talks, levantamos um estado da arte a fim de encontrar

referenciais que pudessem amparar a construção do conhecimento proposto por essa pesquisa, na tessitura de diálogo com os pares. Encontramos 25 dissertações de mestrado e teses de doutorado e elencamos 7 trabalhos mais próximos da pesquisa a ser desenvolvida, sendo que nem todos foram utilizados na íntegra, porém, todos contribuíram de alguma forma para esta pesquisa.

A dissertação de mestrado de Daniel Ganzarolli Martins (2019), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa: Ciência, Cultura e Educação, da Universidade Federal Fluminense, possui como tema: *Um Ambiente Chamado Escola: Narrativas Atravessadas por Afetos e Encontros*. Martins (2019) tem como uma das principais referências teóricas em sua dissertação os postulados de Walter Benjamin, um dos autores com o qual também dialogamos. Martins destaca, em especial, os conceitos benjaminianos de narrativa, que

a narrativa se constituiria numa forma marcadamente artesanal de produção de sentidos. O narrador conjuga as mãos, os olhos e o espírito, colocando a sua marca nas palavras que se sucedem, tal como um oleiro que modela um vaso (MARTINS, 2019, p. 23).

O pesquisador aborda a potência das narrativas nas suas mais diversas formas para a construção da realidade, além da força que possuem na modelagem da subjetividade humana.

Percebemos a convergência, com Walter Benjamin, entre as narrativas e o contexto social, quando Martins, na referida dissertação, destaca que a narração demanda “uma escuta atenta”, indicando que é por meio dela que continuamente remodelamos nossas identidades. As narrativas podem produzir mundos, conectar pessoas, construir relações, elaborar subjetividades e tornarem-se parte de nosso cotidiano.

Um outro ponto importante é quando o autor cita Spinoza e aborda os conceitos de afeto e encontro, intimamente relacionados um ao outro, pois é a partir do encontro de corpos que os afetos navegam. Sobre afeto, cita: “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada” (SPINOZA, 2009, p. 98 *apud* MARTINS, 2019, p. 34).

Para compor o estado da arte, também foi selecionada a dissertação de mestrado de autoria de Luiz Guilherme Vieira Allegro (2006), com o tema: *A Reabilitação dos Afetos: Uma Introdução no Pensamento Complexo de Edgar Morin*. Ao eleger esta dissertação para compor o estado da arte, foi considerado o fato de encontrarmos nela o pensamento de Edgar Morin e a conexão dos seus estudos com a morte.

Logo na introdução o autor apresenta um posicionamento de Edgar Morin, que lamenta a sociedade moderna que privilegia o quantificável e elimina tudo o que o cálculo pode ignorar,

tomando por exemplo: a vida, a emoção, a paixão, infelicidade e a felicidade. Essa afirmação indica que o homem não aparece mais como figura vívida, social; o que direciona o pensamento para um questionamento: Por que temer falar da morte? Morin é essencial nesta pesquisa quando indica que não há nada mais biológico do que o nascimento, o sexo e a morte, que são, ao mesmo tempo, recheados de símbolos e cultura. Vale salientar que o autor da pesquisa relata a visão de Morin sobre natureza e cultura e coloca o ser humano como um ser biopsicossociocultural³.

Allegro (2006) segue com a definição de Morin quando este cita que: “a ciência do homem necessita justamente de uma abordagem existencial aberta à angústia, gozo, à dor e ao êxtase” (MORIN, 1975, p. 218 *apud* ALEGRO, 2006, p. 28), justamente em função do caráter de complexidade do ser humano. Coloca ainda a importância da subjetividade humana na visão de Morin, quando cita as diversas potências, dimensões e experiências do ser humano, como a afetividade: amor, ódio, angústia, imaginação, sonho; e cita a psique como um campo do espírito no qual se pode experimentar os eventos dos afetos. Morin (2005, p.108) ainda afirma que a “alma emerge a partir das bases psíquicas da sensibilidade e da afetividade.”

Martins discute as narrativas a partir do pensamento de Morin, quando este defende que até mesmo as atividades racionais são acompanhadas do que ele chama de afetividade, quando ressalta que “nossa realidade é uma co-criação em que a afetividade entra com a sua parte”, pois “a vida precisa ser nutrida de sensibilidade e imaginário”. (MORIN, 2012, p. 122).

Somamos ao estado da arte, ainda, um artigo apresentado no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Santa Catarina (2018), com o título: *Entrelaçamentos entre Depressão, Narrativas de Si e a Cultura Terapêutica das TED Talks*, escrito por Bianca Rodrigues Pinheiro (2018), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A autora também analisa palestras das *TED Talks*, motivo pelo qual o artigo foi selecionado para compor o estado da arte. A autora indica a depressão como o mal da sociedade contemporânea, com base em dados da OMS – Organização Mundial da Saúde, e afirma que essa é uma preocupação para o ecossistema das sociedades.

Pinheiro (2018) aborda meios de comunicação como o canal de YouTube do *TED Talks* enquanto facilitadores, nos quais pessoas podem relatar suas experiências por meio de seus testemunhos e faz uma referência às *TED Talks* como forma de expressão de uma cultura

³ Biopsicossociocultural: traduzir o ser humano como um ser biocultural não é simplesmente justapor estes dois termos, mas mostrar que eles se coproduzem e que desembocam nesta dupla proposição: Todo o ato humano é, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural.

terapêutica, com base em conceito de Phillip Rieff. Nesse contexto, aponta para o aspecto inspiracional desse modo narrativo.

Uma das características indicadas com relação à cultura terapêutica é falar em público, expor o sofrimento e as experiências traumáticas, fraquezas e vulnerabilidades, como modo de direcionar para uma cura. Neste artigo, há a indicação de um aumento de relatos biográficos terapêuticos online, inclusive por meio de *TED Talks*.

Pinheiro (2018) menciona Benjamin para falar de uma aura contemporânea, que estaria relacionada, nos relatos autobiográficos, não a uma consistência, mas sim a uma referência de autoria, tornando as narrativas verdadeiras enquanto traduções de experiências íntimas. A autora fala de duas formas de narrativa: confissão e testemunho. Na primeira, em que traça uma analogia aos confessionários e consultórios médicos, há uma orientação privada e exclusiva, pois não é feita publicamente e direciona para culpa. Já o testemunho tem uma orientação pública para a inocência, na medida em que a culpa passa a estar em um elemento externo que geralmente aparece como uma experiência traumática. A autora cria uma conexão com o canal *TED Talks*, que traria as narrativas de testemunho em muitas de suas produções.

Vander Casaqui (2017), aqui elencado como pesquisador de *TED Talks*, pesquisa sobre a cultura da inspiração, que aborda também uma análise sobre as *TED Talks*, que se correlaciona com o tema ora pesquisado. Em seu trabalho: “a abordagem crítica da cultura de inspiração: Produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora”, o pesquisador apresentou um projeto sobre a cultura da inspiração e que se conecta diretamente com as narrativas do *TED Talks*, como o projeto *Imaginavc*⁴, cujo objeto seria a produção de 75 vídeos inspiracionais e o despertar do imaginário da geração Y. O pesquisador indica que as narrativas inspiracionais articulam a experiência humana e visam promover a ideia de comunidade, com práticas e afetos, que poderiam ser compreendidos como compartilhados. Ao trabalhar modelos de histórias humanas, trabalha-se a inspiração. O autor remonta à Grécia antiga, quando as musas causavam inspiração, e avalia esta mesma inspiração na modernidade, apresentada como um estado motivacional decorrente de atos produtivos da arte, ciência e pessoas que promovem a inovação. Vander Casaqui (2017) aponta as narrativas de *TED Talks* como paradigma da cultura de inspiração, que buscam produzir mensagens de valor, capazes de convencer, emocionar e de promover transformações na vida das pessoas.

⁴ O Projeto, *Imaginavc* é um projeto inspirado no painel abordado pela pesquisa sonho brasileiro (projeto sonho Brasileiro, 2011) realizada pela agência Box 1824, que ela é os jovens na faixa dos 18 a 24 anos como o centro primário da influência da transformação da sociedade brasileira. O projeto pode ser consultado na página da plataforma Catarse disponível em <https://www.catarse.me/imaginavc>. Acesso em 26/11/2021 - 15:28hs.

O pesquisador ressalta ainda que as TED *Talks* são revestidas de uma “aura descompromissada de compartilhamento de ideias” (CASAQUI, 2017, p. 11), por meio de narrativas que se apresentam como sedutoras e com olhar para o bem comum, porém, em um contexto midiático e mercadológico.

Para ainda compor o estado da arte, mencionamos o artigo das pesquisadoras Monica Martinez e Vanessa Heidemann (2019), publicado na revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, *Jornalismo Literário: Afeto e Vínculo nas Narrativas*. A atenção para este artigo se deu em função do estudo apresentado sobre o “vínculo”, que analisa desde a raiz da palavra latina *vinculum* até os estudos realizados por Baitello Junior, que traduz vínculo com o significado de ligação, elo, relação. Já o afeto, segundo as autoras, costuma ser associado às afeições como carinho, amor, bondade entre outros.

Voltando ao vínculo, mencionam-no como possível consequência das sensações que movimentam corpos e que, ao mesmo tempo, afetam as pessoas. As pesquisadoras trabalham uma visão multidisciplinar com relação ao afeto e vínculo. Para as pesquisadoras, os afetos são manifestações do presente, não havendo distinção entre passado e futuro, portanto, constroem o mundo interior. Pela visão de Boris Cynulnik, citado pelas autoras, “o vínculo denota a necessidade da espécie humana de estar-com” (CYRULINK, 1999, *apud* MARTINEZ; HEIDEMANN, 2019, p. 5). As pesquisadoras indicam que “a partir dos afetos tecemos as relações que nos vinculam” (MARTINEZ; HEIDEMANN, 2019, p. 5), e que os afetos podem incitar uma aproximação (ou mesmo a rejeição) ou reforçam relações já existentes; indicam que os vínculos são as relações que nos atam, nas quais as narrativas dos outros adquirem um tom de convite para atravessar portas, uma característica humana e natural da própria espécie.

2 NARRATIVAS INSPIRACIONAIS: COMUNICAÇÃO, AFETOS E MORTE

Neste capítulo apresentamos discussões acerca dos conceitos de comunicação, relacionados aos afetos, às narrativas, comunicação e a morte.

2.1 Comunicação como artifício diante da consciência da morte

Nesta etapa, abordamos a comunicação em relação com a consciência da morte, sob a ótica de Vilém Flusser (2007), Morin (1997) e Cyrulnik (2009). Além destes autores,

procuramos dialogar com as pesquisas sobre as representações poéticas da morte nas narrativas midiáticas de Silva (2018).

Flusser (2007, p.89) afirma que a comunicação humana “baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos”. Interessa para este trabalho o fato de que o autor entende a comunicação como um artifício para nos enganar acerca da profunda solidão gerada pelo fato de termos consciência de que a morte é inescapável (SILVA e SILVA, 2012).

Flusser, ao tratar da comunicação humana, destaca o fato de que organizamos artificialmente um conjunto de códigos, acrescentando à natureza uma segunda natureza, a da linguagem, pois nos esquecemos de que a linguagem é artificial quando nos comunicamos (SILVA e SILVA, 2012). Nas palavras do autor:

O caráter artificial da comunicação humana (o fato de que o homem se comunica com outros homens por meio de artifícios) nem sempre é totalmente consciente. Após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade: depois que se aprende o código dos gestos, pode se esquecer que o anuir com a cabeça significa apenas aquele "sim" que se serve desse código. Os códigos (e os símbolos que os constituem) tornam-se uma espécie de segunda natureza, e o mundo codificado e cheio de significados em que vivemos (o mundo dos fenômenos significativos, tais como o anuir com a cabeça, a sinalização de trânsito e os móveis) nos faz esquecer o mundo da “primeira natureza”. (FLUSSER, 2007, p. 90).

Ao dizer que o mundo da segunda natureza, a linguagem, faz com que esqueçamos o mundo da primeira natureza, parafraseando Silva e Silva (2012) “Flusser reafirma o fato de que a linguagem, a cultura e a comunicação são artifícios que tornam a vida possível, para que possamos nos esquecer da morte”. Para Flusser (2007), a codificação criada pelo ser humano indica que a comunicação não é natural; se precisamos de um código, precisamos de uma estrutura aprendida anteriormente para significá-lo. A exemplo dos gestos que se conectam ao não verbal e da significação de um “sim” com um ligeiro movimento com a cabeça, ou, arquear sobrelhas para uma expressão de surpresa, que são formas aprendidas artificialmente e naturalizadas.

Os códigos da linguagem, na visão de Flusser (2007), compõem a segunda natureza: a do mundo codificado. E o mundo é codificado por uma comunicação que deixa dúvidas em aberto, como por exemplo, quando as pessoas dizem: não era bem isso o que queria dizer, poderia ter sido mais claro. É a interpretação da realidade criada pela linguagem.

Para compreender a complexidade relativa à comunicação entre seres humanos, Silva e Camargo (2018) citam Morin (1997), com relação à importância da transmissão das culturas entre as gerações, como forma de se contrapor à morte. Para o autor, a cultura, vista como “patrimônio coletivo de saberes, habilidades, normas, regras de organização e etc., só tem sentido porque as antigas gerações morrem, e é preciso transmiti-la às novas gerações”. (MORIN, 1997, p. 10) .

Cultuar o morto por meio de rituais poderia ser traduzido como uma forma de cultura e organização de saberes. Mais do que isso, a morte parece fundamental para a transmissão destes saberes, “pois só há sentido em compartilhá-los para que sejam preservados, já que a vida se destina à morte – a cultura existe porque a vida acaba” (SILVA; CAMARGO, 2018, p. 15). Na visão de Morin (2012) sobre as conexões entre os saberes, a cultura, mediante a sua construção histórica e complexidade, faz o papel de mediação de crenças e valores de uma sociedade. Nas palavras do autor: “De fato, o verdadeiro problema é fazer a ligação entre os saberes compartimentados e uma vontade de integrá-los, contextualizá-los ou globalizá-los”. (MORIN, 2012, p. 9).

Se a cultura é determinante para a interpretação dos processos comunicacionais, uma forma de mediação, para Morin, segundo Flusser (2007), a própria comunicação como ciência deve valer-se da interpretação dos fenômenos, não da sua explicação. Segundo o autor: “Depois, a teoria da comunicação seria uma disciplina interpretativa: ela tem que criar significados”. (FLUSSER, 2007, p. 91). Compreendendo a morte em sua relação com a cultura e a comunicação, observamos que cada cultura interpreta e dá significados para a morte de uma forma e, conseqüentemente, cada cultura gera uma resposta comunicacional diferenciada, pois são artifícios, códigos que atuam na mediação da morte para criar significados.

Essa gama variada de interpretações possíveis demonstra a complexidade da cultura e suas múltiplas significações. A codificação, a interpretação e a compreensão do fenômeno da morte, são ao mesmo tempo particulares e coletivas, porque são culturais e, seguindo o critério de primeira natureza, inacessíveis em sua totalidade; experimentada como fenômeno humano na relação com o outro (porque só podemos experimentar a morte dos outros), quando transformadas em linguagem, cumprem o critério de segunda natureza, que oferece possibilidades de acesso por meio da mediação, conseqüentemente, da compreensão do fenômeno da morte, que é muitas vezes evitado pelo ser humano, apesar de ser tão natural quanto o nascer, segundo Morin (2012).

As mídias, por sua capacidade de difundir representações complexas, configuram-se como forma de integrar os conhecimentos acumulados com as narrativas orais sobre o tema da

morte. Quando se trata das mídias contemporâneas, são capazes de retomar a tradição, atualizá-la e levá-la a um público mais amplo. É o que discutem Silva e Camargo (2018), a partir da pesquisa realizada sobre a onipresença de representações da morte na novela *Velho Chico*, exibida pela TV Globo em 2016. As autoras, amparadas no conceito de narrativa de Walter Benjamin, afirmam que:

Ao resgatar mitos e lendas do São Francisco, a novela repercute um tipo de comunicação mais primitiva, vinda da oralidade, e mais duradoura do que a simples informação, porque passada adiante, de geração em geração, pelo simples fato de ser possível recontá-la sem necessidade de provas, mas pelo encantamento que produzem e pelas verdades arcaicas que carregam”. (SILVA; CAMARGO, 2018, p. 139).

O que as autoras propõem é que na narrativa da novela *Velho Chico*, o novo e o arcaico se encontram, atualizando-se mitos, tradições e linguagens relacionadas às práticas da comunicação oral, oferecendo-se uma forma de comunicação composta por camadas que envolvem textos múltiplos: imagens, palavras e sons em que a temática da morte reforça as ideias de ciclo, de continuidade, de renascimento, inserindo um tempo que, no presente, no contemporâneo, retoma as camadas do passado que compuseram a ideia de que vida e morte se retroalimentam continuamente, tanto como ciclos da natureza quanto da cultura, que devora o velho para dar vida ao novo.

Flusser (2007, p. 90) afirma que “o homem é um animal social, que tem a necessidade de comunicar-se para esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte”. Portanto, ainda na visão das autoras, “Logo, as relações humanas e seus vínculos são tentativas de gerar a comunicação, uma vez que o homem precisa de interação com seus iguais.” (SILVA; CAMARGO, 2018 p. 4). A morte, aqui estudada como fenômeno da cultura e da comunicação, gera códigos e sentidos.

Para Morin (1997), a importância de se estudar a morte deve-se ao fato de que ela é o traço mais humano da sociedade, na qual a cultura do indivíduo faz reconhecer que a morte está relacionada à perda da individualidade. Um indivíduo que morre não significa absolutamente nada para o restante da espécie – mas o fato de ter sua individualidade reconhecida e, na morte, destruída, é o que faz da morte o maior dos dilemas humanos:

a morte como o traço mais humano, mais cultural do *antrophos*⁵, responsável por distingui-lo dos outros seres vivos, pois se trata de uma ruptura responsável por afirmar o indivíduo e prolongá-lo no tempo. Os mortos cultuados são tornados vivos. Inventar-se uma vida pós-morte. Surgem ainda crenças, tabus, presságios e a religião,

⁵ Antropho: Tem conexão com a palavra antropologia. Esta, tem origem no idioma grego, e o radical “*antropo*” vem de *antrophos* (homem) e “*logia*” vem de logos, razão ou, em sentido específico, estudo.

responsável por oferecer a adaptação à inadaptação do homem na relação com a mortalidade. (MORIN, 1997, p. 10).

Ao reunirmos o pensamento de Flusser (2007) e de Morin (1997), seria possível encontrar um ponto de convergência entre estes autores quando Morin (2012) cita a morte como natural e que, o culto aos mortos, por meio da cultura, torna-os vivos. Já para Flusser (2007) a comunicação é um artifício que existe em função da necessidade de nos iludirmos sobre o inescapável da morte; assim, por meio de códigos artificiais responsáveis pela produção de sentidos, a comunicação seria uma linguagem da não morte, o único meio de diferenciação entre vida e morte, afinal, mortos não falam, mas, sim, são cultuados pelos vivos – falam através da cultura, portanto. O ser humano se comunica para ter a certeza sobre a vida: a constatação de estar vivo e de poder evoluir.

Sobre a ideia da morte como perda da individualidade, é possível relacionarmos o pensamento de Morin (1997) ao de Flusser (2007), que debate sobre a fundamental relação entre a comunicação e a consciência da morte. Para ele a comunicação é um artifício criado para que suportemos a angústia da certeza sobre a nossa finitude.

O objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos - completamente sozinhos e "incomunicáveis" -, ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte - o mundo da natureza. (FLUSSER, 2007, p. 90).

Aqui, passamos a ótica de Cyrulnik (2009), que além de psiquiatra, é um etólogo: estuda a biologia do comportamento, método comparativo que integra dados genéticos, neurológicos, psicológicos, sociológicos e linguísticos. Segundo ele, “uma atitude multidisciplinar permite estudar os seres vivos (animais e humanos) numa ótica evolutiva (CYRULNIK, 2009, p. 4 e 5). Pensando-se a comunicação sob um ponto de vista multidisciplinar, Morin (2012) também se utiliza da etologia para a compreensão da cultura e da comunicação, destacando o fato de que todo ser vivo, especialmente o ser humano, possui o que ele denomina como eco organização, o que dá à comunicação e à cultura um caráter sistêmico:

E o que vale para a etologia vale para todas as ciências! O que denomino eco organização é o que todo ser vivo e, principalmente o ser humano, possui em seu próprio interior – a organização de seu meio. Falamos porque temos em nosso interior a cultura, a linguagem, os conhecimentos de nossa sociedade. (MORIN, 2012, p. 19).

Da mesma maneira que Morin (1997) aponta para a morte como fato fundamental da cultura, capaz de gerar símbolos, religiões e tabus, também Cyrulnik (2009) destaca a importância deste fenômeno para as relações humanas, no sentido de que a morte humanizada se torna mais complexa do que apenas um fato biológico. Com a cultura, o homem encontra modos de dar sentido à morte, propondo um universo segundo, no qual os mortos permanecem vivos e, inclusive, relacionam-se com os vivos, interferindo em seu cotidiano e perpetuando-se na memória dos que permaneceram. Assim, Cyrulnik (2009 p. 54) conclui: “E se a cultura dá sentido à morte, procuramos reencontrar uma direção de vida, ou projeto no qual o falecido ocupará um lugar particular”.

É neste momento que o ser humano ressignifica a morte biológica. E para ocorrer o processo da ressignificação, o ser humano utiliza significados anteriores, arquivados na memória, intentando a substituição do afeto negativo como: a dor, o sofrimento, a tristeza, a mágoa ou o sentimento de injustiça que acontece com a morte de um ente querido, procuram-se as razões culturais para a morte, por meio da narrativa e da memória materializada em uma linguagem verbal que busca o afeto positivo, por meio de cenas positivas que geram novos apegos. Por exemplo, quando se utiliza de expressões que evocam uma memória, ou prevê aquilo que não se realizou, mas que guarda um desejo: "Ah, se meu pai estivesse aqui ficaria feliz"; “Nossa, e se minha mãe pudesse imaginar, estaria batendo palmas”; são frases que podem demonstrar o afeto positivo e a procura ao afeto substituto, pois a perda quebrou o vínculo de apego.

E ao abordar o tema relativo ao luto, Cyrulnik ainda ressalta:

Quando as perdas não são nem acolhidas nem significadas, ao enlutado resta apenas se encolher para sofrer menos. A dor o impede de falar, ele cerra os dentes e se isola. Fazemos a mesma coisa quando a cultura nos faz calar. É a significação da morte que organiza nossas defesas. (CYRULNIK, 2009, p. 54).

Isto significa que há uma profunda conexão entre a comunicação, a cultura e a consciência da morte. Dar sentido à morte por meio da cultura é uma forma de preservar a nossa sanidade e equilíbrio. Comunicar a morte a nós mesmos, como sujeitos de linguagem, é uma forma de organização interna, que pode se instaurar por meio das narrativas sobre o tema.

Ainda com relação ao luto, vale frisar a fundamentação do autor: "A perda é individual, mas o luto é coletivo" (CYRULNIK, 2009, p. 55). Isto significa que, por vivermos em sistemas sociais, a morte é tratada ou representada de forma coletiva – é uma construção social a ser comunicada por meio de processos intersubjetivos. E para que a dor da perda seja remanejada,

reorganizada, o enlutado oferece a si mesmo rituais próprios e símbolos culturais, portanto, comunitários, como por exemplo: porta-retratos, cartas para o falecido, livro biográfico, que se traduz como representação da presença e que, talvez seja uma forma individual de preencher um vazio. Neste sentido, ainda é possível observar a descrição do autor: "depois que fiz um quadro com as fotos dele, depois que escrevi sua biografia, sinto-me vazio da perda porque estou aprendendo a viver com ele, não com sua presença real, mas com a de sua representação" (CYRULNIK, 2009, p. 55).

E ao remanejar as representações, substitui-se o apego e criam-se novas figuras de apego nas representações mentais, pois: "Quando uma figura de apego desaparece é uma enorme parte do seu mundo sensorial que some" (CYRULNIK, 2009, p. 55). O desaparecimento é uma perda que pode ser por luto ou por distanciamento físico ou emocional; uma âncora para a figura de apego que se perde, levando uma parte do mundo sensorial; aqui compreendido como mundo físico e sensorial, porém, a memória e as lembranças existem na mente do ser humano, e o remanejamento das representações se dá via substituição da figura de apego e que, por sua vez, irá reconstruir o mundo sensorial.

Há que se notar a diferença quando Cyrulnik (2009) faz uma separação entre uma perda afetiva relacionada à morte e a outros tipos de perdas, não necessariamente relacionadas à morte, o que significa que nem sempre o luto se refere a alguém que faleceu. Nas palavras do autor, a "perda afetiva e a representação do ente querido perdido, ajuda a compreender que nem todos os lutos estão ligados à morte" (CYRULNIK 2009, p. 55).

Para o estudo das narrativas de TED *Talks* que abordam o tema da morte, é importante ainda compreender que "As circunstâncias reais da morte participam da construção do sentido de que o fato é impregnado" (CYRULNIK, 2009, p. 57). Isto nos auxilia na justificativa sobre a importância do contexto para a compreensão de quanto determinadas narrativas sobre a morte são ou não potenciais para a geração de afetos, tendo em vista que o modo como se deu a morte de alguém é extremamente importante como fator de impacto, por sua dramaticidade em termos de enredo, o que em narrativa é conhecido como incidente incitante, ou seja, a capacidade dramática que um fato tem de transformar toda a continuidade das ações.

Por sua formação em etologia, é importante ressaltar o fato de que Cyrulnik (2009) não descarta a relação de afeto provocada pela morte em outros animais que não o humano, mas reforça que por conta deste humano ser um ser simbólico, esse afeto é mais drasticamente acionado entre seres humanos que vivenciaram a morte de um ente querido:

[...] no macaco ou num elefante, o mero fato de ver o local onde um ser de apego desapareceu faz a tristeza voltar. É fácil imaginar então que, num ser humano, cujo mundo interior está repleto de representações, esse tipo de sofrimento retorna ante o menor indício que lembre o falecido e ante o menor ritual inventado para fazer pensar nele. A cada aniversário, o simples fato de lembrar do falecido provoca uma emoção. (CYRULNIK, 2009, p. 59).

Lembrar de pessoas, comemorar aniversário de “morte”, chorar, colocar flores em cemitérios, feriado de finados, são rituais da cultura brasileira e que retomam o sofrimento. Um dos aspectos envolvidos nessas construções das lembranças é a possibilidade de lidar com a morte e com as perdas, o que significa uma forma de comunicação e reorganização intra e intersubjetiva.

Sabemos que a cultura da morte produz uma herança que se perpetua de geração a geração, por meio das narrativas, que dão uma sobrevida àquilo que poderia deixar de existir. A cultura da morte poderia abarcar várias interpretações, porém, vamos observar pela visão de um produto da forma subjetiva que o ser humano percebe a morte, positivamente ou negativamente, e esta forma de encarar gera a cultura da morte que poderá ser refletida por gerações, como por exemplo, na ordem familiar por meio dos usos e costumes: a herança cultural subjetiva e repleta de envoltório sensorial familiar no qual o ser humano é inserido desde pequeno.

Em uma aproximação com o que ocorre biologicamente, vemos, com Cyrulnik (2012), que a vida ultrapassa a morte em seu ciclo de renovação, pois tudo que é vivo, morre; porém, aquilo que morre dá origem a novas formas de vida. Assim, a morte toma tudo o que vive, mas a vida prossegue:

A ideia da morte. Se tomarmos este conceito no plano biológico, nos daremos conta de que o ser vivo organizado se desgasta e chega progressivamente à morte, ao fim do indivíduo, isso no sentido biológico do termo. Se deixarmos laboratório de lado e repusermos essa aventura no domínio vivo, constataremos que o indivíduo pode morrer, mas a vida não. A própria vida não para de se transmitir (CYRULNIK, 2012, p. 44).

Quando Cyrulnik (2012) cita que a vida não para de se transmitir há uma referência à sequência da vida, seja nos filhos, nos amigos, e por que não, uma vida social. A vida não se resume ao ser humano e sim, a uma vida contínua onde a cultura ratifica a continuidade.

Biologicamente a vida está garantida, e a continuidade cíclica também, ainda que vida que se faça da morte, em uma composição de ciclos naturais, pois como diz Morin (2012, p. 47): “O ciclo de vida é, um ciclo de morte”.

A consciência humana perante a morte pode ser transformada em uma esperança de que se depare com a importância da vida. Cultuar a morte, falar sobre morte e realizar as narrativas sobre a morte reverte-se em narrativas culturais que podem englobar a valorização da vida, afinal, segundo os autores, ambas acontecem e são cíclicas, sendo a morte parte do ciclo e não o fim da vida.

A morte nas sociedades dos povos antigos e extintos, como por exemplo os Maias⁶ (250 d.C. a 900 d. C.), os Rapa Nui da Ilha de Páscoa⁷ (300 d.C. e 1.200 d.C.), Astecas⁸ (1.300 d.C. a 1.521d.C.), era compreendida como um ritual de passagem. Na contemporaneidade, com a transformação das sociedades por meio do conhecimento científico, medicina e processos de sanitização, a morte passou de pública e participativa para um ato isolado.

A morte tem total conexão com a vida na medida em que é possível compreender os seus ciclos. Podemos compreender a visão evolutiva de Cyrulnik (2012), quando discute a ideia de morte psíquica e a morte física. Aqui vale um parêntese para explicar a morte psíquica que, segundo Cyrulnik (2012), é a “cripta” individual que se incrusta na alma do ferido e lá se instala por causa da reação discordante de seus próximos e de sua cultura, um ambiente seguro, protegido e inacessível mentalmente, pois persiste bloqueado pelo trauma, até que o ferido decida enfrentar as memórias.

Cyrulnik (2012) oferece a abertura para um questionamento, quando compara a vida contemporânea e a morte psíquica por meio da análise da vida nas redes sociais: o que realmente seria a vida e sua evolução no momento contemporâneo? Optar por redes sociais, aderir a elas como vícios e criptas virtuais, seria a catástrofe moderna para abarcar o conceito de Cyrulnik (2012) quando este reporta a morte psíquica?

Ao mesmo tempo em que explica os ciclos de vida e morte por meio das catástrofes, pelas quais o ser humano entra em um processo de evolução:

A genialidade humana é ter de escolher entre a evolução e a petrificação, ou seja, entre a morte psíquica e a morte física. A catástrofe talvez seja o único modo evolutivo habitual do mundo humano, no qual espécies tomaram o lugar de espécies evolutivas graças às catástrofes evolutivas. (CYRULNIK, 2012, p. 84)

⁶ Ver Povo Maia: Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/maias.htm#:~:text=Os%20maias%20foram%20um%20povo,mais%20sofisticadas%20civiliza%C3%A7%C3%B5es%20pr%C3%A9%20colombianas>. Acesso em 13 de fev. de 2022.

⁷ Ver Povo Rapa Nui: Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/rapa-nui/os-gigantes-da-ilha-de-pascoa.htm>. Acesso em 13 de fev. de 2022.

⁸ Ver Povo Asteca: Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/astecas.htm>. Acesso em 13 de fev. de 2022.

Morin (1997) pode nos auxiliar a complementar o pensamento de Cyrulnik (2012), quando reforça o conceito da morte ser natural e cultural, como uma expressão de vida:

A morte situa-se exatamente na charneira antropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do antropos. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. Não tanto o querer-viver, o que é um pleonasma, mas o próprio sistema do viver. (MORIN, 1997, p. 16 e 17).

Segundo Morin, a morte traduz a individualidade que, para alguns seres humanos pode ser traduzida como solidão, afinal: “A morte é sempre derrota de um particular e vitória de um universal”. (MORIN, 1997, p. 245). A derrota de um particular é o ser humano individualizado e solitário, intimista e que poderá vivenciar a angústia trazida pelo horror da morte ou da hora da morte, memórias que são evocadas ligadas à morte de outras pessoas, assumir a derrota individual para a morte que, obtém uma vitória em amplo sentido; ninguém ganha da morte, ela é natural e chega para todos universalmente.

Morin (1997) explica que o risco de morte nos leva à consciência da vida individual: "Portanto, em certo sentido e sem risco de morte, a consciência individual não poderia adquirir a sua têmpera, isto é, afirmar-se." (MORIN, 1997, p.250). Ter algum embate, contato ou, proximidade com a morte, traria a consciência do seu horror e vazio, pelo fato de ser a perda da individualidade. Segundo o autor:

O comportamento das duas consciências-de-si é, pois, determinado de tal forma que se provam a si mesmas e uma à outra através da luta pela vida e pela morte. Cada uma só se demonstra a si mesmo como totalidade (individualidade) indo consigo mesma até a morte. Cada uma só pode saber se a outra é totalidade (individualidade) obrigando-a a ir até à morte (MORIN, 1997, p.250).

Para Morin (1997), a morte explica a vida por meio das reações diante da consciência da morte, as mais diversas, enquanto respostas comportamentais, tais como os códigos de silêncio para não abordar o tema da morte e não trazer os seus maus agouros.

Já a angústia da morte provoca reações mágicas, tabus. Um rapazinho, resolve nunca se barbear, porque os velhos (que vão morrer), têm barba. E ele não terá barba, pois não se barbeará. Sem barba não há velhice, não há morte. Um outro recusa-se a tocar nas flores, que amanhã murcharão. Mais tarde virão os presságios em que o terror da morte tentará sondar o futuro: as aves que dão azar, os móveis que estalam, os números maléficos. É no auge desse terror que aparecem, nas nossas sociedades, o catecismo e a promessa divina, que correspondem à promessa que os pais fazem: "Tu não morrerás" (MORIN, 1997, p.30).

Presságios reforçam crenças, na cultura, carregada de angústia, dilema, mistério; todas são percepções subjetivas e intersubjetivas, melhor dizendo, porque são oriundas da cultura e fruto da representação simbólica, embasada na cultura. Esta representação simbólica busca referências subjetivas e as compara com a aprendizagem social, questionamentos do sim e do não, certo ou errado, é a dualidade humana que também questiona a morte.

Para Morin (1997), entretanto, a dualidade entre vida e morte, certeza e dúvida, tece o binômio relativo ao ser humano e é um retorno ao natural. A morte é natural e intimista, pois quando revelada no âmago do ser humano, torna-o angustiado com a distância do natural e da natureza:

O homem sente-se mais ou menos nitidamente estranho à natureza, e ao mesmo tempo desejoso de a reencontrar. Daí as ambivalências respeitantes a essa noção de natureza. O indivíduo sente a verdade natural no mais íntimo de si mesmo. Quer então derrubar a ordem social estabelecida para a substituir por uma ordem fiel à natureza. Mas ao mesmo tempo dá-se conta de que o regresso ao estado natural é impossível. (MORIN, 1997, p. 241).

A intimidade da morte poderia ser revelada como o momento único e reflexivo sobre a vida, passagens, certo e errado, revisitar memórias; totalmente íntimo e pessoal. Já o distanciamento do natural revela-se quando o ser humano percebe o quanto se distanciou da verdade da morte, pois ela chega para todos como fato inevitável e natural, portanto, conecta-se à própria natureza humana.

A morte, enquanto uma lei da vida, pressupõe uma aceitação natural, um processo normal. Entretanto, não é o que ocorre, sobretudo na contemporaneidade. A morte faz parte das narrativas de sabedoria e de ritos de passagens, seja pelos pajés, sábios, sacerdotes ou os mais velhos conselheiros, diferentes dos atuais rituais sanitizantes do mundo.

Ainda vale pensar em outras duas situações de confronto: derrota e solidão, traduzidas como perdas para aqueles que amam o ente querido que partiu, mas, culturalmente, poderá se constituir como uma consciência da perda dos apegos, afetos e ausência de tudo, afinal, qual foi o ritual de passagem realizado, ou, qual foi a consciência que pode ser transmitida para outrem e para o desenvolvimento da sociedade? Uma derrota particular na qual não há um vencedor humano; derrota e solidão tornar-se-ão os mestres do momento individualizado e único – a morte. Não há como realizar uma narrativa pós morte do ponto de vista do indivíduo que morreu, não há retorno ao natural.

Após a morte, regressar para o estado natural, ou estado de vida que respira, não é possível, considerando-se a humanidade e a noção de individualidade que a sustenta. Para o ser humano, desbravador, que trava batalhas, marca conquistas e desejos, como alguma conquista ou satisfação de um desejo e do instinto natural do ser humano animal, pode não ser possível?

Abre-se a questão para a imortalidade que permanece como sonho inalcançável. No mundo contemporâneo existem meios tecnológicos para a manutenção da vida e para a continuidade desta, porém, existe um questionamento que poderá ser respondido em outro momento: a consciência da vida, alma, sentimentos e emoções. Como seria a manutenção da vida em uma transferência de memória para o robô de inteligência artificial, do processamento da memória para o algoritmo? Ainda assim, não teríamos a resposta para a consciência e talvez estejamos longe de obtê-la. Talvez uma proposta desafiadora para um aprofundamento posterior.

O mistério da consciência da morte, da separação entre o humano e o que é natural é fruto da ação humana, haja vista a evolução que foi atingida pelo ser humano, com a expansão dos territórios, criação de máquinas, invenção de tecnologias e o desenvolvimento econômico que, em realidade, o afastam do natural e da natureza humana.

Já sobre os rituais sanitizantes, repletos de processos burocráticos e de caráter econômico, Morin (1997) especifica como uma economia da morte, como se pode verificar com o pensamento do autor:

Assim, os dados da economia da morte, dos funerais, do luto e tanto da mentalidade (primitiva) como mentalidade infantil, a partir do momento em que esta (realiza) a morte, confirmam conjuntamente, de forma decisiva, a existência de um dado não menos elementar e não menos fundamental do que a consciência da morte e que a crença na imortalidade: São as perturbações provocadas pela morte na vida humana, aquilo que se entende por (o horror) da morte (MORIN, 1997, p. 30).

Vale ressaltar que o horror da morte surge da crença que o ser humano tem sobre a imortalidade da vida; e o momento da morte, é um momento íntimo, de consciência e horror. O ser humano se prepara para viver, e não para morrer.

A sociedade dos seres humanos ainda aprende a lidar com a morte. Rituais foram sendo abandonados e transformados. Desta forma, é a consciência da morte que valida a vida por meio da consciência individual, ou existe uma batalha interna e própria entre as duas consciências, como indicado por Morin (1997).

Morin (1997, p. 250) ainda acrescenta que “o risco de morte é participação e a participação é vida. O medo da vida é o medo da morte, e o medo da morte é o medo de vida. Viver é assumir o risco de morrer”. Seguindo o pensamento do autor, viver sem morrer e morrer sem viver é não ter vivido a vida; afinal, de que valeria a vida sem consciência, quando: "O ser que arriscou a vida e escapou à morte pode viver humanamente. O que aliás é evidente: o risco de morte só tem sentido para aquele que não morre dele" (MORIN, 1997, p.251). Deste modo:

O risco não é, pois, absoluto e a morte não é inevitável, mas a sua espada ergue-se diante do espírito livre e sem preconceitos quando tem de escolher entre o risco de morte e a renúncia à sua reivindicação, isto é, a renúncia de si mesmo. Escolhendo-se, o risco de morte. (MORIN, 1997, p.253)

Risco de morte é risco da própria vida; a aventura da vida e do viver vem com riscos embutidos? Vale lembrar que: "A continuidade da necessidade do risco de morte através da história adquire assim um sentido cultural e antropológico absoluto: o risco de morte é a própria aventura humana". (MORIN, 1997, p.253). A morte tem presença na cultura e é possível ainda conectar cultura, medo e horror, seguindo as palavras do autor: "O risco de morte cultural exige-nos simultaneamente que nos defendamos do medo da morte e que lhe conservemos o nosso horror." (MORIN, 1997, p. 254). A cultura, portanto, preserva o medo e o horror advindos da morte. É a consciência cultivada pelo medo que faz com que o ser humano passe a oferecer cuidados e autocuidados, cuidar de si ou dos outros, afinal, viver é risco.

A consciência da morte, que nos empurra para a comunicação, é vista por Flusser (2007) sob a perspectiva da natureza, na qual o homem é um animal solitário, que sabe que vai morrer e que na hora de sua morte está sozinho. Para o autor: “Cada um tem de morrer sozinho por si mesmo. E, potencialmente, cada hora é hora da morte” (FLUSSER, 2007, p. 90 e 91). A hora da morte é a hora do horror do isolamento humano e da solidão; o ser humano se comunica de forma a manter-se vivo e indicar vida onde:

A comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência da filosofia e da religião, ao redor de nós, e o tece com pontos cada vez mais apertados, para que esqueçamos nossa própria solidão e nossa morte, a morte daqueles que amamos. (FLUSSER, 2007, p. 91).

É fato que o mundo codificado descrito por Flusser (2007) ganha uma enorme complexidade na contemporaneidade, a exemplo das redes sociais, que possibilitam uma oportunidade de cultuar os mortos, praticamente, imortalizando-os, na manutenção de contas

personais em redes sociais, mesmo depois da morte, seja por postagens de fotos, postagens de parabéns pela ocasião do aniversário de nascimento (ainda que de forma inconsciente, já que parte dos amigos que continuam postando parabéns não tomou conhecimento de que aquela pessoa já faleceu), ou ainda na transformação dessas redes em uma espécie de memorial.

Flusser explica que “em suma, o homem comunica-se com os outros; é um "animal político", não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão” (FLUSSER, 2007, p. 91). Incapaz de viver na própria solidão, na qual existe o mistério da consciência da morte. Flusser (2007) apresenta a comunicação como uma forma de superação da natureza humana, que seria, também, a tentativa de superação da morte:

Considerando a comunicação humana do ponto de vista da existência (como tentativa da superação da morte por meio da companhia dos outros), ou então considerando-a do ponto de vista formal (como tentativa de produzir e armazenar informações), fica parecendo que ela, entre outros aspectos, é uma tentativa de negar a natureza, na verdade tanto a "natureza" lá fora como também a "natureza" do homem. É por isso que estamos todos engajados na comunicação. (FLUSSER, 2007, p. 94 e 95).

Flusser (2007) apresenta a comunicação como um fenômeno de caráter não natural, a fim de que o ser humano consiga fugir do isolamento da morte, com a transmissão das informações de geração em geração.

Pensar na morte é lembrar da complexidade do ser humano e da teoria do *O homo complexus*, de Edgar Morin (2011, p. 130): “A noção de homem não é uma noção simples: é uma noção complexa”. O que é *complexus*? É baseado na expressão: *unitas multiplex*: o todo na parte e a parte no todo. Tudo está ligado e interconectado.

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido em junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: Ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade efetivamente é o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza. (MORIN, 2005, p.13)

A complexidade, como princípio, recomenda a associação sem discriminações. A ciência, até os meados do sec. XX, trabalhava com o conceito de redução até as partes menores para justificar e explicar o determinismo. O pensamento de Morin (2005) se baseia em três teorias: a. teoria da informação; b. teoria cibernética e c. teoria dos sistemas.

A Teoria da Informação trabalha com um universo de redundância e desordem em busca do novo, no qual a informação é o agente de organização, exclui incertezas e é portadora das novidades.

Por outro lado, a Teoria Cibernética é a teoria das máquinas autônomas, de onde surgiu o conceito de *feedback*, que rompe com a causalidade na qual a causa pode atuar sobre o efeito e vice-versa. O *feedback* pode causar a ação e também a reação.

A Teoria dos Sistemas foi eleita como base para o pensamento organizacional, em que “o todo é mais do que a soma das partes”. A organização é um todo e que alimenta, retroalimenta, as partes integradas.

A teoria dos sistemas e a cibernética se interseccionam numa zona incerta comum. Em princípio, o campo da teoria dos sistemas é muito mais amplo, quase universal, já que num certo sentido toda a realidade conhecida, desde o átomo até a galáxia, passando pela molécula, a célula, organismo e a sociedade, pode ser concebida como um sistema, isto é, associação combinatória de elementos diferentes. (MORIN, 2005, p.19)

Na visão de Morin (2005), tudo está interligado e adquire uma forma complexa. Baseado nestas três teorias, Morin (2005) elaborou a teoria da complexidade que abarca dois sentidos, união e o desafio da incerteza.

A complexidade baseia-se em três princípios: a. Princípio Recursivo: onde o início e o fim são um mesmo processo de forma radial e não linear; ou seja, para que haja vida é preciso existir a morte; b. Tudo está ligado ou holográfico: o ser humano vive uma ilusão por acreditar na fragmentação. Tudo está ligado, desde o mais simples ao mais complexo; é o princípio da vida interconectada. O todo pode ser menos ou mais que a soma das partes, aliás, a soma das partes não necessariamente traz a solução, a realidade de algo, a única certeza é a incerteza constante. Somos o fragmento de um todo maior e repleto de diversidade; c. Dialógico: vincula princípios, ou noções, antagônicas, indissociáveis e indispensáveis para a composição da realidade; não há um caminho só. A lógica é importante, mas não a única; existem vários caminhos. O importante é chegar na via adequada.

Vale ressaltar que o ser humano é caracterizado por interações e dualidades, quando se torna sábio e ao mesmo tempo lúdico, poético e econômico, empírico e consumidor; há dualidade e complexidade, e a integração auxilia na formação da visão complexa. Um ser humano complexo deseja se comunicar e utiliza as narrativas da morte para falar sobre a vida, recontar sobre as celebrações, mas também sobre os traumas. E para possíveis superações de

medos, recorre às narrativas, como conselhos que possam interagir no espaço e tempo para transformar pessoas, sociedades e culturas.

2.2 Comunicação e afetos

Cyrułnik (2009) aborda o nascimento biológico do ser humano como primeiro nascimento e indica que existe um segundo nascimento, ao qual este denominou de (re)nascimento do ser humano, por meio da descoberta da linguagem, quando cita o nascimento da linguagem (CYRULNIK, 2012, p.28). E o pensamento de Cyrułnik (2012) expõe o ser humano e a importância da comunicação.

O afeto é fundamental para a formação do ser humano, especificamente para a construção do mundo interior. Cyrułnik (2009) demonstra a importância das relações humanas, dos ambientes de conversa, contação de histórias e das narrativas; segundo o autor:

[...] curiosa exigência da condição humana: sem a presença do outro não podemos nos tornar a nós mesmos, como revelam na tomografia as atrofias cerebrais das crianças privadas de afeto. (CYRULNIK, 2009, p. 5).

Ainda que seja possível calcular o impacto da falta de afeto no cérebro, de acordo com o desenvolvimento atual da ciência, aos olhos de Morin (2012, p. 61): “Nossa razão não controla nossa afetividade e porções mais profundas”, afinal, o desenvolvimento cerebral se deu de forma conjunta e não isoladamente. Por mais força que a tecnologia e o capital exerçam de forma exacerbada sobre o ser humano, ele ainda permanece sendo afetado por outros humanos; portanto, ser humano, com reações humanas, que muitas vezes são provocadas ou se materializam por meio das narrativas.

As narrativas abarcam emoções e sentimentos, quando Damásio (2004) cita Spinoza como:

Profundamente relevante para qualquer discussão sobre a emoção e sentimentos humanos. Spinoza considerava as pulsões (drives) e motivações, emoções e sentimentos, o conjunto que Spinoza designava como afetos, um aspecto central da humanidade” (DAMÁSIO, 2004, p.11 e 12).

Para o conceito das emoções e sentimentos Damásio (2004, p.11 - 12) indica que: “A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente”. Traduzindo: as transformações passam pelo corpo,

e as modulações dos sentimentos e emoções, na mente; ambas em um processo simbiótico. Para o autor:

Na minha perspectiva atual, os sentimentos são a expressão do florescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo. Os sentimentos não são uma mera decoração das emoções, qualquer coisa que possamos guardar ou jogar fora. Os sentimentos podem ser, e geralmente são, revelações do estado da vida dentro do organismo. (DAMÁSIO, 2004, p.11).

Pesquisar a mente e os conceitos neurobiológicos dos sentimentos e emoções pode auxiliar na compreensão de como construímos nosso mundo interior. Para Damásio, trata-se de um movimento de retroalimentação constante:

Elucidar a neurobiologia dos sentimentos e das emoções que os percebem altera a nossa visão do problema mente-corpo, um problema cujo debate é central para nossa compreensão daquilo que somos. A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente. A investigação da forma como os pensamentos desencadeiam as emoções e de como as modificações do corpo durante as emoções se formam os fenômenos mentais a que chamamos sentimentos abre um panorama novo sobre o corpo e sobre a mente, duas manifestações aparentemente separadas de um organismo integrado e singular. (DAMÁSIO, 2004, p. 15-16).

Para compreender o fenômeno mental, ainda é possível esclarecer mais dois conceitos: o de mundo íntimo e o de modulações. O mundo íntimo é o mundo mental, onde ocorrem o processamento cerebral propriamente dito. É o processamento cerebral que faz com que tenhamos a condição do pensar e das percepções, do mundo externo para o interno. Já as modulações são como as amplitudes de ondas estudadas na física; uma onda tem uma amplitude e estas são um fenômeno da oscilação em função do seu tamanho de vibração, ou seja, o volume pelo qual um ser humano é afetado, do mínimo ao máximo, entre o positivo e o negativo.

Segundo Damásio (2004, p. 24), “[...] as emoções são ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos”. Isto significa que o ser humano pode ficar vermelho, muito vermelho, ou somente rubro; ficar com os olhos cheios de água ou, até mesmo cair no choro. Vale observar que:

Os sentimentos, pelo contrário, são necessariamente invisíveis para o público, como é o caso com todas as outras imagens mentais, escondidas de quem quer que seja, exceto do seu devido proprietário, a propriedade mais privada do organismo em cujo cérebro ocorrem. (DAMÁSIO, 2004, p.24).

Para o autor, “As emoções ocorrem no teatro do corpo. Os sentimentos ocorrem no teatro da mente” (DAMÁSIO, 2004, p.24). Ambos, sentimentos ou as emoções, atuam de forma a regular a vida, tal qual um termostato que regula temperaturas em eletrodomésticos, como o de uma geladeira, por exemplo. Regular a vida é regular o organismo, e a palavra correta seria homeostasia⁹, ou, equilíbrio, regulação.

É hora de perguntar: por que as emoções precedem os sentimentos? A minha resposta é simples: temos emoções primeiro e sentimentos depois. As emoções foram construídas a partir de reações simples que promovem a sobrevivência de um organismo e que foram facilmente adotadas pela evolução (DAMÁSIO, 2004, p.26).

E as reações estão ligadas à forma como se estruturam as relações e afetividade. Segundo Cyrulnik (1995), enquanto recém-nascido, já existe a troca de afetos e interações para a estrutura das emoções e sentimentos em forma de códigos:

Um recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar. Os afetos são trocados quando das interações do bebê com seus próximos. A cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança (CYRULNIK, 1995, p. 12).

Estas referências familiares e culturais constroem as representações mentais e o mundo íntimo; são as emoções e sentimentos em ação e que irão influenciar a comunicação, pois é a partir dos estímulos sensoriais que o ser humano constrói o mundo interior e as bases das relações, interações sociais e afetividade. São as experiências associadas à vida e nas relações de troca com os outros, como fundamentado pelo olhar de Cyrulnik:

O mundo mental de cada espécie é constituído de objetos sensoriais cujo significado biológico depende de sua organização cerebral e sensorial. Da mesma forma, o mundo mental de cada ser humano é constituído de objetos sensoriais, cujo significado depende da sua organização neurosensorial e cujo sentido varia segundo sua história pessoal. O significado não deve ser confundido com o sentido; é a transformação do sinal em signo, o qual articula som e sentido (CYRULNIK, 1995, p.18).

⁹ Homeostasia: Homeostase é o sistema de regulação das funções de um organismo. Classicamente, a homeostase era vista como um conjunto de “termostatos” que visava manter em equilíbrio parâmetros vitais, como temperatura, níveis de glicose, íons, balanço de fluídos e etc. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/06/neurologista-antonio-damasio-busca-origens-da-cultura-e-dos-sentimentos-na-biologia.shtml>. Data de acesso: 06 de maio de 2022.

E este mundo neurossensorial citado por Cyrulnik (1995) é que vai tecendo uma complexa rede neural de sentimentos e emoções, que compõem as representações, o mundo interior e a construção do mundo íntimo. O pensamento anterior de Cyrulnik encontra uma outra explicação, mediante a abordagem de Damásio:

Resumindo da maneira mais simples possível: considero o problema da consciência uma combinação de dois problemas intimamente relacionados. O primeiro é entender como o cérebro no organismo humano engendra os padrões mentais que denominamos, por falta de um termo melhor, as imagens de um objeto. Objeto designa aqui entidades tão diversas quanto uma pessoa, um lugar, uma melodia, uma dor de dente, o estado de êxtase; imagem designa um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como, por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar. Essas imagens comunicam aspectos das características físicas do objeto e podem comunicar também a reação de gostar ou não gostar que podemos ter em relação a um objeto, os planos referentes a ele que podemos ter ou a rede de relações deste objeto em meio a outros objetos. (DAMÁSIO, 2015, p.26 e 27).

Esta construção sensorial tem um papel fundamental para a construção do mundo interior e sua representatividade na afetividade integral, desde processos ligados à comunicação, quanto às relações humanas. Damásio propõe uma solução filosófica para a questão da construção do mundo interior, por meio da análise da *qualia* e a formação de um “filme no cérebro”. Segundo o autor:

Definimos como *qualia* as qualidades sensoriais simples encontradas no azul do céu ou no tom do som produzido por um violoncelo, e os componentes fundamentais das imagens na metáfora do filme são, portanto, feitos de *qualia*. (DAMÁSIO, 2015, p.28).

A *qualia* se torna importante para a conceituação da presente dissertação no momento em que se liga às modulações (volume de percepção pela qual o ser humano é afetado, do mínimo ao máximo e entre o positivo e o negativo). É por meio da *qualia*, quando do processamento cerebral, que se constrói o mundo íntimo, por meio das modulações, que permitem que se seja afetado em maior ou menor volume, negativa ou positivamente. A *qualia* produz diferenciações na composição do fenômeno cerebral e influencia as respostas comportamentais por meio das modulações após o processamento dos estímulos sensoriais, como por exemplo, a percepção entre o vermelho e a vermelhidão, perceber um pôr do sol e a tranquilidade que é instalada em determinada pessoa, enquanto outras, podem não gostar do

amanhecer e sim, do anoitecer. No tom de voz de um palestrante e suas pequenas alterações, na expressão do rosto de uma pessoa que fica rubra.

Os estímulos sensoriais atuam o tempo todo no cérebro humano e Damásio (2015, p.28) cita um exemplo: “As imagens sensoriais do que você percebe externamente e as imagens relacionadas que você evoca ocupam a maior parte do campo de ação de sua mente, mas não totalmente”. A relação e consciência do ser humano – objeto que é pertencente à construção daquele mundo sensorial - são únicas, enquanto validadas como estímulos sensoriais, seja por meio das palavras ou de imagens.

Neste mundo sensorial, cabe o sentimento e representatividade do seu mundo interior que responde ao mundo exterior:

A presença de você é o sentimento do que acontece quando seu ser é modificado pelas ações de apreender alguma coisa. Essa presença nunca se afasta, do momento em que você desperta até o momento em que seu sono começa. Ela tem de estar presente, caso contrário você não existe. (DAMÁSIO, 2015, p.29 e 30).

Damásio (2015) se refere à consciência do momento presente; caso contrário, haveria uma semiconsciência por meio do funcionamento automático do cérebro, somente. E encontramos a importância da construção sensorial e respostas das emoções quando o autor cita que “De fato, a emoção humana, em seu refinamento, é desencadeada até mesmo por uma música e por filmes baratos, cujo poder nunca devemos subestimar” (DAMÁSIO, 2015, p.74).

E continua:

O impacto humano de todas essas causas de emoções, refinadas e não tão refinadas, e de todas as nuances das emoções sutis ou não sutis que elas induzem depende dos sentimentos engendrados por essas emoções. É por intermédio destes que são privados, voltados para dentro, que as emoções, voltadas para fora, iniciam seu impacto sobre a mente; mas o impacto integral e duradouro dos sentimentos requer a consciência, pois somente em conjunção com o advento de um sentido do self os sentimentos tornam-se conhecidos pelo indivíduo que os tem (DAMÁSIO, 2015, p. 74).

E para exemplificar a emoção, tomamos a imagem das Madeleines citadas por Proust (1871 – 1922). A partir do momento no qual a visão emociona o ser humano, passa a existir a consciência com as bases ancoradas na mente humana. A *Madeleine* é uma receita conhecida pela gastronomia internacional¹⁰ e citada no primeiro volume do livro *No Caminho de Swann*,

¹⁰ Madeleines: Nas páginas de Marcel Proust: reportagem disponível em: <https://www.saborosaviagem.com.br/2018/01/madeleines-nas-paginas-de-marcel-proust/>. Acesso: 31 dez 2021.

da obra de Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, publicado entre 1913 e 1927, e que culturalmente, consoante o contexto da época, passou a simbolizar um gatilho afetivo e parte da cultura, para memórias involuntárias, pois quando o personagem da narrativa experimentou um pedaço da *Madeleine*, foi enviado mentalmente, sem pedir ou querer, para as memórias de, ainda criança, em Combray, na França. A partir de então, as “*Madeleines* de Proust” adquiriram um caráter simbólico de evocação a lembranças e memórias do passado. As *Madeleines*, além de evocarem uma memória passada, despertariam uma emoção; lembrando que a emoção é rápida. Evocar memórias relaciona-se à preservação da identidade no tempo, quando Cyrulnik (2009) indica que:

Quarenta ou cinquenta anos depois, ligamos preferencialmente os objetos e os acontecimentos que percebemos com esse período sensível de nossa mocidade, em que o afetivo e o social se preparam para dar sentido à toda a aventura de nossa vida” (CYRULNIK, 2009, p. 147).

Evocar memórias afetivas é uma forma de manutenção da cultura e da identidade. É um retorno ao interior do ser humano e que possui os recursos emocionais necessários para manutenção da identidade. É por meio das evocações das memórias afetivas que lembramos de um carinho especial, uma música que alguém cantava e que se torna uma música de apego, ou, de forma embutida, também, as características culturais de uma família que constituem o envoltório sensorial e afetivo.

Para Cyrulnik (2009), ainda, é por meio das emoções, ou seja, das memórias daquilo que nos afetou e do reconhecimento dos sentimentos prazer e do desprazer que podemos encontrar um equilíbrio, já que para o autor, viver ou recordar a felicidade exige o mesmo do que se entende por infelicidade, sentimentos que se complementam:

[...] embora esses sentimentos sejam opostos na representação verbal, na anatomia das vias da felicidade e da infelicidade são vizinhas. Essas sensações se associam facilmente porque a percepção de uma provoca a necessidade da outra (CYRULNIK, 2009, p. 47).

E o autor ainda exemplifica citando uma expressão comum das pessoas: “Eu não me dava conta do quanto era feliz, diz aquele a quem acabou de acontecer uma infelicidade” (CYRULNIK, 2009, p. 47). Ratifica a importância da afetividade, seja por meio dos sentimentos ou emoções; já com relação à percepção e subjetividade, esta pode ser explicada pela anatomia cerebral e a associação entre circuitos neurais vizinhos, ou, muito próximos, que

inclusive demonstram a percepção do binômio felicidade e infelicidade, como diz Cyrulnik (2009, p. 116): “Para sentir a felicidade de amar, é preciso antes ter sofrido uma perda afetiva”. É o binômio da afetividade quando é possível perceber o caminho entre a felicidade e a infelicidade, tristeza ou a alegria; a condição de ser afetado e evocar memórias. Para esclarecer, um exemplo prático ligado à sede: enquanto você tem sede, a sua mente e o seu corpo estão sedentos e, qualquer imagem similar à água, aumenta a sua sede; você toma a água que sana o desejo incontável de beber o líquido e, para sua surpresa, ao olhar para a água, já não a vê de uma forma tão atraente, em algumas pessoas, há até um movimento de repulsa. Transitamos rapidamente entre um desejo e outro, conforme Cyrulnik, (2009):

[...] a falta de água interna nos põe em movimento, e a satisfação dessas necessidades provoca um grande prazer. É a satisfação da falta que desencadeia a felicidade do regalo, já que mais tarde, quando estivermos saciados, a mesma água que provocará uma sensação de repulsa. (CYRULNIK, 2009, p. 36).

É um exemplo ligado à matéria; então, vamos para o exemplo imaterial da saudade: a saudade dói, incomoda, mas bastam uns minutos com a pessoa que é o objeto da saudade que nem lembramos mais, naquele curto espaço de tempo, de que estávamos saudosos. E mais uma vez, o ser humano passa a procurar a substituição do apego por novas figuras de apego. Talvez no caso da perda de um pai, a procura por outra figura equivalente é que trará a tranquilidade necessária para a substituição não consciente. Vale lembrar que o cérebro tem um processamento cerebral, automático que acontece, independentemente da consciência humana, como por exemplo: acordar e o coração bater, já como exemplo de processamento que demanda a consciência humana, seria possível indicar, caminhar, levantar o braço e este processamento, seja consciente ou não consciente, pode atrapalhar ou até mesmo auxiliar neste processo de substituição do apego.

E por transitarmos entre sensações, sentimentos e emoções podem ser um fato gerador de transformação humana, por meio de mudança na representação interna quando da apreensão de um fato novo, uma forma diferente de perceber determinados fatos e estes são ressignificados ou recontextualizados por meio de processos mentais não conscientes e ligados às subjetividades. Um exemplo simples e ligado a processos não conscientes é quando acordamos e o nosso coração continua batendo; não precisamos nos programar; este mecanismo acontece independentemente da nossa consciência e é automático.

E junto com estes processos automáticos, Cyrulnik (2009) destaca pontos importantes para a compreensão das dores, afetos e a biologia do ser humano: “os circuitos neurológicos da dor desembocam em zonas cerebrais adjacentes às áreas das emoções felizes” (CYRULNIK, 2009, p. 4). Assim, seguindo o pensamento do autor, é possível, por meio de uma abordagem biológica, alterar da felicidade para a infelicidade, da alegria para a tristeza o que, inclusive, poderia auxiliar na compreensão do binômio e dualidade das emoções e afetos do ser humano.

Citamos Edgar Morin (2012) e a convergência de seu diálogo com Cyrulnik (2012), a partir do fato de que ambos percebem a necessidade de se tecer um olhar mais complexo sobre o ser humano, buscando compreendê-lo não a partir da observação de fatos isolados, mas sim, entendendo-o como um ser integral. Morin (2012) declara, em diálogo com Cyrulnik e referindo-se a ele:

Para você e para mim, não se pode falar em ser humano sem considerá-lo, simultaneamente, como um ser biológico, cultural, psicológico e social. Encontramo-nos porque sabemos que a imaginação, o imaginário e o mito são realidades humanas fundamentais. (MORIN, 2012, p. 11).

E como seres biológicos, a condição de desenvolvimento do ser humano perpassa pelo outro, para a construção do envoltório sensorial, autoimagem e autoestima.

É possível fazer uma conexão entre o apego e a empatia: "sem apego não há empatia. O "eu" não pode viver só. “Sem empatia tornamo-nos sádicos, mas excesso de empatia nos leva ao masoquismo” (CYRULNIK, 2009, p. 5); e assim acontece a modulação das emoções e sentimentos no mundo íntimo e codificado de sentidos do ser humano. A construção da autoimagem do ser humano está conectada ao retorno emitido pelo outro; tal qual um espelho que reflete (e deforma) o que somos. Sem estarmos com o outro, como poderemos construir a nós mesmos, tanto quanto, sem o apego ao outro, como seria possível haver empatia?

Partindo da empatia para a biologia do apego, nasce o pensamento e a teoria de Cyrulnik (2009). De acordo com o autor, a biologia do apego, a vulnerabilidade é uma forma biológica e sentimental. O autor questiona a habilidade e o controle desta vulnerabilidade, indicando que o fato de a controlarmos, não significa resiliência, afinal:

[...] para resilir uma infelicidade passada é preciso justamente ter sido vulnerado, ferido, traumatizado, invadido, dilacerado, ter passado por essas palavras que traduzem a palavra grega *titrôskô*, ou, trauma (CYRULNIK, 2009, p. 8).

Para esclarecer o contexto da resiliência, é importante conhecer o conceito. É a capacidade que o ser humano possui de se refazer após uma dor psíquica, um evento doloroso e o retomar da continuidade do desenvolvimento enquanto ser humano. Para Cyrulnik (2001):

O resiliente tem de fazer apelo aos recursos interiores impregnados na sua memória, tem de lutar para não se deixar arrastar pelo declive natural dos traumatismos que o fazem cansar-se de lutar, de agressão em agressão, até que uma mão estendida lhe ofereça o recurso exterior, uma instituição social ou cultura que lhe permita sair da situação. (CYRULNIK, 2001, p. 225).

Antes da resiliência acontece a vulnerabilidade; somente depois é que a resiliência começa a acontecer, justamente no momento que se mantém a ferida na memória, aí sim pode se falar de resiliência. Cyrulnik (2001) diz que, “[...] com o recuo do tempo, a emoção provocada pela agressão tende a se extinguir lentamente, para só deixar na memória a sua representação. (CYRULNIK, 2001, p. 226). É a construção do mundo sensorial e representacional que poderá ser evocado.

Uma ferida em uma memória significa que esta mesma memória pode ser evocada a qualquer tempo, mediante o estímulo externo, enquanto gatilho, e que poderá disparar as reações e dar movimento aos corpos e mente do outro. Ratifica o pensamento sobre a importância da memória anterior e as evocações mentais: para ser afetado e passar pelas sensações, mente e corpo, emoções e sentimentos, é inerente que se tenha uma memória anterior; é uma condicionante do afeto e de ser afetado.

Assim, Cyrulnik (2009, p. 24) desenvolve a teoria da Biologia do Apego, que é “uma composição de determinantes genéticas, meio sensorial e das figuras de apego: os provedores de cuidados, pessoas significativas, instituições e narrativas culturais”. O ser humano cria os apegos que irão gerar e dar suporte para os afetos. É no envoltório sensorial da criança que se compõe o apego.

É por meio da Biologia do Apego que os afetos se fazem presentes. O ser humano se apega a algo ou alguém; uma representatividade individual e mental que poderá levar este ser humano à procura das narrativas, no sentido de ouvir histórias de vida de outras pessoas para criar novos apegos, a substituição dos apegos. Este fato acontece quando substituímos apegos daqueles que amamos e que se vão desta vida, passando a cultivar o morto; uma forma de apego e de substituir o anterior.

A partir da Biologia do Apego de Cyrulnik (2009) podemos tecer convergências com Morin (2012), na medida que se analisa o ser humano integral, ou seja, o ser biopsicossocial e

que este desenvolve um cérebro, uma inteligência e uma afetividade, pois segundo o autor: “Toda a história do desenvolvimento de nossos ancestrais e de nossos primos, os mamíferos, demonstra com efeito que a inteligência e a afetividade crescem na mesma proporção, uma com a outra” (MORIN, 2012, p. 60). Quando o autor se refere a “uma com a outra”, refere-se ao desenvolvimento conjunto e interdependente da inteligência e da afetividade.

E a biologia do apego é reforçada por meio das narrativas culturais, quando analisadas sob a ótica da influência e geração de afetos, quando o autor indica que: "Aquisição desses diferentes apegos depende bem mais dos estilos interativos que da genética. O determinante biológico não impediu o meio de deixar sua marca e de orientar um estilo afetivo" (CYRULNIK, 2009, p. 11). O meio afeta e deixa a marca no ser humano, seja por meio das narrativas culturais das famílias nas quais se está inserido, crenças, valores e que irão compor a intersubjetividade do desenvolvimento humano, desde a mais tenra idade. O autor destaca que: “Desde o princípio da aventura humana, a cada estágio de nosso desenvolvimento, devemos realizar transações com o nosso entorno, cada vez menos biológico e cada vez mais afetivo e cultural" (CYRULNIK, 2009, p. 12).

Cyrulnik (2009) valida a variabilidade genética e a justifica por meio da biologia; quando o ser humano pode ser compreendido como uma massa de modelar e afetado pela vida, sendo remodelado constantemente. Para o autor:

[...] é de fato o meio que modela a massa cerebral e dá forma ao que, sem ele, não passaria de um ajuntamento informe, não circuitado. É sob o efeito das interações precoces que o cérebro adquire um modo de ser sensível ao mundo e de reagir a ele. (CYRULNIK, 2009, p. 16).

Um estudo realizado por Abraham Luchins (1961) encontrou o fenômeno que foi denominado de Fixação Funcional¹¹, um viés cognitivo que indica que o ser humano tem uma tendência a optar ou definir, tomar uma decisão, sempre por meio de um caminho neural já conhecido e de fácil acesso. Por sua vez, Cyrulnik (2009) indica como “excitação neural” quando relata um posicionamento de Freud quando este trata da facilitação: “A excitação, (ao passar) de um neurônio para o outro, precisa vencer certa resistência... (conseqüentemente) a

¹¹ Luchins, Abraham, S. Manual of Group Therapy. Veterans Administration Hospital Psychology Service: January 1, 1961. Fixação Funcional ou efeito “*Einstellung*” foi descrito pela primeira vez em 1942 pelo Dr Abraham Luchins (1914 - 2005), psicólogo americano pioneiro na psicoterapia Gestalt de grupos. Traduzido como um viés cognitivo, indicando que, quando temos mais experiência em algo, é mais difícil nos questionarmos. É estabelecido um tipo de esquema cognitivo muito rígido para confiar nas nossas experiências e o ser humano utiliza o caminho da experiência mais fácil e que vem sempre à mente, na qual o conhecimento anterior muitas vezes dificulta a decisão. Disponível em: <https://www.felipeschardong.com.br/cerebro-teimoso/>. Acesso em 10 de abril de 2022.

excitação escolherá o caminho facilitado de preferência ao que não tem essa facilitação" (CYRULNIK, 2009, p. 15). É natural para o cérebro optar, tomar a decisão de utilizar o meio mais fácil e econômico para tomada de decisão e o pensamento constante de lembrar daqueles que amamos e que não mais estão presentes; o pensamento recorrente.

O ser humano passa por diversos estímulos externos, principalmente, as novidades, eventos diferentes do arcabouço mental que já está arquivado, ou seja, o contato com uma nova informação; é o que Cyrulnik (2009) chama de estudo da migração dos neurônios que indica: "os 'axônios pioneiros', que enviam arborizações de dendritos circuitadas pelas interações cotidianas. Os axônios saem em busca de outros neurônios com os quais estabelecem caminhos facilitados, confirmando assim a intuição freudiana¹²" (CYRULNIK, 2009, p. 16), o que traduz a condição de novos caminhos neurais que podem se tornar "caminhos facilitados", cada vez que o estímulo sensorial similar é gerado, utilizará a mesma rede neural; sempre o caminho mais fácil e que economiza energia vital do cérebro.

E possibilita a explicação para o efeito da fixação funcional, na qual o comportamento do ser humano volta sempre para o caminho mais fácil que provavelmente pode ter se formado no cotidiano, enquanto ainda criança. Esta marcação é importante quando o cérebro, para tomar uma decisão, perpassa pela memória e poderá haver influência destas mesmas marcações, incluindo as emoções e sentimentos. É a ação das emoções, sentimentos e dos afetos em ação nos corpos, especificamente na mente do ser humano. O fator importante desta convergência é justamente o pensamento de Cyrulnik (2009) quando este citou sobre as interações cotidianas; estas constituem um repertório que faz parte das narrativas e que auxiliam na criação de apegos.

O ser humano procura figuras de apego, ou vínculos confiáveis, afinal, o ser humano não trabalha com a hipótese de vulnerabilidade, apesar de poder ser um fator biológico, deixando-o com uma propensão a ser mais vulnerável ou menos vulnerável:

A aptidão para sofrer com perda leva aquele que transporta pouca serotonina a equilibrar sua vulnerabilidade mediante uma vida estável e alguns vínculos confiáveis. Aquele que transporta muita serotonina, abusivamente chamado de invulnerável, terá, por sua vez, necessidade de assumir riscos para se sentir existindo. É por isso que às vezes ele desequilibra sua vida e rompe ele mesmo seus vínculos de que não precisa muito (CYRULNIK, 2009, p. 20).

¹² SCHAF, D. (2018). No contexto da psicanálise, a intuição recebe importância e significados diversos. Freud cita o termo poucas vezes ao longo de sua obra. Em termos gerais, é tratada como uma fonte de conhecimento advinda de um dom peculiar para a compreensão direta, rejeitada cientificamente por não ser investigável, e por vezes equiparada a adivinhações e fenômenos religiosos (Freud, 1900/2006d, 1919/2006a, 1927/2006b, 1933[1932]/2006f). Apesar de Freud se referir explicitamente à intuição como algo sem muita confiabilidade, para alguns autores (Piccini, 1985; Piha, 2005) ele implicitamente sugeriu que os **psicanalistas confiassem na intuição**, ou seja, no **conhecimento imediato de algo sem o uso consciente da razão**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000400013. Acesso em: 31 dez. 2021.

Cyrułnik (2009) apela para um ajuste da palavra invulnerável e vulnerável, pois uma vez que tenha a conexão com fatores biológicos, a palavra abusa da questão da vulnerabilidade e da invulnerabilidade, até mesmo porque, para ser invulnerável, há que ter sentido a vulnerabilidade em algum momento, equilibrando a biologia e o apego.

E quando se fala sobre emoções, talvez ainda resida algum paradigma entre emoções e fragilidade; este fato, não traduz uma realidade, pois segundo o mesmo autor, "a emotividade não é uma insegurança afetiva" (CYRULNIK, 2009, p. 22). A emotividade é fruto da afetividade e de ser afetado por algo, como uma narrativa, por exemplo.

Ao mesmo tempo seria possível realizar a pergunta sobre o que é a felicidade; poderia ser o resultado da equação emocional, afetos e resposta comportamental ou inspiracional? Segundo Cyrułnik (2009, p. 30), "a felicidade nunca é pura. Porque, com tanta frequência, um acesso de felicidade provoca a angústia de perdê-la". "O sofrimento insuportável sempre esteve na moda e cada cultura lhe deu uma forma diferente" (CYRULNIK, 2009, p. 30). Sofrer por antecipação é um dos males da sociedade contemporânea, atualmente reconhecida como ansiedade e estresse oposto, afinal, as estruturas sociais passam por mudanças, e o repouso do afeto, tanto quanto a sua consequente segurança, continuam a trocar de posições da felicidade para infelicidade. Para o autor:

Logo, podem existir sensações de felicidade ou de infelicidade sem objeto, desencadeadas pela resposta de um sistema nervoso desorganizado. A Neurologia da felicidade-infelicidade evidentemente não exclui nem o sentimento de felicidade nem o de infelicidade provocados pela representação mental de acontecimentos que, eles sim, estão carregados de significações. (CYRULNIK, 2009, p. 34).

Vale lembrar que as significações de felicidade ou infelicidade estão conectadas ao envoltório sensorial, à construção da percepção do ser humano e às representações mentais, em que "as palavras felicidade e infelicidade não equivalem a realidades físicas, são sua representação. Essa distinção verbal é abusiva" (CYRULNIK, 2009, p. 31). Cyrułnik (2009) faz uma crítica direta e objetiva com relação à distinção entre as palavras, pois estas são carregadas de sentido, significados e símbolos; a representação mental é carregada destes efeitos e, por estes, provocados. São os afetos em ação, afinal, para ser afetado é inerente que exista uma memória anterior e conhecer as informações sobre a percepção é muito importante: "mas a neurologia nos sugere que em geral é nosso modo de perceber o mundo que lhe dá um gosto de felicidade ou de infelicidade". (CYRULNIK, 2009, p. 31).

É o binômio das emoções dos seres humanos gerado pelas provocações; o que vem a ser ratificado pelo autor quando este especifica: "é o ritmo, a pulsação e a alternância que provocam a sensação de alegria ou de felicidade extrema" (CYRULNIK, 2009, p. 36). Como forma de exemplificação, também é possível citar o binômio, alegria – tristeza, euforia e depressão.

Os afetos e as modulações das emoções e dos sentimentos derivam de ações sobre um corpo, ponto crítico, ou específico, que gera uma resposta, e ainda segundo o autor:

Sem emoções íntimas e sem balizas externas, familiares ou sociais, a memória fica vazia. Para preenchê-la, é preciso que um relacionamento estimule o complexo amigdalóide¹³, centro de triagem neurológica das emoções, que facilita a memória das imagens e das palavras. (CYRULNIK, 2009, p. 43).

Os afetos são estímulos externos necessários para causar as provocações emocionais a ponto de estimular o complexo amigdalóide e produzir reações emocionais no organismo, tornando-se visíveis e de fácil percepção do outro, como por exemplo, a rápida ação da emoção que deixa o nariz vermelho ou os olhos molhados. O ser humano é um ser emocional e social.

Quando analisado pelo lado social, que se constrói e se movimenta a partir das relações que estabelece, como por exemplo, as características culturais de uma família e a forma de interatividade entre as pessoas, são códigos e formatos de convivência que são tecidos com o tempo pois, de acordo com Cyrulnik (2009), cada família tem uma forma personalista de vida e de reações e, inclusive, de interatividade afetiva: "Ora, são as leis sociais, as crenças e a tecnologia que estruturam as famílias onde circula o afeto". (CYRULNIK, 2009, p. 61). Cada família tem um afeto cultural que é condigno com a "personalidade" cultural daquela determinada família, principalmente com relação a seus valores e percepções sobre a vida, e Cyrulnik (2009) aborda o tema das culturas e narrativas culturais como meio para criação de mundos mentais que encontram suporte na cultura familiar. São várias culturas familiares dentro de uma mesma sociedade, o que vem a tornar a cultura tão complexa quanto o ser humano.

Cyrulnik (2009) fomenta a ideia de que narrativas criam culturas, estas, representadas pelas inúmeras construções simbólicas de cada indivíduo: "O imenso número de culturas que

¹³ Complexo amigdalóide: é o componente mais importante do sistema límbico (sistema das emoções), responsável por nossas emoções e também por transtornos como ansiedade e estresse pós-traumático. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/o-corpo-amigdaloides-colonistas>. Data de Acesso em 19 de abril de 2022.

podemos inventar com nossas narrativas se conjuga com o número inimaginável de mundos mentais que descobrimos em cada pessoa” (CYRULNIK, 2009, p. 79).

O acontecimento desencadeia uma emoção que estimula o sistema amígdalo-hipocâmpico¹⁴. A memória assim despertada reencontra no passado as imagens e as palavras que dão forma ao que se sente num instante (CYRULNIK, 2009, p. 43 e 44).

Pode-se concluir que esta ideia indica uma provável compreensão de que uma narrativa tem a força de despertar uma memória existente anteriormente, provocar emoções e sentimentos e as mudanças na mente do outro.

Evocar a memória é uma condição do processamento cerebral, pois essa encontra-se arquivada nos mecanismos cerebrais e guarda os significados, símbolos, códigos representacionais que trazem as sensações ocorridas naquele determinado momento da vivência.

A memória não é o retorno ao passado, é a representação de si que vai buscar nas marcas do passado algumas imagens e algumas palavras. Essa reconstrução dá uma forma coerente ao sentimento de felicidade ou de infelicidade experimentado no momento de uma relação. (CYRULNIK, 2009, p. 44).

Ao pesquisar sobre comunicação e afetos foi possível perceber a importância dos afetos nas relações humanas e todas as interações possíveis, citando Cyrulnik (2009, p. 5): “sem a presença do outro não construímos a nossa imagem e não nos tornamos nós mesmos; por meio de tomografias, foi demonstrado que crianças privadas de afeto (e presença), possuem atrofia cerebrais”; afetos, vida e morte são parte da vida, e vida remete a Morin (2012), que explica sobre a importância da morte para validar a vida. Ou seja, ser afetado pelo tema da morte é renascer, afinal, somos seres dotados de emoções. É a modulação que afeta nosso corpo e nossa mente, produzindo a noção de mais ou menos, que nos traz a felicidade e as percepções sobre falta de afeto, por meio das sensações, pois sentir é estar vivo e ser afetado, é vida.

Os autores elencados neste capítulo foram essenciais para desenvolver o tema do afeto sob a ótica do ser humano integral, biopsicossocial; afinal, sentimentos, emoções estão presentes nas narrativas, seja para narradores ou para aqueles que as escutam e são por estas

¹⁴ Sistema amígdalo-hipocâmpico: Conhecido como “Sistema Límbico” que gerencia a capacidade de sentir e expressar emoções é uma característica única que tem sido observada em um grande número de animais. Os humanos, em particular, vivenciam e expressam uma enorme gama de emoções que ajudam a moldar o comportamento de um indivíduo. Disponível em: <https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/anatomia-do-sistema-limbico>. Data de Acesso: 17 de abril de 2022.

afetados. Quantas *Madeleines* de Proust haverá nas vidas das pessoas e que serão repassadas adiante? Quantas *Madeleines* nos afetam ou irão afetar? Para ser afetado, é necessária uma memória anterior. O processo pode ocorrer na mente daqueles que ouvem uma narrativa, um conselho, uma conversa com uma pessoa mais velha.

[...] é de fato o meio que modela a massa cerebral e dá forma ao que, sem ele, não passaria de um ajuntamento informe, não circuitado. É sob o efeito das interações precoces que o cérebro adquire um modo de ser sensível ao mundo e de reagir a ele (CYRULNIK, 2009, p. 16).

Cyrulnik (2009) aborda o afeto, o qual procuramos conectar com a biologia do apego em seus laços mais profundos, pois se trata de: “uma composição de determinantes genéticas, meio sensorial e das figuras de apego: os provedores de cuidados, pessoas significativas, instituições e narrativas culturais” (CYRULNIK, 2009, p. 24).

Toda família constrói a própria narrativa cultural e influencia as pequenas crianças por meio da biologia do apego, afinal são interações familiares que constroem o mundo íntimo e a afetividade.

Como o tema do afeto é abordado a partir de termos sinônimos e possui intersecções com distinções sutis entre os autores elencados para nossa abordagem, para fins de compreensão didática, optamos por manter a denominação de “afeto”, para facilitar a compreensão do leitor, tomado como aquilo que afeta, em diferentes graus – o que produz afecções.

2.3 Comunicação e narrativa

Neste item procuramos abordar as narrativas como forma de mediação da experiência, portanto, como processo comunicacional. Silva expõe o fato de que a narrativa é uma forma de sobrevivência, pois é o que resta quando o corpo perece, as histórias sobre aqueles se foram e também as narrativas que se compartilhou com outros, que podem continuar a propagá-las. Assim, “a narrativa resta como esforço para ultrapassar a morte” (SILVA, 2018, p. 15).

As narrativas podem ser compreendidas como um “processo de contar algo real ou imaginário, de forma encadeada, através de palavras ou imagens” (SILVA; CAVASSANI; SILVA, 2019, p. 2). Em sua potência comunicacional, as narrativas são encadeadas de forma dialógica na construção de sentidos, para tornarem-se mediadoras da comunicação, pois existe uma troca constante de papéis entre aquele que narra e o que lê, segundo Silva e Santos (2015),

que discutem narrativas sobre o caminho de Santiago de Compostela, rota de peregrinação na Espanha, nesse diálogo:

[...] o narrador assume um contrato com o leitor, entendendo que este realmente se emociona com os relatos, vivenciando o caminho à distância. O leitor converte-se também em narrador, e o narrador, em leitor, o que alimenta a narrativa”. (SILVA; SANTOS, 2015, p. 9).

Acreditamos que essa troca é visível nas narrativas, daí sua natureza comunicacional, por estabelecer a mediação em um processo de conversação e troca. É um fenômeno que se retroalimenta do compartilhamento das experiências, compondo o processo comunicacional de forma cíclica.

A narrativa nasce na oralidade, quando já atuava (e continua a atuar) como mediadora, por meio do relato das experiências contadas pelos sábios, tais como os pajés e pessoas mais velhas, com vastas experiências de vida; e quem já não recorreu a uma pessoa mais velha para se aconselhar e saiu do de uma conversa com uma história narrada? Assim, as narrativas funcionam como forma de mediação, independente do seu formato ou meio:

De qualquer modo, seja oral, escrita ou compartilhada pelas redes sociais, a narrativa segue, operando como ponte entre sujeitos que se confraternizam, fornecendo parte da realidade, criticando-a e criando outros mundos possíveis (SILVA; SANTOS, 2015, p. 13).

Silva e Santos (2015) expõem o fato de que as narrativas são um processo de comunicação humana que se utiliza de distintos modos de materialização, passando pela oralidade, que exige corpos afetando-se mutuamente em presença:

Narra-se em suportes e linguagens distintos, que vão desde as inscrições rupestres, passando pelas narrativas orais, nas quais a necessidade dos corpos presentes, tanto o do narrador quanto os dos ouvintes, concedia ao narrar um caráter ritualístico e essencialmente comunitário, vinculado à experiência do estar juntos no aqui e no agora, compartilhando o mesmo tempo e o mesmo espaço (SILVA; SANTOS, 2015, p. 1)

Narrar é contar fatos, eventos e conceder uma temporalidade para quem escuta ou participa das histórias, independentemente de quais códigos ou suportes estas narrativas se utilizem. Segundo Motta:

Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido. (MOTTA, 2013, p. 71).

As narrativas constroem sentidos por meio de estruturas de linguagem universais, pois embora possam apresentar variações distintas de cultura para cultura ou mesmo variações de apresentação em uma mesma cultura, há a recorrência de determinados elementos, conforme descrito pelas autoras e trabalhado pela narratologia: “Uma narrativa, convencionalmente, consiste em um texto contendo narrador, tempo, espaço, personagens e um enredo, sendo fundamentada na transformação dos fatos pela ação do tempo” (SILVA; SANTOS, 2015, p. 8).

Ainda seguindo Silva (2015) et al, sobre os elementos da narrativa, destacamos que:

A partir dessa estrutura narrativa e seus elementos, é possível compreender o papel dos personagens, as características do espaço e do tempo, a presença do narrador e a implicação do seu discurso naquilo que é narrado” (SILVA; CAVASSANI; SILVA, 2019, p. 5).

Assim, em uma narrativa, os acontecimentos se modificam, transformam-se com a passagem do tempo. As ações não podem ficar inalteradas. Narrar é falar sobre um acontecimento que se impõe e modifica o que estava em um aparente estado de equilíbrio. Conforme as autoras apontam, também é presente o discurso do narrador, que ao dominar a narrativa, impõe sua marca sobre aquilo que é narrado – o narrador está sempre implicado na narrativa. Sobre a função comunicacional da narrativa, Silva e Santos (2015) afirmam:

As narrativas produzem parte da cultura, assim como são produtos culturais, já que materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário. Possuem um importante papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta, a partir da simulação, do jogo, da fabulação. Narrador, espaço, personagens e tempo intrincam-se e relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória. (SILVA; SANTOS, 2015, p.1)

Quando referente a um fato real que tenha impactado uma vida de forma particular e dramática, a narrativa ganha, por sua veracidade, um caráter documental de testemunho – aquele que experimentou os fatos, confessa-os àqueles que passam a ser como coparticipantes dos acontecimentos narrados. “Um dos tipos de narrativa autobiográfica mais característicos da contemporaneidade é a confissão” (PINHEIRO, 2018, p. 5), como sendo um “exercício

autorreflexivo impulsionado por poderes normativos responsáveis por produzir a culpa no indivíduo, fonte de transformação – pois é direcionado a uma autoridade capaz de perdoar e livrar o sujeito de seu pecado –, e próprio de locais privados – como os confessionários das igrejas ou os consultórios médicos” (PINHEIRO, 2018, p. 5) e ao mesmo tempo indica o outro meio, denominado como testemunho:

[...] é orientado a qualquer pessoa disposta a ouvi-lo – e, portanto, é típico dos espaços públicos –, e coloca aquele que testemunha em uma posição de inocência na medida em que encontra a culpa em um elemento externo, que geralmente aparece como uma experiência traumática ou um outro indivíduo (PINHEIRO, 2018, p. 5).

As narrativas das *TED Talks* são relatos autobiográficos, que contam as experiências vividas pelos palestrantes. Podem estar subdivididas entre confissões e testemunhos no palco, ou, no momento da pandemia, online. Qual seria o formato que melhor identifica as palestras? As *TED Talks* se encaixam nos testemunhos, pois são histórias verdadeiras e públicas, “para quem quiser ouvir”, sendo que ouvir é se permitir uma escuta ativa e processos cognitivos subjetivos, que podem culminar na identificação com as histórias traumáticas contadas pelos narradores. Quem participa de uma *TED Talks*, e conta sobre sua experiência para outros, pode oferecer oportunidades de transformações no mundo interno do ser humano.

Sobre a narrativa, Motta (2013) afirma que para que as narrativas produzam sentido, há que se utilizar a técnica da narrativa como uma forma de envolver o público, ou seja, retomando as discussões do capítulo sobre afetos, trata-se de afetá-lo.

Narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude - quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (MOTTA, 2013, p. 74).

As palestras das *TED Talks* são narrativas que cumprem o papel de mediação, principalmente com um formato amigável e de proximidade com o público, ou de testemunhos traumáticos nos quais “A conversa monta o cenário comportamental que permite a subsequente sincronização das emoções” (CYRULNIK 1995, p. 36). Uma conversa pode ser retratada como uma narrativa, desde que seja a materialização do relato de um fato que se transformou com a passagem do tempo.

Enquanto processo comunicacional, uma palestra pode cumprir a função de mediação da experiência, bem como pode sincronizar as emoções. Na visão de Cyrulnik (2009), a

conversa é um fato entre seres humanos, afinal, somente o ser humano detém a condição da linguagem falada. Trata ainda da importância de como criar a relação de aproximação com o outro e compor uma conexão que envolve desde a expressão facial, rosto, e que exige dos participantes desta conversa uma atitude e envolvimento comportamental, uma vez que irão processar uma série de informações diferentes entre si e cuja distância entre estes corpos deve prescindir a troca de palavras em um tom agradável, sendo assim, é importante que a percepção do ser humano possa elaborar e de alguma forma, compreender as respostas aos estímulos acontecidos, entre quem toma palavra e de quem cede a palavra, gerando uma mediação entre um e outro.

Na composição desta mediação e da narrativa entre duas pessoas (ou mais), não há questionamento sobre o conteúdo semântico da conversa e sim, a sincronização entre os participantes como um espaço emotivo, de emoções, sentimentos e provocações para com os participantes. Ao contar uma história, um narrador também vai criar esta mesma sincronia com outros participantes, talvez em um número maior, quando da modalidade on-line, mas há que se considerar que a reação acontece a partir da percepção do outro e de caráter também subjetivo; esta reação / percepção oriunda do mundo externo, enquanto um gatilho mental às emoções e sentimentos, gera movimento entre os corpos, gerando uma resposta física.

Segundo Cyrulnik (1995, p. 110), “o discurso parental ou social, dando vida a esse acontecimento na fala, poderá tanto curá-lo por meio de uma bênção, como agravá-lo, uma maldição - poder este que apenas a dicção possui”. O discurso parental está ligado às narrativas dos pais e do núcleo familiar. A dicção diz respeito à oralidade, ao verbal, ao poder da fala em evocar percepções passadas e afetar pessoas, provocar as sensações.

E quando a palavra provocar é utilizada, vem no sentido de evocar memórias, podendo acontecer em uma conversa ou em uma narrativa. Na visão de Cyrulnik (1995, p. 157), “a palavra não é recortada do real, já que a representação que ela induz desperta uma emoção. Justo pelo contrário, a palavra une o real à sua representação”. A palavra vem carregada de sentido e força cognitiva, com uma potência tão forte que, justamente uma palavra pode provocar a evocação das memórias e da representação mental e que podem dar um novo sentido cognitivo ao mundo interno do ser humano, tal qual aponta uma pesquisa realizada pelo neurocientista Ivan Izquierdo¹⁵ (1937 – 2021), na qual ele cita um experimento de 1975, de

¹⁵ Ivan Antônio Izquierdo (1937 – 2021) foi um médico e neurocientista argentino naturalizado brasileiro. Começou sua carreira na Argentina, mas foi no Brasil que se estabeleceu como pioneiro no estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado. Destaca-se entre os cientistas brasileiros mais citados em todas as áreas do conhecimento.

Elizabeth Loftus¹⁶ (1944), sobre as relações mentais e a percepção relativa (IZQUIERDO, 2013) a um acidente, em que o primeiro grupo recebeu instruções que diziam que os carros haviam “batido”; e para o segundo grupo, os carros estavam “estraçalhados”; o segundo grupo chegou a afirmar que havia vários mortos, quase sem sobreviventes.

A palavra “estraçalhados” mudou a percepção e a memória relativa sobre o acidente. É quando a palavra une o real à representação mental e acontece o movimento das sensações e das reações, percebidas pelo outro como uma emoção. A emoção é rápida, são reações agudas que afetam os corpos e dão movimentos, gerando expressões verbais e não verbais, incluindo reações fisiológicas.

Cyrulnik (2009) se refere às narrativas culturais como narrativas de vida, tecidas no cotidiano de pessoas comuns, em que o conhecimento é passado de geração a geração, como os aprendizados que acontecem nos núcleos das famílias e de acordo com a cultura destas, traduzindo-se em narrativas culturais.

As narrativas passam a conotar um efeito tranquilizador, em que o contar de si, um testemunho daquele evento traumático, pode auxiliar na transformação do ser humano, modificando o seu mundo interior, em que um dos resultados possíveis seria a resiliência mental.

Esta resiliência mental, abordada por Cyrulnik (2009), indica que a sensibilidade continua a existir, pois existe memória que poderá ser percebida pela calma e tranquilidade, permitindo que o organismo volte a liberar hormônios e que o cérebro volte a funcionar, lembrando, porém, que a sensibilidade ao outro continua a existir; convive-se com esta memória, gerando resiliência.

Mais uma vez, pode-se verificar em Cyrulnik (2009) a importância da força de uma narrativa, pois esta poderá estimular as emoções do outro corpo, afetando-o. "No homem, a modificação do evento por meio de imagens e palavras agrega a possibilidade de fazer um trabalho de liberação ou de alienação" (CYRULINK, 2009, p. 26). Liberação ou alienação são reações que podem acontecer na mente do ser humano, cuja previsibilidade não é possível. A liberação se conecta a um possível resultado transformacional de superação, e a alienação, por sua vez, é o processo que não gerou um impacto suficiente para uma superação (libertação), mas deixou o outro na mesma situação confortável e conhecida, ou, reconhecida. Comportamento humano e representações mentais são interações humanas, tanto quanto a

¹⁶ Elizabeth F. Loftus é uma psicóloga cognitiva americana especializada na memória humana. Ela coordenou diversas pesquisas sobre a maleabilidade da memória e é conhecida pelas suas descobertas inovadoras.

substituição de vínculo, como por exemplo quando existe uma perda de um ente querido, o ser humano encontra uma nova fonte de vínculo, e este fato, gera um apego tranquilizador.

Retomando o autor: "A associação entre bem-estar e memória explica o poder euforizante da familiaridade" (CYRULNIK, 2009, p. 39). E prossegue: "O mero fato de acreditar que ele (ela) pode me tranquilizar lhe dá esse poder e estimula meu afeto" (CYRULNIK, 2009, p. 40). Acreditar pode ser o agente catalisador e propulsor das reações e evocações da memória. Quando se acredita que algo irá trazer bem-estar, pode existir uma memória que poderá auxiliar na ampliação da sensação. Se assim for pensado, o próprio título de uma narrativa já consegue ser o agente propulsor da familiaridade e bem-estar, contribuindo para ampliar as reações antes do início da narrativa; é o efeito do acreditar. Segundo Cyrulnik (2009), o bem-estar pode advir de uma formação de hábitos:

Se essa situação se repetir algumas vezes ou ocorrer no momento sensível do desenvolvimento da criança, ela irá se inscrever em sua memória implícita e criar um hábito reativo que doravante passará a caracterizar o estilo interativo do pequenino. Um acontecimento significativo acaba pondo a criança na esteira rolante que leva à depressão. (CYRULNIK, 2009, p. 41).

É uma forma de se explicar a formação de hábitos e a importância da memória. A memória implícita fica arquivada no cérebro e, na visão de Cyrulnik (2009), surge o conhecimento prévio; este gera efeitos tais como: reconstrução de uma representação mental, as reações que vão ocorrer no corpo, enquanto reações biológicas e fisiológicas perceptíveis ao olhar livre do ser humano.

Conforme Silva e Santos (2015, p. 2), "A memória não se produz apenas a partir dos acontecimentos presenciados, mas, também, da soma de signos ofertados pelas mídias". As narrativas trazem a construção da dor do outro, o evento traumático e constroem identificações que geram as reações. Por exemplo, a TEDx *Talks* eleita como "corpus" da pesquisa, é uma narrativa traumática e dramática, ligada a um drama pessoal de quem participa: quem não perdeu um filho ou conhece alguém que passou por isso; experiências de morte; limitações físicas; eventos que criam associações mentais e irão disparar reações por meio dos sentimentos e emoções de forma impactante; vale lembrar das "*Madeleines* de Proust" que geram as provocações e reações, provocam sentimentos e emoções do sensível, belo, romântico e poético, inclusive.

A partir desse arrazoado teórico, considero possível que o narrar é a realização da necessidade de organizar o mundo através da linguagem. Para Motta, é a possibilidade de colocar os acontecimentos em perspectiva, relacionar, criar o tempo e atribuir significados.

2.4 Narrativas Inspiracionais e Transformacionais

Ao mesmo tempo, as narrativas operam como formas de mediação extremamente mutáveis entre o indivíduo (e sua realidade específica) e o padrão generalizado da cultura. Vistas dessa maneira, as narrativas são ao mesmo tempo modelos do mundo e modelos do self. É através de nossas histórias que construímos a nós mesmos como parte de nosso mundo (BROCKMEIMER E HARRE, 2003, p.533 *apud* CASAQUI, 2020, p. 8).

Neste tópico, abordamos as narrativas de uma forma específica, a partir de seus conteúdos de caráter inspiracional ou transformacional, e para tanto, Vander Casaqui (2017) oferece a fundamentação por se tratar de um pesquisador sobre o tema, já que realizou trabalhos sobre *TED Talks* e sobre a cultura da inspiração. Em seu trabalho: *A Abordagem Crítica da Cultura de Inspiração: Produção de Narrativas e o Ideário da Sociedade Empreendedora* (2017), o pesquisador estudou a cultura da inspiração, imaginário e a conexão com as narrativas da *TED Talks*. No artigo *O Papel da Narrativa no Projeto da Sociedade Empreendedora e na Cultura da Inspiração* (2020), o pesquisador aborda a cultura da inspiração segundo a visão de Bruner (1991), em que as narrativas inspiracionais possuem um papel fundamental, pois conseguem interagir entre contexto, materialidade discursiva, espírito do tempo e subjetividade, economia e trajetórias de vida, ou seja, é o desdobramento para o contexto social.

As narrativas fazem parte da experiência do ser humano e cumprem uma função estratégica de mediação. Casaqui (2017) atesta que as narrativas inspiracionais articulam a experiência humana e visam promover a ideia de comunidade, com práticas e afetos comuns, que poderiam ser compreendidos como compartilhados. Ao trabalhar modelos de histórias humanas, trabalha-se a inspiração. Casaqui, (2017) remonta à Grécia antiga, quando se compreendia que as musas traziam inspiração para artistas, filósofos, e atualizando a inspiração para a contemporaneidade, uma das formas possíveis seria a forma da criatividade, influenciando autores, artistas e vários sujeitos que podem dar continuidade a essa inspiração. Os sofistas, eram os pensadores da Grécia antiga, compreendida pelo século V a.C. e estes viajavam de cidade em cidade realizando os discursos nas antigas “Ágoras” (praças públicas) visando atrair alunos para as aulas de filosofia; estes discursos tinham por objetivo inspirar as

peessoas que assistiam a participar das aulas e como forma ancestral de transmissão oral, tanto quanto dos discursos inspiracionais proferidos pelos líderes guerreiros, como Alexandre – O Grande; independentemente do momento ou do motivo, a inspiração é o elo encontrado e que permitia a circulação e consumo das narrativas; seguindo o pensamento de Casaqui (2017):

Nesse espectro, discutimos a possibilidade de compreensão da existência de uma cultura da inspiração, como algo relacionado a um modo de falar comum, às práticas narrativas que correspondem as institucionalidades, a lugares de fala consolidados e legitimados, a um sistema de valores. Trata-se de modos de narrar que, por mais que mobilizem formas ancestrais de oralidade em alguns casos, correspondem a um cenário contemporâneo de mediatização da experiência humana em função de um projeto comunicacional, que envolve a produção, circulação e consumo de narrativas (CASAQUI, 2017, p. 4)

Este consumo das narrativas acontece por meio da cultura da inspiração, que apresenta uma somatória de vertentes como as “fontes sobrenaturais”, “fontes intrapsíquicas” e “fatores ambientais”. Pela ótica da primeira vertente, “fontes sobrenaturais”, o ser humano é influenciado pela ancestralidade, como o exemplo citado pelo pesquisador, na referência ligada à Grécia antiga, pelo papel exercido pelas musas para os poetas, arraigada e atualizada pela criatividade: "que favorece artistas, cientistas e outros sujeitos capazes de traduzir essa influência em sua produção, comunicando e dando forma ao divino, ao transcendente" (CASAQUI, 2017, p. 4).

O autor soma a cultura e tradições judaico-cristã, “em que o termo revelação se refere à difusão do conhecimento divino para o indivíduo, enquanto o termo inspiração é reservado ao ato de transmitir ou traduzir a revelação para a forma escrita, para ser disseminada entre os seres humanos” (CASAQUI, 2017, p. 4 e 5), tal como o exemplo citado pelo autor com relação à imagem bíblica de Moisés, quando este recebe a “revelação” dos “Dez Mandamentos” e estes são transcritos para as pedras sagradas, as tábuas; segundo o pesquisador, o ser humano aparece como mediador da revelação, “demonstra esse processo de revelação e inspiração para caracterizar a mensagem divina mediada pelo humano” (CASAQUI, 2017, p. 5).

A vertente das “fontes intrapsíquicas”, originada da psicologia do século XIX, é descrita segundo o pesquisador: “Nesse contexto, a influência divina é reposicionada como iluminação criativa (o chamado “insight”), descrita como um processo psíquico de quatro fases: preparação, incubação, iluminação e verificação. Enquanto as etapas de preparação e verificação são dominadas pela consciência, a incubação e a iluminação são do domínio do inconsciente” (CASAQUI, 2017, p. 5). É possível observar ainda, outras influências da psicologia como:

Outra vertente psicológica vai se apoiar nas teorias freudianas para descrever a inspiração criativa como regressão a um estágio primário do ego, identificado com a infância, em que o pensamento flexível favoreceria a geração de novas ideias. Em termos gerais, essa vertente, para os autores, indica algumas recorrências em meio à diversidade: entre elas, destacamos o papel da motivação, uma vez que as ideias e iluminações são situadas como desencadeadoras da ação criativa (CASAQUI, 2017, p. 5).

A inspiração seria um estado motivacional e interconectado à produtividade de artistas, cientistas e pessoas inovadoras. A vertente ligada aos “fatores ambientais”, enquanto “fatores externos”, também se fundamenta com as fontes sobrenaturais da inspiração, porém, ligadas à instrumentalização da inspiração onde por exemplo, há:

uma versão “superior” de si próprio, que seria resultante de um processo de autotransformação. Essa vertente trata do papel da emoção positiva que mobiliza as “emoções auto transcendent¹⁷” (p. 872, tradução nossa), ou a “auto transcendência” baseada na incorporação de valores, de qualidades humanas presentes no modelo, que serve de referência numa perspectiva de comparação social (CASAQUI, 2017, p. 6)

O autor tece considerações sobre culturas empreendedoras e de transformações sociais. Para ele: “Nesse contexto em que as histórias de vida podem ser reconhecidas como “inspiradoras”, a narrativização da própria vida em chave motivacional, com vistas a servir de modelo à trajetória do outro, ganha espaço crescente no espectro da inspiração como cultura” (CASAQUI, 2017, p. 9). O pesquisador aborda o campo das narrativas inoperacionais das TED *Talks* e faz a correlação:

O grande paradigma da cultura da inspiração, nesse sentido da produção de si como narrativa inspiracional, são as apresentações denominadas TED *Talks*. TED é uma abreviatura de “*Technology, Entertainment and Design*” (Tecnologia, Entretenimento e Design), cuja convergência dos termos, segundo a instituição, cobriria quase a totalidade dos temas tratados em suas palestras, ao menos em suas origens – uma vez que a amplitude quase ilimitada de temas é a característica atual do evento. (CASAQUI, 2017, p. 10.)

Para criar um ponto de convergência entre Casaqui (2017) e Cyrulnik (2012), este segundo aborda a inspiração quando o sujeito se liberta de uma “vergonha”, pois segundo

¹⁷ Segundo Vander Casaqui, a tradução do “*Self-transcendente emotions*”.

Cyrulnik (2012, p. 80), “A gente de se livra da vergonha modificando a alma dos outros”. Falar, narrar compõe uma das chaves de melhoria para o ser humano, seja em forma de transformação, seja em forma de inspiração. O autor fala da vergonha, mas o que seria ou representaria a vergonha em caráter individual, senão uma representação sobre a percepção e absorção dos fatos da vida. A composição da realidade é uma representação, mesmo que por vezes, com dor, ou, que inspire a seguir pelo caminho da transformação. São narrativas que modificam representações individuais ou em grupo, segundo Cyrulnik (2012, p.53), "E Vincent de Gaulejac acrescenta uma originalidade: O trabalho das narrativas e a modificação das representações do grupo dão uma esperança, uma possibilidade de se libertar da vergonha".

Cyrulnik (2012) indica que este processo é denominado de “reestruturação cognitiva”, e aponta para o fato de que “pode-se também dizer que o remanejamento da representação de si evolui ao sabor dos relatos e dos encontros afetivos” (CYRULNIK, 2012, p.80). Casaqui (2020) procura trabalhar dentro da reestruturação cognitiva quando recorre à teoria de Bruner¹⁸ (1991); um autor que desenvolveu teorias da Revolução Cognitiva na década de 1960 e detectou elementos importantes para as narrativas inspiracionais:

Baseados na teoria narrativa de Bruner, os autores consideram que, “ao comunicar algo sobre um evento da vida - uma situação complicada, uma intenção, um sonho, uma doença, uma angústia – a comunicação geralmente assume a forma da narrativa, ou seja, apresenta-se uma estória contada de acordo com certas convenções” (BRUNER *apud* CASAQUI, 2020, p. 4).

O pesquisador complementa, ainda citando Brockmeier e Harre (2003):

A definição de Brockmeier e Harre (2003), considera que a narrativa é associada à esfera particular da experiência individual e, simultaneamente, remete à dimensão social, uma vez que nosso repertório local de formas narrativas é entrelaçado a um cenário cultural mais amplo de ordens discursivas fundamentais, que determinam quem conta qual estória, quando, onde e para quem (BROCKMEIER e HARRE, 2003, p. 527, *apud* CASAQUI, 2020).

Assim observado, no âmbito do individual, a particularidade e o contexto se equilibram, o indivíduo e a sociedade conseguem se relacionar, afinal,

[...] essa dimensão linguística e cultural da narrativa, em perspectiva ampla, guarda vinculação com um contexto sócio histórico determinado, com práticas sociais que

¹⁸ Jerome Seymour Bruner (1915 – 2016), foi um psicólogo estadunidense, de família judaico-polonesa. Professor de psicologia em Harvard e depois em Oxford, escreveu importantes trabalhos sobre educação, liderou o que veio a ser conhecido como Revolução Cognitiva, na década de 1960.

são atravessadas pelo espírito do tempo, ou seja, pelos paradigmas de dada época, nas suas conformações e subversões (CASAQUI, 2017, p. 4).

Casaqui (2020), cita ainda um padrão criado pelas *TED Talks* e que poderia ser um paradigma. O mercado de palestras pode começar a seguir o padrão, validando o paradigma, *TED Talks* que, por meio do mercado de palestras, auxiliam na construção da cultura da inspiração, utilizando técnicas e palestras motivacionais; visam a transformação e superação de traumas e dores, a partir do falar, convencer e emocionar:

No caso do mercado de palestras, o grande paradigma global são os chamados *TED Talks*, as palestras motivacionais que possuem o formato padrão de no máximo 18 minutos e um modelo compartilhado pelos palestrantes, para atingir o objetivo de "falar, convencer, emocionar" (GALLO, 2014) - como indica um dos manuais que ensinam o caminho das pedras para conquistar as plateias do evento (CASAQUI, 2020, p. 10)

As *TED Talks* citadas como mediadoras de um evento comunicacional, apresentam a temporalidade, pois as narrativas acontecem como fatos do presente e que podem inspirar o futuro por meio de sonhos e desejos, não conscientes:

Passado, presente e futuro se organizam de modo a transmitir a ideia de jornada transcendente, de percurso de sucesso que serve de exemplo inspirador do enunciador, para que a audiência se identifique com isso e projete nele sua vida passada, seu momento atual, seus sonhos futuros (CASAQUI, 2020, p. 16).

É no passado que o ser humano vai buscar e encontrar as referências para a construção da cultura, ideias, crenças, valores e que estão presentes nas narrativas; o tempo presente em divisões temporais de passado, presente e futuro se conectam às expectativas humanas e sonhos que podem estar presentes nas narrativas das *TED Talks*, pois “Os sujeitos se constroem narrativamente e atribuem sentido ao contexto social” (CASAQUI, 2020, p. 25).

A criação de um novo sentido cultural e contexto social remaneja, também, sentimentos e emoções e "Esse remanejamento da representação de "si ferido" acarreta uma modificação de minhas emoções, da expressão comportamental delas e da construção intelectual que dá ao baque que sofri uma forma finalmente racional" (CYRULNIK, 2012, p.81). São narrativas de cura, transformacionais ou de inspiração para modificação das representações mentais construídas no mundo íntimo de cada ser humano.

Não seria possível afirmar que todas as narrativas são inspiracionais, mas seria possível perceber que todas as narrativas possuem um fundamento no compartilhamento das emoções, compostas por representações subjetivas; afinal, o início de todo o processamento mental se dá na construção da representação associada à memória afetiva. Para Cyrulnik (2012, p. 15): “A historização é outro modo de ajudar os agredidos. Escrever ou contar a história de um ferido constitui um argumento de defesa que procura explicar as causas de sua depreciação a fim de tornar menos esmagador o olhar dos outros”.

Uma vez que o ser humano produz a sua imagem a partir do outro, este é necessário para esta construção; por meio do pensamento do autor, é possível pensar que uma parte das narrativas inspiracionais tem início quando o palestrante, enquanto narrador de uma *TED Talks*, narra a história de um ferido, para qualquer tipo de ferido e de feridas, lembrando que narrar a história do próprio narrador e que este atua dentro do processo de humanização das *TED Talks*, representada no “slogan” de “histórias que valem ser compartilhadas”. Vale lembrar o que já foi citado por Cyrulnik (2012), com relação ao benefício do compartilhamento e que se mantém individualizado, ressaltando ainda: “A vergonha é mais leve quando o meio tenta entender em vez de julgar” (CYRULNIK, 2012, p. 15).

Seriam sim, as narrativas, um estímulo mental para a transformação e mudanças no pensamento humano por meio de reações, e a condição de ser afetado pela narrativa cultural, proposta em formato de emoções humanas, produtora de sentidos e sensações. Vale ressaltar que Cyrulnik (2012) parece aproximar-se do pensamento de Morin (2001), quando diz: “[...] vamos recortar no real o que, previamente, nosso pensamento tinha a intenção de encontrar. O pensamento é, portanto, organizador da percepção do real” (CYRULNIK, 2012, p. 38).

Os filósofos fizeram com que acreditássemos que o pensamento podia ser abstraído do corpo e ser completamente independente de nossas emoções. Os trabalhos atuais dos neurologistas e dos neurobiólogos mostram muito claramente que um acidente (ou uma experimentação) no cérebro que provoca alteração na natureza da emoção muda completamente a teoria do mundo. (CYRULNIK, 2012, p. 57).

Segundo Cyrulnik (2012), os filósofos queriam que o mundo acreditasse no pensamento fora, uma parte externa à mente, mas, o mundo mental, é indissociável do corpo, pois o cérebro também é corpo e guardião das emoções. Nitidamente, o evento limiar da morte, ou da sensação de quase morte, gera uma alteração na emoção; condição esta que indica que houve uma reação, um gatilho mental e emocional com uma mudança na estrutura de pensamento daquele ser humano individual.

Considerando o ser humano integral, enquanto um ser biopsicossocial, o cérebro é um produto biológico e o pensamento, imaterial, encontra-se alojado na matéria orgânica e de forma indissociável, também. As reações acontecem no cérebro e produzem efeitos na mente humana, também ratificado por Cyrulnik (2012):

Em minhas emoções de homem tenho, então, um pé na matéria cerebral, mas um outro pé nas narrativas estruturadas ao meu redor por minha cultura, minha família, meus amigos, meu grupo. Essas narrativas, essas representações verbais artísticas vão também desencadear emoções em mim. E passa-se a compreender melhor os nascimentos sucessivos do homem. (CYRULNIK, 2012, p. 58)

O autor traz uma nova face para as narrativas quando as indica como representações verbais artísticas, com um potencial desencadeador de emoções; estas, garantem o critério de inspiracionais quando provocam, ou estimulam, a alteração da natureza das emoções, percepções e memórias.

É muito importante analisar que as narrativas são como uma orquestra, composta por várias faces: palavras, sentenças, corpo em ação e performance, disparador de emoções e sentimentos que geram reflexões, enquanto evento fundador ou inicial, na visão de Cyrulnik (2012), pois "É efetivamente o relato que dirige o evento fundador, aquele que produz o sentido" (CYRULNIK, 2012, p.35). O ser humano, ao narrar determinado fato ou situação vivenciada, gera estímulos cerebrais que podem levar a uma nova construção de sentidos para aquele determinado ser humano que narra de si.

As palavras são carregadas de sentidos (CYRULNIK, 2012, p.40), sentimentos e emoções, pois estão arquivadas no cérebro do ser humano e, para gerar uma memória, as emoções e sentimentos atuam como catalisadores, ou seja, as palavras criam o sentido, tal qual uma chave de interconexão, ou, interconectividade entre a palestra e a audição, aqui compreendida como participantes das *TED Talks*.

E por ser um processo comunicacional, cujo meio são as narrativas, o objetivo é levar o participante a encontrar seus sonhos e inspirações mentais e, "O que torna possível a sobrevivência é o par de opostos" (CYRULNIK, 2009, p. 51); vale lembrar que o par de opostos no pensamento de Cyrulnik (2009), é o binômio da felicidade – infelicidade ou, alegria – tristeza, em que um precisa do outro para existir; como por exemplo, para se ter a sensação de estar saciado, é preciso ter fome e, sem a fome não haveria a saciedade. O cérebro é o responsável pelo processamento cerebral e que é afetado pelas narrativas, sejam inspiracionais ou transformacionais e, "Seja qual for a nova direção adotada, é sempre o cérebro que serve de

traço-de-união entre as percepções biológicas e as representações mentais" (CYRULNIK, 2009, p. 51 e 52). É no corpo, é na mente, que ocorrem as reações, pois "Uma simples evocação, ao conversar ou examinar uma foto de família, basta para despertar a emoção" (CYRULNIK, 2009, p. 51 e 53).

A fala apresenta um efeito afetivo na visão de Cyrulnik (2009, p. 87): “Para coroar o todo, o efeito afetivo da fala, ao provocar emoções de tristeza, de alegria, de surpresa ou de apaziguamento, também induz modificações biológicas”). A fala adquire movimento e sentido quando acontece a narrativa, e pode gerar uma série de resultados importantes, tais como: “Quando a narração devolve coerência ao mundo do perturbado, quando a relação instaura um vínculo tranquilizador, a sinaptização recomeça. O efeito mágico da fala se explica pela biologia” (CYRULNIK, 2009, p. 88).

Em contraposição, a partir do momento em que um ser vivo se torna capaz de fazer relatos, começou a memória explícita, a si próprio com imagens e palavras e constrói assim para si um filme que põe em funcionamento e sua identidade narrativa. A partir do instante em que edifica um mundo de palavras, ele lhe dá uma coerência, ele o sente, o experimenta, o vê e pode, portanto, responder a ele (CYRULNIK, 2009, p. 101).

O canal TED *Talks* é um meio no qual as narrativas são estruturadas para causar efeitos, geralmente ligados aos sentidos inspiracionais (como ainda abordaremos neste trabalho), um remanejamento de sensações e significados provenientes dos afetos compartilhados de forma subjetiva. Segundo Cyrulnik (2009):

Pode-se igualmente remanejar as representações de imagens e de palavras que, de qualquer modo, estimularão a mesma zona cerebral. Um quadro, um romance, um filme ou uma psicoterapia modificam nossos sentimentos, já que acontece de chorarmos no cinema "mesmo sabendo que não é para valer", ou de "ver as coisas de outro jeito" depois de um trabalho verbal. O poder de uma representação sobre o nosso corpo é tão grande que a expectativa de uma dor já é um sofrimento, e que a esperança de um alívio nos acalma imediatamente (CYRULNIK, 2009, p. 133).

Cyrulnik (2009, p. 133) afirma que “As narrativas culturais em que estamos imersos podem nos euforizar quando a realidade está destituída de esperança assim como podem nos abater numa situação sossegada”.

A história pode ser preservada por meio das narrativas, pelos ritos de passagem dos sábios moribundos. Cyrulnik (2009) afirma que: “Os relatos dos idosos alternam lições de vida e criações em busca de acontecimentos. Em ambos os casos, as narrações opostas preservam

sua identidade” (CYRULNIK, 2009, p. 146). Para Cyrulnik (2009), o oposto acontece quando do esquecimento e a possibilidade de manutenção da identidade:

Às vezes contamos algo cuja fonte esquecemos. Não sabemos por que contamos tantas vezes um filme romântico que ainda nos emociona. Esquecemos que fomos vê-lo com nossa primeira namorada quando tínhamos quinze anos. Uma percepção banal desencadeia uma evocação pessoal. Uma música antiga, um par de chinelos velhos ou um quadro desbotado provocam uma reminiscência visual. Assim como gosto da Madeleine de Proust, uma imagem evoca uma cena passada (CYRULNIK, 2009, p. 146).

Evocar memórias relaciona-se à preservação da identidade no tempo. Para Cyrulnik (2009, p. 147): “Quarenta ou cinquenta anos depois, ligamos preferencialmente os objetos e os acontecimentos que percebemos com esse período sensível de nossa mocidade, em que o afetivo e o social se preparam para dar sentido a toda a aventura de nossa vida”. A preservação de histórias e identidades enquanto narrativas culturais e ritos de passagem aqui mencionadas podem ser percebidas nas TED *Talks*. Vander Casaqui (2017) explica:

Essas conferências, gravadas e tornadas disponíveis no site da instituição em mais de 100 línguas, já foram vistas e compartilhadas por milhões de espectadores nas redes sociais. Seu slogan, “*ideas worth spreading*” (“ideias que merecem ser espalhadas”), dá o tom de uma cultura seletiva, em que a mensagem valorosa é aquela capaz de convencer, de emocionar, de promover “transformações” na vida das pessoas, mesmo que sintetizadas em 18 minutos no máximo, em uma forma de espiritualidade incorporada à oralidade midiaticizada. (CASAQUI, 2017, p. 10).

Espalhar e compartilhar são uma condição essencial das palestras da TED *Talks*, pois é o prenúncio da divisão das dores ou ressignificação destas. Aquele que ouve, presencialmente ou online, reconta a narrativa para outrem e se torna o novo “micro” palestrante da TED *Talks*. O fará com acréscimo de conteúdo pessoal, seja com a cura ou novas compreensões sobre fatos para promover um novo compartilhamento. O ser humano procura por “curas” amorosas, profissionais, e existe a busca pelas narrativas curativas que possam gerar transformações:

A busca da cura da narrativa, da solução para esse impasse, parece resultar no ato de voltar para a sua própria interioridade, de encontrar em si mesmo o sentido da coerência. No âmbito da cultura da inspiração, isso passa pela incorporação de modelos narrativos a seguir, das histórias de vida exemplares a replicar em nossas vidas. Em última instância, esse é um processo de produção e consumo de narrativas, que implica a transformação do sujeito consumidor para se adequar ao modelo de sucesso”. (CASAQUI, 2016, p. 9).

Ao recontar uma das *TED Talks*, pode ocorrer uma das primeiras transformações: de ouvinte para “micro” palestrante ou um novo narrador que automaticamente fez os ajustes necessários, acréscimos pessoais, e compartilha a nova narrativa, gerando um retorno ao próprio interior e um processo mental reflexivo, um círculo virtuoso de transformações. O ser humano passa uma vida se adequando a modelos de sucesso, desde quando criança, afinal, quem já não teve um professor ao qual admirava, um herói, um personagem e não quis os mesmos poderes dos personagens, atitudes, crenças, valores e inclusive posturas físicas?

Retomamos aqui Cyrulnik (2009, p. 16) que afirma: “é de fato o meio que modela a massa cerebral e dá forma ao que, sem ele, não passaria de um ajuntamento informe, não circuitado. É sob o efeito das interações precoces que o cérebro adquire um modo de ser sensível ao mundo e de reagir a ele”; é a provocação a estas interações que acontece nas *TED Talks*, mediadoras do processo comunicacional, e que pode provocar a interiorização do ser humano com a consequente resignificação e novas construções mentais.

Nas palestras das *TED Talks* esta provocação pode acontecer, por exemplo, com o corpo em movimento, uma pausa na respiração acompanhada de um sacudir de ombros, baixar os olhos; toda uma performance corporal codificada para este fim específico; além de palavras, tom de voz e a história narrada dentro da temporalidade. As *TED Talks*, por exemplo, exercem um papel de gatilho da memória que dispara sentimentos e emoções, como por exemplo no desenho animado, “*Ratatouille*”¹⁹ quando o crítico de restaurantes, o “Anton”, experimenta o sabor do alimento e é transportado mentalmente para as suas memórias afetivas, deixando a caneta cair e saboreando alegremente o alimento; é o gatilho que também pode acontecer por uma palavra, um tom de voz, afinal nem todas as pessoas podem experimentar as “*Madeleine de Proust*”. Ser afetado por uma narrativa faz parte da condição humana do viver e que ao mesmo tempo nos modela, inspira e transforma.

Compreender as narrativas inspiracionais e transformacionais foi fundamental quando observados os elementos trazidos por Casaqui para a compreensão da mediação realizada por uma *TED Talks*, sobretudo com relação à morte, experiência limite e que, enquanto mediadora, pode gerar um despertar para a vida.

No próximo capítulo será abordado o canal das *TED Talks* com informações técnicas e que auxiliam na compreensão para esta dissertação.

¹⁹ *Ratatouille*: é um filme estadunidense, de animação e o oitavo longa-metragem produzido pela Pixar, lançado em 2007. Conta a história de Remi, um rato que vive em Paris e que sonha em se tornar um chef de cozinha.

3 O CANAL TED TALKS E DAS TEDx TALKS

A realização de uma pesquisa sobre narrativas por meio das palestras inspiracionais encontradas no canal de *YouTube* TED Talks e TEDx Talks demandam uma apresentação mais detalhada da própria história do canal, seu desenvolvimento e abrangência atual.

3.1. História do canal TED Talks e TEDx Talks

Os fundadores da TED Talks são: Richard Saul Wurman, arquiteto e designer gráfico e Harry Marks, designer gráfico. O primeiro fundador, Richard Saul Wurman, é também escritor de mais de 80 livros, nos quais desenvolveu termos como “Arquitetura de Informação” e “Ansiedade de Informação”, por meio dos quais discute a necessidade de transformar informação em compreensão. Segundo Wurman (2016), em determinado momento, percebeu que em nossa sociedade não havia uma explosão de informação, mas sim de dados. Como arquiteto de informação, passou a buscar por possibilidades que transformassem dados em informação, de forma compreensível e geradora de significados para o ser humano.

O segundo fundador, Harry Marks (2016), foi pioneiro na utilização de câmeras fotográficas para a construção de design gráfico que é definido por Marks (2016) como mais atrativo, além de buscar um trabalho com a emoção de uma forma mais agradável e revestida de movimento.

A sigla TED indica o acrônimo de três letras: “T” para tecnologia, “E” de entretenimento e “D” ligado ao design e o momento conhecido como “Talk”, que é a própria conversa: direta, prática, e com exemplos.

A data de sua fundação remonta de 1984, e o primeiro encontro entre os fundadores foi na cidade de Monterrey, Califórnia, já influenciado pelo Vale do Silício e foi realizada uma apresentação sobre utilização de um CD, gráficos em 3D e uma gama de oportunidades trazidas pela tecnologia. Somente a partir de 1990 é que o evento reconhecido como TED Talks começou a engrenar como promoção de um ciclo de palestras e disseminação do conhecimento de uma forma envolvente.

Em 2002 a Fundação Sapling, de propriedade de Chris Anderson, comprou os direitos da TED Talks. Os eventos somente saíram da cidade de Monterrey a partir de 2009 em função do volume de pessoas que assistiam e queriam participar dos eventos, momento este em que também nascia a “TED”, com o intuito de espalhar e disseminar as ideias.

Na atualidade a TED atua como Fundação TED e, por meio das palestras on-line, mobiliza mais de um bilhão de visualizações por ano.

O livro de Chris Anderson, *TED Talks, o Guia Oficial do TED Para Falar em Público* indica que as práticas narrativas produzidas pelo canal remontam ao período da pré-história da humanidade, pois as pesquisas da arqueologia comprovam que as pessoas realizavam encontros ao redor da fogueira, até o sapiens (ser humano) desenvolver a linguagem e, supostamente, passar a contar histórias.

Segundo Anderson (2016, p. 13), “ao ouvir uma história, o ser humano imagina e monta os cenários no imaginário do narrado. O cérebro, seu imaginário, gera as mesmas sensações ouvidas da narrativa”. Essas são as noções que embasam a concepção e o desenvolvimento do canal *TED Talks*.

Já o pesquisador, Vander Casaqui expõe sobre o contexto das TED:

Esse contexto dos *TED Talks*, por sua natureza de hibridação de formatos - visto que a oratória, como elemento central, é enquadrada na linguagem audiovisual dos vídeos produzidos, disponibilizados e exaustivamente compartilhados nas redes digitais -, leva Kedrowicz e Taylor (2016) a cunharem a noção de "electronic eloquence", ou eloquência eletrônica. Para os autores, essa eloquência é baseada na junção entre a "narrativa engajadora" ("engaging narrative") e uma presença visual marcante, composta pelo cenário padrão do evento, pela montagem audiovisual e pela indefectível apresentação em PowerPoint - que agrega à narrativa oral as imagens que ancoram e expandem os significados e promovem efeitos como a curiosidade, o choque e o riso, entre outros recursos estratégicos para atrair a plateia (presente no auditório do evento ou mediada pelas tecnologias digitais). (CASAQUI, 2020, p. 11).

Segundo Casaqui (2020), é uma produção conjunta que gera uma “eloquência eletrônica” como “narrativa engajadora” e a presença visual marcante, além do apoio audiovisual, cenários e imagem que somam estímulos para o repasse de uma percepção de mundos compartilhados, ou, acessíveis, ainda que por 18 minutos.

Este compartilhamento estimula a construção de sentidos por meio das narrativas, segundo Brunner (1991) “Os sujeitos se constroem narrativamente e atribuem sentido ao contexto social. Os elementos narrativos apresentados por Brunner (1991) revelam especificidades dessa relação entre linguagem, subjetividade e sociedade.” (BRUNNER, 1991 *apud* CASAQUI, 2020, p. 25).

A *TED Talks*, para Casaqui (2017), trabalha a emoção a fim de promover transformações. Casaqui (2017) ainda reforça com números quando cita Carmine Gallo²⁰ (GALLO, 2014):

O autor oferece números que permitem identificar o TED como fenômeno em escala global e espalhado em nossa cultura recente: Em 13 de novembro de 2012, as apresentações do TED.com bateram a marca de um bilhão de visualizações e atualmente são vistas em média 1,5 bilhão de vezes por dia (CASAQUI, 2017, p. 11, *apud* GALLO, 2014, p. 12, grifos do autor).

A *TED Talks* Brasil, conhecida como TEDx - Brasil detém independência na produção de conteúdo e para participar é necessário realizar a inscrição on line explicando o conteúdo da palestra e, ao mesmo tempo, uma apresentação prévia em vídeo. Há uma votação, não explicitada como é realizada, e as 30 melhores ideias são as palestras que irão compor as *TEDx Talks* – Brasil que acontecem em todo o país, segundo a reportagem da revista Galileu (2013).

Reside um ponto importante e de diferenciação entre o que é *TED Talks* e a TEDx. A *TED Talks* é a apresentação do conteúdo / palestra que foi realizada pelos grandes nomes mundiais, sejam cientistas, grandes empresários e experiências individuais que possam traduzir movimentos globais, e o foco principal é ter palestras sobre ciência, cultura e tópicos acadêmicos²¹. A TEDx, por sua vez, é o evento regional com temas que visam auxiliar a comunidade local sem temas corporativos, políticos ou religiosos.

Segundo a curadora de conteúdo da *TEDx Talks* Brasil, Elena Crescia, o importante dos conteúdos das *TED Talks* e das *TEDx Talks* são as “ideias que valem ser compartilhadas”. Em função do tema da pesquisa, Elena Crescia concedeu 20 minutos de rápida conversa sobre as *TED Talks* e a produção do conteúdo; ressaltou que os curadores procuram conteúdos interessantes, histórias praticamente únicas para que componham o circuito de palestras das *TED Talks* e para as *TEDx Talks*.

Dado o potencial de negócios da *TED Talks*, por meio de pesquisas realizadas na internet em busca de informações sobre o canal referenciado e seus números, foi possível descobrir outra página na internet referente às *TED Talks*, a IDEAS TED (2021). Nesta página do próprio canal da *TED Talks* é possível ler reportagens disponíveis e realizar consultas, em

²⁰ Carmine Gallo (1965), americano, autor de livros, colunista, palestrante e ex-jornalista e âncora de notícias. Presidente do Gallo Communications Group e trabalha como treinador de comunicação e palestrante. Carmine também é um colunista da Forbes.com, onde escreve para o Canal de Liderança. Autor do livro em referência sobre as *TED Talks*. **TED**: falar, convencer, emocionar: como se apresentar para grandes plateias. São Paulo: Saraiva, 2014.

²¹ Disponível em <https://pt.sawakinome.com/articles/business/difference-between-ted-and-tedx-3.html>. Acesso 31 março de 2022.

inglês, com conteúdos relativos às palestras, estudos, tendências nas áreas de tecnologia, negócios, arte e design, ciência e humanidades. Na aba referente à ciência, são temas diversos como: aquecimento global e o clima, psicologia, alimentação, crédito de carbono, entre muitos outros. Na página foi realizada a consulta sobre o tema da morte e uma das reportagens que chamou a atenção como acesso foi a da antropóloga cultural, Kelly Swazey (2013) – *Life doesn't end with death*, e que relata sobre morte, rituais, memorização e tradições culturais com um volume total de acessos: 1.843.686 visualizações e traduzida para 30 idiomas.

Já na aba de humanidades, denominada “*We Humans*”, podem ser encontrados os mais variados temas: como ajudar aos refugiados, questões sobre a guerra da Ucrânia e o clima, o que podemos aprender com os relacionamentos, racismo, inteligência emocional, dentre outros. A variedade de temas é um item que chama a atenção.

E dentro da rede da internet ainda foi possível encontrar uma página chamada Social Blade, cuja tradução específica é “Lâmina Social”, com informações relativas aos acessos. As informações contidas neste canal são traduzidas como mero aspecto informativo, pois não foi possível encontrar validação científica e vínculo com pesquisadores que possam referenciá-lo, diferentemente do canal da *TED Talks*, Idea.

Vale ressaltar que a *TED Talks*, enquanto plataforma e de fenômeno mundial, desperta o olhar dos pesquisadores para seus efeitos e encontramos, via pesquisa no Google Academics, o artigo do pesquisador Maxime Masson²², sobre “Benefícios das *TED Talks*”²³ (2014), “As Palestras TED demandam pouco tempo, são financeiramente vantajosas e representam uma excelente forma de chegar aos integrantes da sociedade, promovendo o envolvimento ativo na saúde da população.”²⁴ (MASSON, 2014, p.1). O médico e pesquisador ressalta ainda:

Normalmente, essas apresentações de alta qualidade ou palestras sobre SDOHs são reservadas para médicos e outros profissionais de saúde e são feitas principalmente como conferências em simpósios caros. Acredito que transformá-los em palestras TED é uma ótima ideia em termos de tempo, porque muitos profissionais de saúde não podem participar de conferências de um dia inteiro. Durante a residência, por exemplo, os pagers estão constantemente bipando. Da mesma forma, muitas enfermeiras e fisioterapeutas mal têm tempo suficiente em um dia para realizar todas as tarefas de suas agendas. Apresentações concisas sobre SDOHs²⁵ permitem que os profissionais de saúde adquiram outra perspectiva sobre a saúde; isto é, compreender que as doenças podem não se originar inteiramente de mecanismos biológicos defeituosos. Eles aprendem a identificar e examinar fatores sociais, como status

²² Maxime Masson, médico canadense apaixonado por tecnologia e *TED Talks*.

²³ Tradução da autora: “*Benefits of TED Talks*”

²⁴ Texto Original: “*TED Talks require small amounts of time, are financially advantageous, and represent an excellent way to reach out to the members of society, thereby promoting active involvement in population health*”.

²⁵ SDOH: “*Social Determinants of Health*”, ou Determinantes Sociais da Saúde.

socioeconômico, “educação e alfabetização” e “ambientes físicos”, que podem estar contribuindo para condições nas quais haja desvios da normalidade²⁶. (MASSON, 2014, p.1)

O médico e pesquisador, reforça ainda uma visão sobre as *TED Talks* como ferramenta de acessibilidade cultural e de saúde pública para a população:

[...] inovações tecnológicas [facilitam] a conexão e a comunicação”, conforme afirmado no comentário. As *TED Talks* têm um alcance geral impressionante porque são abertas a todos e, portanto, permitem que os membros da sociedade obtenham uma compreensão dos fatores sociais que influenciam saúde deles. Este conhecimento dos SDOHs confere a eles as ferramentas necessárias para assumir responsabilidade como sociedade e tomar ações coletivas para ajudar aqueles que estão em maior risco. Além disso, a população compreenderia as muitas mudanças médicas em andamento, especialmente o enfoque na atenção primária e seu importante papel na identificação precoce dos problemas e na tomada de medidas para resolvê-los, bem como na prestação de cuidados preventivos. Não podemos nos concentrar apenas nas estruturas biológicas infinitamente pequenas que constituem o ambiente interno do corpo, pois o ambiente externo, ou seja, a sociedade, definitivamente desempenha um papel²⁷. (MASSON, 2014, p.1)

As *TED Talks* apresentam uma composição midiática como proposta de conteúdo e acessibilidade, porém, há que se ponderar sobre a população carente que também está inserida dentro do ambiente da globalização, porém, sem a devida acessibilidade, hiperconectividade. Existe globalmente uma população que ainda carece de cuidados, acesso à educação e informação para que seja possível a disseminação da ciência e dos conhecimentos de uma forma que venha a cumprir o real compartilhamento de ideias, proposta “slogan” das *TED Talks*.

Por outro lado, existe a criação de um mercado de palestras que gera receitas cujos números não são abertos para a sociedade, mas, são investidores que lucram, anúncios e reforço de marca (branding), palestrantes que conseguem ascensão de carreira; uma economia não nominada, mas ativa. Considerando a população carente e sem acesso à educação, cultura e saúde, esta também continuará sem acesso às informações, tampouco, ascensão de carreira.

²⁶ Texto Original: “Usually such high-quality presentations or lectures on SDOHs are reserved for physicians and other health workers and are mainly given as conferences in over-priced symposiums. I believe transforming them into TED Talks is a great idea in terms of time because many health professionals are unable to attend day-long conferences. During residency, for instance, pagers are constantly beeping. Similarly, many nurses and physiotherapists barely have enough time in a day to accomplish all the tasks on their agendas. Concise presentations on SDOHs allow health professionals to acquire another perspective on health; that is, understanding that diseases might not stem entirely from faulty biological mechanisms. They learn to identify and examine societal factors, such as socioeconomic status, “education and literacy,” and “physical environments,” that might be contributing to conditions in which there are deviations from normality”.

²⁷Texto Original:” [T]echnological innovations [do] facilitate connection and communication,” as stated in the commentary. *TED Talks* have an impressive overall outreach because they are open to everyone and thereby allow members of society to gain an understanding of social factors that influence their health. This knowledge of SDOHs confers upon them the necessary tools to take responsibility as a society and take collective action to help those who are most at risk. Additionally, the population would understand the many medical changes that are under way, especially the focus on primary care and its important role in identifying problems earlier and taking action to solve them, as well as in delivering preventive care. We cannot solely focus on the infinitely small biological structures making up the body’s internal environment, as the external environment, that is, society, plays a role.

As *TED Talks* e as *TEDx Talks* propõem uma cultura de massa por meio do compartilhamento de ideias, e o lado positivo deste compartilhamento é que, ainda que exista uma desigualdade global, são milhões de ouvintes que puderam assistir a palestras interessantes como as citadas anteriormente, realizadas por Steve Jobs, Simon Sinek, Bené Brown, Ammy Cudy, dentre outros; ainda que dentro do ambiente tecnológico das *TED Talks* e das *TEDx Talks* e que demandam, no mínimo, uma boa conexão de internet, ainda existe a acessibilidade às palestras que antes, seriam inacessíveis.

Lembrado de Masson (2014), as *TED Talks* abriram um mercado de palestras e acesso ao conhecimento variado, que antes, não existia. Ao mesmo tempo, permitiu à sociedade uma forma de acesso e compreensão de fatos a fatores sociais que poderão influenciar na saúde de uma população, sendo ainda possível incluir, conhecimentos e informações variadas.

No próximo capítulo, vamos seguir com a análise da *TEDx Talks* eleita como corpus da pesquisa de mestrado e será possível dar uma continuidade à visão relativa às palestras e conteúdo desenvolvido até então.

3.2 Escolha do corpus de análise e critérios utilizados nessa seleção

Neste capítulo, vamos trabalhar com a *TEDx Talks* que compõe o corpus da pesquisa e realizar uma análise crítica.

Para a escolha da narrativa, foi realizada uma pesquisa exploratória nas produções do canal, a partir da busca pela palavra-chave “morte”, uma vez que de antemão, é parte integrante do tema central. Os critérios elencados para a escolha da *TEDx Talks* visaram encontrar elementos que permitissem uma leitura contextual mais aprofundada no âmbito da análise de narrativas, que abordassem o tema da morte e que pudessem ser consideradas como inspiracionais, chegando-se a uma palestra de um brasileiro, proferida em português.

Esta seleção gerou uma primeira seleção com 11(onze) *TED Talks*, destas, somente 3 (três) *TED Talks* cumpriam os critérios elencados. Seguimos com as *TED Talks* elencadas, à saber: 1. TRAJANO (2020), único passageiro sobrevivente de um acidente de avião da VARIG em 1973, declarado morto, por identidade e similaridade física e depois, declarado vivo; 2. GIGLIOLI (2013), uma narrativa com potencial de afetar qualquer participantes pois falava de uma mãe que narra a perda do filho caçula e 3. HANBURY (2013), com narrativa de uma superação física e emocional, onde a palestrante ficou 10 anos sem movimentos físicos

(tetraplégica) e conseguiu sobreviver à experiência de morte, além de recuperar os movimentos físicos; até defesa da qualificação desta dissertação, seria este o corpus eleito.

Quando se deu a banca de qualificação desta pesquisa de mestrado, os professores avaliadores indicaram que a melhor TED *Talks* e narrativa seria a de TRAJANO (2020), justamente por ter tido a experiência de morte, ter sido declarado morto e, depois, declarado vivo; vários fatos dentro de uma experiência e vivência, além de se levantar as diferenças entre as TED *Talks* e as TEDx *Talks*, como a do TRAJANO (2020), uma palestra regional e rica em detalhes. Assim, o corpus da pesquisa obteve mais um recorte e uma maior profundidade na análise.

Na próxima etapa, explicamos a metodologia de análise da narrativa para que seja possível uma leitura mais profunda da TEDx *Talks* eleita.

3.3 Metodologia de análise da narrativa (descrição do passo a passo a ser aplicado)

Neste capítulo, vamos descrever a metodologia para realizar as análises da TEDx *Talks* eleita como corpus da pesquisa. Considerando o âmbito das TEDx *Talks* como uma exposição de narrativas, há que se considerar os elementos elencados em Casaqui (2020) e uma possível percepção de evocação de emoções e sentimentos junto àqueles que participaram das TEDx *Talks* e que permitiram gravação. Salientamos que são TEDx *Talks* gravadas e com público ainda em formato presencial.

Os elementos da tabela abaixo indicados são importantes para as análises da narrativa e uma forma de conexão entre a fundamentação teórica por meio da análise da narrativa e as frases individualizadas, imagens, movimentos e gestos.

Para este fim, foi elaborada uma tabela adaptada ao trabalho apresentado por Casaqui (2020, p. 6 e 7), adaptado e comparado com as TEDx *Talks*, conforme abaixo:

QUADRO 1 – Tabela Comparativa Conceito e TEDx *Talks*

Item	Descrição	Conexão com a TEDx <i>Talks</i>
a. Diacronicidade narrativa	a narrativa tem relação intrínseca com o tempo, por ser uma exposição de acontecimentos que se desenrolam em uma perspectiva durativa. Passado, presente e futuro são tempos que situam o	o modelo das TEDx <i>Talks</i> apresenta a “diacronicidade narrativa”, uma vez que a referência é trazer os participantes para o aqui e o agora e que situam o sujeito dentro do percurso

	sujeito em seu percurso narrativo. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	narrativo realizado pelo palestrante.
b. Particularidade	a narrativa trata de particularidades, como acontecimentos e indivíduos, que são emblemáticas e alegóricas e, por isso, simultaneamente se associam a uma dimensão geral, às questões tidas como universais que servem de chave de interpretação de um grupo social, da condição humana, da sociedade que essa narrativa representa. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	ao comparar com as narrativas das TEDx <i>Talks</i> , há uma simultaneidade de associações em função dos grupos sociais que assistem às palestras, vivências e experiências ligadas à condição humana de morte, traumas e que é representada nas narrativas da TEDx <i>Talks</i> , tornando-a aplicável para as vidas daqueles que assistem como elemento tranquilizador e que poderá servir de inspiração.
c. Vínculos e estados intencionais	os eventos mobilizados pela narrativa colocam a ação humana como chave de leitura do que Bruner chama de “estados intencionais”, quer dizer, as escolhas, valores, ideias, e convicções dos seres narrativizados.	Uma palestra da TEDx <i>Talks</i> , cujo tema é a morte, é uma forma de aproximação aos “estados intencionais” em função das escolhas, valores, ideias e convicções compartilhados pelos palestrantes.
d. Composicionalidade hermenêutica	essa característica é associada à expressão de significados e sua interpretação; parte-se da ideia de que a narrativa é pensada no diálogo com o outro, como forma de comunicação baseada em acontecimentos, experiências e situações, a partir dos quais se pode extrair a “moral da história”, por assim dizer. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	as narrativas das TEDx <i>Talks</i> que falam sobre a morte, criam uma conexão por meio da experiência e recriam a vivência real.
e. Canonicidade e violação	a relação entre tradições narrativas, que servem de expressão tanto nas reiterações de formatos consagrados (cânone) quanto na subversão da tradição, na inovação, ou mesmo na resignificação de pré-construídos de outras tradições; esses processos de manutenção ou ruptura fazem parte de	as narrativas das TEDx <i>Talks</i> podem levar a um processo de reflexão e resignificação de modelos internos, padrões, construções e códigos mentais que poderiam estar “desatualizados”. A atualização é ruptura proposta como estratégia comunicacional e inspiracional.

	uma estratégia comunicacional. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	
f. Referencialidade	<p>a relação da narrativa com o mundo se dá por verossimilhança, pela mobilização de elementos da realidade para ancorar os acontecimentos, as construções de personagens e suas trajetórias, as ideias que se pretendem universais.</p> <p>Nesse aspecto, ficcionalidade e realismo não são separados por fronteiras nítidas, pois são aproximados pelo caráter narrativo da construção da realidade. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)</p>	<p>Nas narrativas das TEDx Talks cujo tema é a morte, a fronteira entre ficção e realidade praticamente não acontece, pois a experiência narrada na TEDx Talks parte de uma pessoa que vivenciou o fato, real e inquestionavelmente, verdadeiro; esta passa a ser associada à realidade daquele que assiste às palestras e que ajudam a construir uma nova realidade.</p>
g. Genericidade	<p>os modos de contar, isto é, os gêneros narrativos identificáveis de uma cultura, para Bruner só poderiam funcionar plenamente a partir da predisposição das "mentes e sensibilidades" de interpretá-los e de pensar por meio deles. Nesse sentido, os modos de narrar "podem ter o poder de influenciar na moldagem de nossos modos de pensamento, da mesma maneira que eles criam as realidades que seus enredos descrevem" (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)</p>	<p>Por serem genéricas e abordar plateias das mais diversas culturas, as palestras das TEDx Talks podem se servir de uma base reflexiva e que podem levar à inspiração, pois, cada participante irá absorver aquele conteúdo e o ajustar para a representação interna individual, que se refere à moldagem do pensamento, teorizado por Bruner (2003).</p>
h. Normatividade	<p>as normas que organizam a narrativa são adequadas ao contexto, no sentido de corresponder a sua época e as circunstâncias de sua produção. Bruner, nesse ponto, relaciona a narrativa ao mundo cultural, que para sua vez guarda relação com as expectativas, visões de mundo e valores de uma época, transfigurados em formas de narrar. Há certa relação entre a expressão narrativa e o espírito do</p>	<p>Para o ambiente das TEDx Talks, é o padrão de 18 minutos e há, ainda, a norma cultural, que pode ser verificada pelo contexto da época que traz a sensação e o sentido de tempo.</p>

	tempo que dá sentido às escolhas e modos de dizer do narrador. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	
i. Sensibilidade de contexto e negociabilidade	aprofundando alguns aspectos anteriores, nesse tópico Bruner dá ênfase para a narrativa com a negociação simbólica e se aproxima, de certa forma, da noção de auditório social (BAKHTIN, 1997). Essa perspectiva dialógica e entendida pelo autor com a interpretação de expectativas, que também nos remete a ideia de um leitor construído pela narrativa, pelo contrato comunicacional que emerge da leitura do contexto e das possíveis interpretações da mensagem. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)	é atingir as expectativas dos participantes e da comoção social que pode ser gerada no auditório social, onde existe o compartilhar culturas e inspirações; quantas são ou seriam as possíveis interpretações de uma mensagem?
j. Acréscimo narrativo	como parte de uma cultura, as narrativas redimensionam a existência por meio de acréscimos, de conexões lógicas e de invenções de tradições, que fazem, por exemplo, de um relato autobiográfico algo similar à jornada do herói. Bruner considera esse elemento narrativo de especial interesse para antropólogos e historiadores, que teriam acesso à relações histórico-causais de uma determinada cultura, aos seus discursos fundadores, as mitológicas, elementos que reordenam experiências compartilhadas de uma sociedade. O passado, nesse sentido, é alvo de construções e reconstruções contínuas, de acordo com os novos cenários sociais em que a narrativa se projeta. Um exemplo mais particular, que nos interessa especificamente, é a chamada coerência para contemporaneidade, em que biografias e	Para o ambiente das TEDx Talks, é vivenciar, naquele auditório social, a própria jornada do herói, com o herói em ação, além do fortalecimento da “persona” social.

	<p>acontecimentos sociais mais abrangentes se entrecruzam em relações de causa e consequência formuladas narrativamente. Os elementos apontados por Bruner são propriedades narrativas que operam na construção da realidade, que ganham sentido quando incorporados a comunidades linguísticas e compartilhamentos culturais. (CASAQUI, 2020, p.6 e 7)</p>	
--	---	--

Fonte: A autora (2022), adaptado de Casaqui (2020) e comparado às TEDx Talks.

A realização da análise da narrativa, segundo a visão de Casaqui (2020), é importante para validar a TEDx Talks escolhida como corpus da pesquisa e preparar as conexões com a fundamentação teórica realizada por meio de duas óticas: a. Viés da Morte e b. Viés dos Afetos. Assim, vamos proceder à análise da tabela e vincular os vieses que podem estar conectados, item a item:

- a. **Diacronicidade Narrativa:** por tratar da questão do tempo, passado, presente e futuro, apresenta uma conexão com o viés do afeto, por meio da memória que pode ser evocada a qualquer tempo e transportar o pensamento para qualquer época, afetando o ser humano diretamente e causando reações, e, ao mesmo tempo, conecta-se ao viés da morte quando apresenta o passado por meio da narrativa e das imagens, presente com a presença do narrador / palestrante.
- b. **Particularidade:** como a própria palavra já diz, uma particularidade refere-se ao que é individual, portanto, cada ser humano pode ser afetado de forma diferente, considerando a individualidade das representações, memórias e viés do afeto.
- c. **Vínculos e estados intencionais:** Os estados intencionais citados por Casaqui (2020) conectam-se ao fato do “acreditar” indicado por Cyrulnik (2012). O ser humano procura uma “cura”, e se conecta ao viés do afeto, na medida em que poderá afetar o narrador e a plateia, que assiste ao compartilhamento da narrativa.
- d. **Composicionalidade hermenêutica:** o significado aqui envolvido vai se conectar com o viés da morte e que poderá afetar os envolvidos por meio das emoções e

sentimentos guardados na memória e poderá afetá-los, direcionando para o viés dos afetos.

- e. **Canonicidade e violação:** a morte seria consagrada por meio dos rituais? Ter um narrador que foi reconhecidamente dado como morto seria uma forma de ruptura com padrões mentais e culturais, como uma possível fonte de “ressignificações”, quando ao mesmo tempo, poderia influenciar a cultura.
- f. **Referencialidade:** a ficção e a realidade se misturam, quando analisada a palestra de um morto que fala. Poderia gerar influencia na cultura ao mesmo tempo em que se conecta diretamente ao viés dos afetados, pois para comparar uma ficção é necessário haver uma realidade; qual seria a realidade de uma pessoa que ressurgiu das cinzas? Ficção, milagre ou realidade? É a conexão do viés da morte e do viés dos afetos de forma conjunta.
- g. **Genericidade:** Conecta-se à cultura da inspiração e da importância do “acreditar”, elencado por Cyrulnik (2012). Poderíamos partir do princípio que existe uma pré-disposição para mudança e, talvez, a inspiração como consequência, abarcada de um critério de generalização.
- h. **Normatividade:** O sentido de tempo, desde o curto espaço de tempo da palestra, que acontece como um turbilhão de gatilhos mentais, até o tempo de 1973 ao presente momento. Conecta-se à cultura e possíveis mudanças, tanto quanto conecta-se ao viés dos afetos em função do possível turbilhão de emoções e sentimentos.
- i. **Sensibilidade de contexto e negociabilidade:** adotar a visão de auditório social onde acontecem: milagres, revelações, livramentos (vergonha de ser feliz, de estar vivo), solidariedade e compartilhamento. É por meio do auditório social que se consegue afetar a plateia de forma individual e, até conjunta. Conecta-se ao viés do afeto.
- j. **Acréscimo narrativo:** é um dos pontos mais relevantes da teoria e que se conecta à cultura quando Casaqui (2020) cita o acréscimo autobiográfico e ao mesmo tempo fortalece o ser humano e a sua “persona social”. Acréscimo é somar e para que este fato aconteça, é inerente o fato de ser afetado e ressignificar símbolos ou representações internas. Conecta-se à fundamentação teórica por meio da cultura e do viés dos afetos.

Ao realizarmos a análise da narrativa por meio do olhar de Casaqui (2020), foi possível trazer uma visão mais amadurecida com relação à interconexão e importância da cultura, morte, afeto e comunicação, quando estas podem ser apresentadas como inspiracionais ou transformacionais.

Os elementos elencados por Casaqui (2020) auxiliam a compreender como a narrativa é construída no sentido de criar um impacto no ser humano, que pode ser compreendido como um gatilho mental e que poderá ser um gerador de um acréscimo narrativo autobiográfico.

A presença da morte no palco social poderia ser compreendida como um gatilho para a evocação das memórias que podem surgir sem delimitação de tempo, gerando emoções e sentimento, reações dos afetos com a consequente criação de um vínculo tranquilizador, gerando ao mesmo tempo uma possível inspiração ou transformação.

A análise destes elementos é a composição dos primeiros passos para a compreensão das narrativas com um foco em um resultado determinado: inspiração ou transformação como uma das possíveis fontes de cura pelo fato do ser humano acreditar e querer acreditar.

3.3.1 Sinopse da narrativa

Nesta etapa da dissertação será apresentada uma sinopse da narrativa selecionada como corpus.

a. Ricardo Trajano - Sobre Viver

O palestrante inicia dizendo que foi declarado morto em 11 de julho de 1973. Inclusive apresenta uma foto, imagem da época, do comunicado da faculdade de Petrópolis lamentando o falecimento do aluno do curso de engenharia.

Os meios de comunicação, especificamente os da década de 1970, jornais, revistas e rádios, publicaram a queda do avião da Varig, e a família de Trajano soube do acidente pela televisão, assim como soube que não havia sobreviventes. A única notícia conhecida era que havia 123 passageiros mortos; seu pai já estava tomando todas as medidas para o sepultamento, apesar da mãe não conseguir acreditar.

O palestrante se declara como pessoa que não morreu e que se encontra em situação de lucro e crédito com a vida. E não se trata somente sobre sobreviver e sim repensar a vida e vários aspectos dos relacionamentos, principalmente quanto aos valores.

Com sonho de conhecer Londres, Trajano relata que o voo foi tranquilo até os últimos cinco minutos finais. Ele estava sentado na última fileira, onde se podia ver uma fumaça branca que saía do banheiro, posicionando ao final do avião. Quando começou a fumaça, resolveu soltar o cinto de segurança e caminhar para frente do avião, onde foi repreendido e orientado para retornar ao seu assento. Este não obedeceu e foi até a cabine do avião; neste momento a fumaça já tomava conta do avião; agora como uma fumaça preta, densa, tóxica.

Já não era mais possível encontrar os Comissários, não era possível mais ouvir os gritos. Encostado na parede, conta a chegada da sensação da morte: um flashback, um filme no qual foi possível despedir-se da vida, família, amigos, enquanto sentia que a morte o abraçava. Ele lembra que sentiu o avião fazendo alguma inclinação e ao sentir o baque, o pouso forçado em uma plantação de cebola; depois disto, não se lembra de mais nada - simplesmente apagou.

Ele conta que o teto do avião começou a cair e como ele estava desacordado, não sentiu a placa que caiu em suas costas. Ao conversar com um amigo, contou que a morte o abraçara, porém houve uma ressignificação por parte do amigo; não havia sido a morte abraçando-o, e sim, com a queda do teto, a vida que o protegeu. Uma linda descoberta.

Ricardo foi confundido com o comissário Sérgio, então a situação era a de que Ricardo havia morrido e Sérgio estava vivo; o porte físico de ambos era muito similar; esta foi a notícia recebida oficialmente pela família. Ricardo passou 30 horas em coma e ainda assim conseguiu escrever um bilhete com o nome do pai e os telefones para contato; denominou de atestado de vida, uma verdadeira ecografia em vida.

O nome de Ricardo não foi encontrado na lista de tripulantes, mas, finalmente foi encontrado na de passageiros, e pairou a dúvida de como e por que ele estava na frente. E a Varig contactou a família de Ricardo indicando que, apesar de muito mal, ele estava vivo.

Ao acordar do coma, conta que sentiu muita dor nas costas, percebeu-se todo nas costas, nas pernas, nádegas e foi olhar para as mãos, colocar a mão no rosto e sim, estava vivo.

Os médicos apostavam em uma semana de vida, somente. E dentro da CTI, procurava as coisas boas que o rodeavam, banais e carregadas de energia e otimismo, o alimentavam para lutar por uma vida que poderia estar muito próxima do fim. Os pais faziam frases manuscritas de incentivo; apesar de simples ou até mesmo bobas, funcionavam no sentido da vida. Tão fortes, cheias de fé, vida e incentivo que ele aguardava todo dia alguma mensagem.

Quando recebeu cartas do mundo inteiro, fita cassete, e apesar de não poder ouvi-las dentro da CTI, desenvolveu uma forma de conseguir: colocava um estetoscópio no ouvido e o outro lado do aparelho a caixa de som do gravador, apelidado alegremente de walkman hospitalar.

Após 3 meses e 15 quilos mais magro, sai do hospital. Após 6 meses, retorna os estudos na faculdade de engenharia e continua com a sensação de uma viagem roubada.

Um ano depois, retorna na mesma agência da Varig e negocia um presente, alegremente: a conclusão da viagem, ou seja, ganhou uma passagem da Varig.

Ele conta como foi embarcar, tomar todos os drinks possíveis oferecidos pela primeira classe, e o amigo que o acompanhava e ironicamente deixou escapar: "se você levantar dessa cadeira eu vou junto com você!".

Relata alguns estudos estatísticos e a probabilidade de acontecer um acidente aéreo e com este pensamento faz uma analogia ao processo de escolhas, afinal ele mesmo escolheu dia, horário, voo, inclusive a tragédia pela qual passou.

Para finalizar, apresenta a vida como uma peça de teatro e o palco da vida, os atores estão no palco, mas não se pode ensaiar; a cortina do palco só se fecha uma vez; somos edição limitada.

3.2.2. Descrição detalhada do personagem/narrador

a. Ricardo Trajano - Sobre Viver

Nascido no Rio de Janeiro em 1952, foi estudar Engenharia em Petrópolis; músico por paixão e tendo o rock como hobby. Como músico já havia participado de várias bandas, o que o levou a viajar para Londres em 1973, aos vinte e um anos. A capital inglesa era tida como a "Meca" do rock.

Essa viagem foi a que levou o engenheiro ao inferno: Foi o voo da Varig que terminou de modo trágico, mediante pouso forçado e de emergência na cidade de Orly, na França, culminando com 123 mortos. Deste total, somente 11 sobreviveram e Ricardo foi o único entre os passageiros que desobedeceu às regras da tripulação.

3.3.3 Análise do enredo: Início, desenvolvimento, clímax e desfecho

Nesta etapa da dissertação, será realizada a análise da narrativa eleita como corpus da pesquisa e realizada no canal TEDx *Talks*, no Centro Universitário Newton Paiva, Minas Gerais.

Um adendo com relação ao afeto e ao fato de ser afetado, ao mesmo tempo em que se realiza a análise da narrativa: como figura de pesquisadora e ser humano, procuramos ficar o mais isentos que possível, porém, vale considerar, que o afeto é subjetivo a cada ser humano, tanto quanto para a figura da pesquisadora em questão, podendo apresentar resultados diferentes quando considerado o impacto em outro ser humano e, provavelmente, ricos em diversidade de emoções, sentimentos, reações, modulações e inspirações.

A TEDx *Talks* de Ricardo Trajano (2020) já possui um nome que chama a atenção: “Sobre Viver!”.

No caso de Trajano (2020), este realizou a palestra na TEDx *Talks*, que é regionalizada e onde este fez um relato autobiográfico da sua experiência sobre estar vivo e morto e renascer durante os seis meses de recuperação. É uma história real e repleta de gatilhos emocionais e mentais. Dado ao volume de pessoas que deixaram comentários na página da TEDx *Talks*, esta manteve a audiência enquanto on-line e durante a Pandemia. O testemunho público sobre a morte e a surpresa do abraço da vida, repleto de emoções e sentimentos. Ao final, separamos alguns comentários que demonstram a identificação da audiência que assistiu à palestra com os relatos do palestrante.

Abre-se um testemunho e com um campo para dupla interpretação com relação ao título da palestra: a. sobrevivência e b. sobre o viver. Com relação à primeira (a), refere-se à sobrevivência, à vida, sobreviver acima de tudo; já com relação ao segundo (b), poderá trazer alguma referência com relação “sobre” o viver; como viver, formas ou maneiras de encarar a vida.

Uma resultante possível com relação ao nome da palestra são as interpretações possíveis, e o papel da linguagem como gatilho emocional. O resultado é complexo para que possa ser avaliado sem um apoio de equipamentos específicos de imagem do cérebro, mas, podemos inferir que, segundo a discussão teórica, o acreditar, nas palavras de Cyrulnik (2009), poderá agir como um fator que irá aumentar a potência da reação. O nome é um componente que desperta a atenção daqueles que procuram algum novo objeto de apego ou substituição dos afetos, constituindo-se, provavelmente, como um gatilho mental.

A metodologia proposta foi elencada no sentido de mobilização da fundamentação teórica sobre a morte e os afetos, para que fosse possível a realização da leitura da TEDx *Talks*, a fim de responder às questões formuladas inicialmente nesta pesquisa de mestrado. Após a análise do nome da palestra, eleita como corpus da pesquisa, passaremos às análises das frases, enumeradas de 1 a 37. Para as observações, separamos os campos de análise para o viés da morte e viés dos afetos.

Frase 1: "A única pessoa que não deveria estar aqui sou eu."

1.1. Viés da Morte: Ao dizer a frase acima, o palestrante, além de chamar o foco e atenção para si, consegue validar a vida, afinal, está se comunicando. É uma narrativa sobre a morte que fala, na verdade, sobre a “sobrevivência”, luta pela vida e, ao narrar, celebra a vida, supera traumas.

1.2. Viés dos Afetos: Uma frase provocativa e que pode despertar os sentidos, chamando o foco de atenção para o testemunho que irá começar.

Frase 2: "Esse comunicado com uma tarja preta, estava pregado no mural da minha faculdade.", figura 1: Anúncio da morte do aluno, Ricardo Trajano.

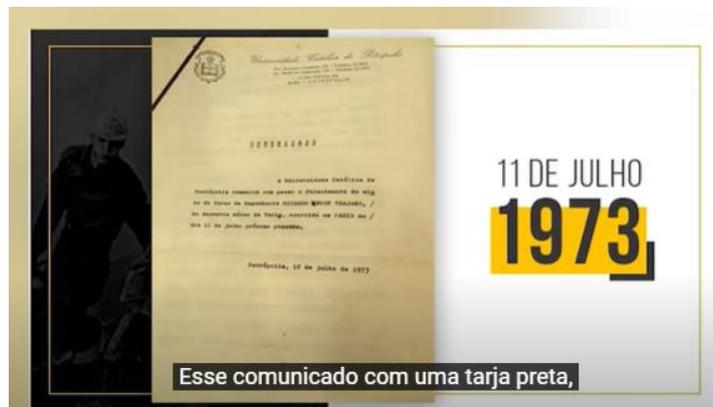


Figura 1: Anúncio da morte do aluno, Ricardo Trajano

Fonte: TEDx Talks – Trajano (2020)

Disponível em: <https://youtu.be/pCajQCIXOZ4>

Data de Acesso: 21/04/2022 - 17:51hs

2.1 Viés da Morte: Ao falar, o palestrante coloca o corpo em movimento direcionando os olhares para o comunicado (imagem: comunicado da Universidade) que afirma a sua morte, enquanto o palestrante compartilha a vida. Um momento que pode gerar a consciência da morte trazendo a esperança da vida, afinal, o palestrante está vivo.

2.2 Viés dos Afetos: A frase vem acompanhada com movimento de olhos e braços, direcionando a visão da plateia para a imagem que apresenta o comunicado da morte do aluno, Ricardo. A tarja preta é reconhecida culturalmente como a simbologia do luto. Neste momento, a provocação é o palestrante contar a própria morte e poder despertar emoções e sentimentos

na plateia, afinal, por ser um rapaz jovem, estudante e contar sobre a própria história com a experiência de morte. Um estímulo externo que desperta as emoções e sentimentos: dó, fé, milagre, entre muitos outros que podem ser coletivos.

Frase 3: "e foi essa notícia que a minha família recebeu. Foi uma tragédia: com 123 mortos."

3.1 Viés da Morte: Fala-se sobre o critério de culto ao morto, a família reunida, rituais de passagem. A presença da cultura e da economia da morte, todos juntos na celebração fúnebre; um luto coletivo.

3.2 Viés dos Afetos: A palavra "tragédia" vem carregada de simbologia e afetividade, podendo, inclusive, pressupor dor, luto, perda. O contexto auxilia porque neste caso já vem sendo preparado e estruturado para a apresentação da tragédia, afinal, "tragédia" tem um peso emocional maior que "acidente". O volume de "123 mortos" na narrativa poderá indicar a realidade, o agora.

Frase 4: "meu pai já estava encomendando meu sepultamento."

4.1 Viés da Morte: Apresentação da cultura, rituais e economia da morte pois os rituais modernos e os rituais do mundo contemporâneos apresentam-se repletos de "economia da morte".

4.2 Viés dos Afetos: Os estímulos sensoriais já foram construídos. O envoltório sensorial do pesar e do luto está compartilhado: a dor. A frase acima poderá funcionar como um gatilho mental emocional para quem ama seus entes, para quem já passou por perdas, quem tem parentes em hospitais. Afinal, é o drama narrado como testemunho do filho, onde o pai encomendava o seu "sepultamento". Culturalmente, a palavra "sepultamento" vem carregada de afetividade e auxilia na modulação das emoções e sentimentos, onde possivelmente irá ampliar a dor, ou, expectativa de dor de perda da figura de apego e que leva consigo, uma parte do mundo sensorial, mesmo e ainda que, em expectativa de realidade.

Frase 5: "E minha mãe, por motivos não naturais, não acreditava."

5.1 Viés da Morte: Além da negação, é o fortalecimento da cultura da vida, afinal, quais seriam os fatos naturais para a mãe não acreditar na morte do filho? É a cultura que vem para dar sentido à morte, seja negando seu horror, a perda de um filho, seja pelo início de rituais que iriam dar início às memórias. Afinal, a angústia da morte provoca reações mágicas e milagres.

5.2 Viés do Afeto: Na frase 4, a lei da vida foi com relação ao pai, agora com a mãe que por motivos naturais, não acreditava. Quais seriam estes motivos naturais? Haveria mães no auditório? A “Fé” seria a nova figura de apego? São representações de apegos imateriais. Uma outra possibilidade seria a provocação: o apego materno que luta “desesperadamente” a favor do filho e da Fé.

Frase 6: "Eu fui o único passageiro sobrevivente nesse voo. ”

6.1 Viés da Morte: A frase valida a vida. Assim, é a comunicação como artifício para validar a vida, novos códigos e significados e traz a possibilidade de esquecimento da morte?

6.2 Viés do Afeto: A palavra “único” na narrativa se contrapõe a sobrevivente, reforçando-a. O importante é conseguir estimular a memória para lembrar do número comentado anteriormente, 123 mortos. Ao estimular a memória, existe uma grande chance de provocar emoções e sentimentos com as devidas modulações, incrementando a emoção de assistir à palestra e uma tendência de incrementar o vínculo, como figura de apego e possível milagre do palestrante.

Frase 7: "Mas eu não apenas sobrevivi, eu comecei a pensar muito sobre a vida, sobre os meus relacionamentos e principalmente nos valores de vida.”

7.1 Viés da Morte: É a presença da cultura, crenças e criação de novos códigos e novos significados para validar a vida, nova vida ou a permissão para viver uma nova vida.

7.2 Viés do Afeto: Culturalmente, o senso comum indica que pessoas que passam por uma experiência traumática repensam a vida, relacionamentos e valores. Há uma evocação às memórias afetivas e estas, contribuem como uma forma de manutenção da cultura e da própria identidade, provocando um retorno ao próprio mundo íntimo.

Frase 8: "O comissário foi lá e eu, por puro instinto, impulso, tirei meu cinto e fui andando para frente.”

8.1 Viés da Morte: O horror da morte valida e questiona a vida. O ser humano em sua cadeia evolutiva não perdeu o instinto. O instinto, naquele contexto, retratava o instinto de sobrevivência; lutar pela vida, pois ainda que de uma forma não consciente, age como um animal.

8.2 Viés do Afeto: Esta frase traz o verbo em ação, momento presente. Provoca a plateia, tal qual um convite, para andar junto, para frente, com o palestrante. É no espaço mental que a provocação acontece e um estímulo pode gerar sensações reais.

Frase 9: "E era uma fumaça negra, preta, tóxica, densa. Parecia fumaça de pneu queimando, sabe?"

9.1 Viés da Morte: É a comunicação e o compartilhamento que poderá auxiliar no esquecimento da morte, ou momento iminente da morte. Contar, narrar a morte irá validar a vida que vale a pena ser vivida.

9.2 Viés do Afeto: Esta frase divide a situação com a plateia, podendo levar as pessoas para a mesma viagem de fumaça negra; alguns poderiam até sentir o cheiro do pneu queimado. É o envoltório sensorial que pode trazer sensações e representações, ainda a “fumaça de pneu queimando” é o agora, e o processamento cerebral poderá trabalhar com a “*qualia*”, trazendo a percepção e representação da fumaça.

Frase 10: "Muito escuro e percebi que eles tinham parado de gritar. Provavelmente já estavam morrendo.”

10.1 Viés da Morte: É a comunicação do ambiente da morte, escuro sem gritos, sem comunicação e sem vida, somente escuridão. É a primeira natureza em ação: codificação, interpretação e compreensão, absolutamente particular em contraposição à segunda natureza: poder contar a morte.

10.2 Viés do Afeto: Com esta frase, existe o convite para compartilhar o momento da dor, rever apegos; um gatilho para a memória que poderá evocar memórias de uma vida inteira e um meio para disparar sentimentos e emoções de forma imperceptíveis para quem participa da palestra.

Frase 11: "Parecia que eu estava debaixo da terra e aí me veio a sensação da morte.”

11.1 Viés da Morte: Mais uma vez, é a comunicação do ambiente da morte, escuro sem gritos, sem comunicação e sem vida, somente escuridão; percepção e representação pessoal do horror. É a representação da presença da morte, de acordo com a cultura popular: debaixo de 7 palmos, abraço da morte.

11.2 Viés do Afeto: A utilização da expressão “a sensação da morte” provoca a memória sobre as perdas, lutos, dores, traumas. Para estimular a memória, até um filme ruim serve, uma música, mas, aqui assistindo, pode transparecer a representação da realidade.

Frase 12: "Veio um flashback na minha cabeça, aquele filme em fração de segundos. Eu me despedindo da vida, meus amigos, minha família e senti a morte me abraçando."

12.1 Viés da Morte: A presença da cultura que é passada de geração em geração, que define a hora da morte como um filme retrospectivo. Ao criar a ambiência da morte, narrar a representação do abraço da morte.

12.2 Viés do Afeto: Culturalmente, uma despedida como rito de passagem, tanto quanto o flashback que é marcado na cultura da morte e recontado por quem viveu a experiência, se despediu de familiares, ainda que para uma viagem. A memória vai trazer o tempo presente e com associações ou, muita proximidade. Somado ao movimento de um discreto abraço, representação da morte. Uma provocação afetiva, pois, para sentir a presença da morte e fazer uma despedida, é preciso ter amado e para amar, antes, deve ter tido perdas; para reconhecer um sentimento há que reconhecer seu oposto, como por exemplo: alegria x tristeza.

Frase 13: "Aquelas placas, aquela fuselagem do avião, do teto, foi caindo em cima de todas as pessoas, carbonizando todas as pessoas, queimando todas as pessoas. E caiu uma placa grande nas minhas costas; eu estava desacordado e não senti."



Figura 2: Destroços do avião

Fonte: TEDx Talks – Trajano (2020)

Disponível em: <https://youtu.be/pCajQCIXOZ4>

Data de Acesso: 21/04/2022 - 17:59hs

13.1 Viés da Morte: A imagem do avião sem as placas no teto, ainda com fumaça, é a materialização da tragédia, além do fato de a morte chegar para todos de forma universal e igualmente.

13.2 Viés do Afeto: A frase inicial prepara a ação de "cair" uma placa nas costas do palestrante como fato, presente naquele momento e cria o envoltório sensorial necessário para as representações mentais. A imagem auxilia o ambiente de (re)criação junto com a *qualia*, como um processo não consciente e automático no cérebro.

Frase 14: "Eu queria abrir só um parêntese para contar uma coisa: uns anos atrás encontrei com um amigo meu, ele tem um lado espiritual fortíssimo."

14.1 Viés da Morte: A morte pressupõe a vida e com vida pode haver a fé.

14.2 Viés do Afeto: É uma frase de preparação para a revelação posterior, uma revelação, um milagre e "livramento" coletivo das dores e traumas. Estimula para que a plateia crie um consenso coletivo e permissivo de aceitação da cura.

Frase 15: "Poxa, eu senti a morte me abraçando."

15.1 Viés da Morte: São os códigos da comunicação em ação, representando a morte abraçando o palestrante. Aqui percebemos cultura e comunicação como mediação de códigos para criar significados.

15.2 Viés do Afeto: Além do estímulo oral, próprio e natural das narrativas, o palestrante direciona a ação presente a de um abraço. Quem já não foi abraçado na vida? Abraço é uma representação de afeto e de carinho em contraposição ao abraço da morte. Prepara o campo mental para a revelação da próxima frase.

Frase 16: " Ricardo, não era morte te abraçando cara, era a vida te protegendo! ”

16.1 Viés da Morte: É a criação de significados mediada pela comunicação. Mais uma vez, a morte valida a vida.

16.2 Viés do Afeto: É a revelação que possivelmente poderá ressignificar positivamente e mentalmente uma memória, uma cena dentro de cada mundo íntimo da plateia. Um gatilho mental focado em “a vida te protegendo”, para quem estaria precisando de proteção, afeto, acolhimento e uma possível sensação de alívio, para a substituição do apego e reconstrução do mundo mental e das representações.

Frase 17: " Cheguei no hospital sem roupa e me confundiram um comissário, o Sérgio Balbino.”

17.1 Viés da Morte: A comunicação faz o papel de mediação para o ambiente do hospital, tragédias e revelações.

17.2 Viés do Afeto: Nas modulações do afeto, é o gatilho para o aumento da dor, poderia até se imaginar, solidariedade. Gatilho para ampliação das emoções e sentimentos. É a descrição e representação da “tragédia”.

Frase 18: "Meu porte físico era muito parecido com o dele, então, eu era o Sérgio Balbino e o Ricardo tinha morrido.”

18.1 Viés da Morte: A comunicação cria a representação do outro e da nova morte do palestrante que a conta novamente, portanto, é vida.

18.2 Viés do Afeto: O palestrante narra, novamente, a própria morte. Há um incremento do drama em função da troca das pessoas. Mexe com o imaginário e o afeto das pessoas que podem vivenciar a dor, qualquer dor que exista na mente, arquivada em seu mundo íntimo.

Frase 19: “Eu psicografei esse bilhete, eu estava desacordado.”

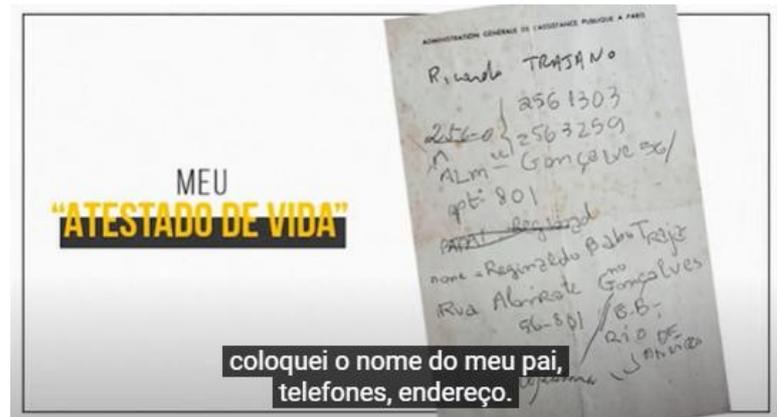


Figura 3: Atestado de Vida, escrito por Ricardo Trajano

Fonte: TEDx Talks – Trajano (2020)

Disponível em: <https://youtu.be/pCajQCIXOZ4>

Data de Acesso: 21/04/2022 - 18:03hs

19.1 Viés da Morte: A representação de estar desacordado e escrever um bilhete é vida, aliás, conforme a imagem, “Meu atestado de vida”; materialização da vida do palestrante mediante a morte.

19.2 Viés do Afeto: A palavra “psicografar” é feita por pessoas espiritualizadas e que conseguem adentrar ao plano dos mortos, ratifica a morte do Ricardo e pode se tornar o gatilho para as emoções. A “revelação” que se faz em “milagre”, o milagre da vida! Afetividade, empatia e humanidade provocada quando se visualiza a imagem e o “atestado de vida”. Uma provocação aos afetos e um provável pico de emoção; afinal, a emoção é rápida e pública.

Frase 20: “[...] e de repente viram meu nome lá, Ricardo Trajano.”

20.1 Viés da Morte: A angústia da morte pode provocar reações mágicas como um milagre. Validação da vida, novas representações e fé.

20.2 Viés do Afeto: É a confirmação do “milagre”! É a vida e vida é alegria. Na modulação do afeto, é sair de uma tristeza para uma alegria conjunta propondo o “milagre” da vida que será concretizado adiante.

Frase 21: “[...] meu pai atendeu o telefone.”

21.1 Viés da Morte: Ação de comunicar; um pai que provavelmente irá receber a notícia da morte de um filho, a confirmação. Cria o ambiente de angústia e horror, ambiente da morte.

21.2 Viés do Afeto: Ação no presente e prepara para a ação de mais uma nova revelação e que prepara o corpo e a mente para mais uma “revelação”. Suspense pode disparar emoções, disparar coração, aumentar a respiração.

Frase 22: “Gente de um velório que estava lá em casa, virou uma grande festa!”

22.1 Viés da Morte: A validação e a festa da vida; celebração coletiva. Presságio materno, a fé que vai reforçar a crença e uma cultura familiar; percepções subjetivas fruto das representações simbólicas.

22.2 Viés do Afeto: A revelação da frase 21 se torna realidade: do velório para a festa. A narrativa traz a frase em tempo presente e estruturada “como se” o Ricardo estivesse na festa. Um convite para que todos compartilhem da mesma alegria da vida e do (re) nascimento do Ricardo. Nas culturas familiares o momento do nascimento é o compartilhamento de alegrias e festividade, amor, fraternidade, e muitas outras formas de demonstração do afeto.

Frase 23: “A minha primeira radiografia é como se fosse um atestado de óbito, radiografia de pulmão.”

23.1 Viés da Morte: Contar, narrar a morte novamente, é trazer à tona a morte, protagonista da narrativa e que pode disparar ou evocar a vida por meio dos códigos da comunicação.

23.2 Viés do Afeto: A morte aparece como um gatilho, provoca e evoca a fim de afetar os sentimentos e emoções por meio das representações mentais do mundo, culturas, símbolos e apegos, construídos dentro do mundo mental.

Frase 24: “Ficava contando as horas no relógio. Aquilo era meu alimento.”

24.1 Viés da Morte: Representação do tempo e memória sob a forte presença da morte.

24.2 Viés do Afeto: Afetar as pessoas com a representação do tempo e alimento para a vida como validação desta, cultura e família. É começar a direcionar a plateia para uma modulação afetiva mais para o positivo.

Frase 25: “Mas desde os primeiros dias de internação e já muito debilitado, eu procurava extrair, dentro daquele ambiente pesado, conturbado que era um CTI, as coisas boas que me rodeavam.”

25.1 Viés da Morte: A morte e sua representação simbólica dentro de um hospital, um CTI conturbado. A comunicação de códigos e representações para trazer o horror daquele momento.

25.2 Viés do Afeto: Ao contar como era o ambiente do CTI, direciona a plateia para o mesmo ambiente e que, “mesmo debilitado”, lutava pela vida; um apelo emocional forte pois lutar pela vida permite várias interpretações.

Frase 26: “Eram coisas aparentemente banais, mas, carregadas de uma força, de uma energia, de um otimismo, que me alimentavam enormemente e que me davam forças para lutar pela vida que parecia estar próxima do fim.”

26.1 Viés da Morte: Uma fase carregada de positividade e ao final, incita a morte e a representação do fim da vida. Uma contraposição à vida, lutar pela vida que parecia estar próxima do fim. O fim da história quando assistimos a filmes, tempo esgotado; a morte e sua representação.

26.2 Viés do Afeto: A frase traz representações de elementos imateriais que podem provocar crenças. Ao mesmo tempo em que continua na frase: “[...] lutar pela vida que parecia estar próxima do fim”, traz para o presente a guerra, a luta pela vida e ao mesmo tempo, um gatilho mental de torcer junto com o palestrante, sobreviver, ganhar da morte.

Frase 27: “De todas essas coisas que falei para vocês, agora eu chego à conclusão de que nós somos seres essencialmente simples. A nossa natureza é simples. Não importa o quanto você tem, o quanto você é ou se vem aquele cara para você e fala: “Pô meu amigo, você sabe com quem você está falando?”. Isso não vale nada, absolutamente nada. Nos momentos mais difíceis, importantes da nossa vida, a simplicidade é tudo.”

27.1 Viés da Morte: A comunicação cumpre a função de mediação de significados e que trabalha em sintonia com a cultura; novos significados, mudanças culturais.

27.2 Viés do Afeto: Uma frase que prepara e pode remeter a um juízo de valor, principalmente se houve a sensação de alívio, mentalmente provocar as ressignificações de sensações com modulação negativa para positiva, novas figuras de apego.

Frase 28: “Seis meses depois eu tinha voltado para a faculdade e jogando basquete, e o mais importante não fiquei com nenhum tipo de seqüela, mas me faltava uma única coisa: terminar a minha viagem que foi interrompida.”

28.1 Viés da Morte: Apresentação da representação de tempo e de vida. Vida tem sonhos.

28.2 Viés do Afeto: Uma frase que remete à vitória e à realização de sonhos e poderá servir como um gatilho mental para que outros também realizem um sonho; ainda mais um detalhe, abre-se para a “possibilidade” da realização de sonhos.

Frase 29: “E aí, como bom ariano, teimoso e cabeça dura como eu sou, um ano depois eu voltei na mesma agência da Varig, cheguei para atendente e falei: ‘Olha, eu gostaria de uma passagem para Londres com escala em Paris’. A mulher mandou o preço logo, e imediatamente eu falei: ‘Não, você não está entendendo. Sabe aquele acidente que teve um ano atrás? E que sobreviveu apenas um passageiro? Esse passageiro sou eu’”.

29.1 Viés da Morte: A morte cria significados e uma marca; Ricardo não foi esquecido; é a memória presente.

29.2 Viés do Afeto: Remete à vitória, realização de sonhos e identidade com o trecho: “esse passageiro sou eu”. Evoca a memória e o fortalecimento da identidade familiar e cultural, ao mesmo tempo.

Frase 30: “Quando o avião decolou, o Maurício já mamado, calibrado, falou para mim: “O Ricardo é o seguinte, se você levantar daí, mesmo que você for ao banheiro, vou atrás de você!””

30.1 Viés da Morte: É incitar as representações simbólicas da vida por meio das representações subjetivas do contexto da morte.

30.2 Viés do Afeto: Reviver e evocar um momento com leveza e bom humor, auxiliando na ressignificação, enquanto modulação positiva e ao mesmo tempo, preparar para um final.

Frase 31: “E algumas pessoas me perguntam: “Pô Ricardo, mas que destino”. E eu prontamente respondo, eu falo: “Gente, destino? Nós construímos o nosso destino, cara”. Eu escolhi minha passagem, escolhia a companhia aérea, escolhi o dia do voo, escolher o lugar foi vital para mim. E uma sucessão de coisas da qual eu fui o protagonista. ”

31.1. Viés da Morte: Ninguém escolhe morrer, mas, a morte tem um único protagonista.

31.2. Viés do Afeto: Para um país como o Brasil, com diversidade de culturas, uma frase de salvação: nós construímos o nosso destino. O binômio da felicidade-tristeza, morte e vida ao ser o protagonista das escolhas. Há uma máxima, “escolher o lugar, foi vital para mim” e quantas pessoas, seja on line ou no modelo presencial, não fizeram escolhas? É um gatilho mental para afetar as pessoas a fim de provocar ressignificações e reconstruções do mundo íntimo.

Frase 32: “Tem um pensamento que eu adoro, que diz o seguinte: “Nunca se dê por vencido, porque quando você pensa que tudo acabou, é o momento onde tudo recomeça.”

32.1 Viés da Morte: A narrativa da morte e a criação de significados para recomeçar.

32.2 Viés do Afeto: É uma frase revelação: é o momento em que tudo recomeça. Dispara na mente do outro uma possível pergunta, e quem não precisa de recomeços. São estímulos externos que levam à reflexão, afinal, uma memória não é um retorno ao passado, mas sim a oportunidade de encontrar marcas no passado para trazer coerência ao mundo interno.

Frase 33: “E muito em cima disso, eu tenho certeza absoluta que é possível recomeçarmos a vida após uma queda, literalmente que aconteceu comigo. Após o trauma, após um fracasso até mesmo, após uma perda.”

33.1 Viés da Morte: Mais uma vez, a narrativa da morte e a criação de significados para recomeçar, levantar após lutos ou perdas, afinal, nem todo luto, é morte.

33.2 Viés do Afeto: É a construção da figura de apego: “se eu consegui, você também consegue”; o vínculo tranquilizador e que pode gerar a substituição do apego, mesmo que on-line ou presencialmente.

Frase 34: “E eu comecei a perceber que a minha felicidade está aqui, nesse momento, aqui dentro de mim. Ser feliz não é ter uma vida perfeita ou quase que perfeita. Felicidade é só questão de ser!”

34.1 Viés da Morte: A cultura da morte que cria significados para a vida; novas representações, como na fala do palestrante, para a felicidade.

34.2 Viés do Afeto: Uma frase que revela a felicidade interna e estimula que é só uma questão de ser. “Só” é reducionista e a palavra vem impregnada de representações de ser “só” isso e não um “monte de coisas” a serem consideradas. De forma embutida, pode trazer as sensações de alívio para afetos não resolvidos.

Frase 35: “Essa vida, que isso aqui é um grande palco, isso é um grande palco, nós somos os atores. Eu ia adorar se desses atos, um para poder interpretar outro poder ensaiar. Ia ser ótimo, né? Mas a cortina, cara, ela só se fecha uma vez e acabou o espetáculo! A nossa edição é limitada.”

35.1 Viés da Morte: A cultura da morte que cria significados para a vida; com uma roupagem motivacional.

35.2 Viés do Afeto: A frase prepara e dá o impacto: “A nossa edição é limitada”. Qual o significado de “edição limitada”? É um disparador de memórias, emoções e sentimentos que irão gerar pensamentos. Por exemplo, é quando uma pessoa sai de uma palestra ou uma aula dizendo: “Ai, nossa, minha cabeça está pegando fogo”.

Frase 36: “E avisa para ele senhor que gosta de botar o dedo na frente e falar: ‘Vocês sabem com quem você está falando?’ Lembram? Avisa para ele que ele não leva nada dessa vida. Muito menos a sua arrogância.”

36.1 Viés da Morte: A morte é igualitária e universal, tanto quanto a simplicidade dos novos significados embutidos na cultura.

36.2 Viés do Afeto: A frase: “Avisa para ele que ele não leva nada dessa vida. Muito menos a sua arrogância”, pode provocar uma revelação para situações similares por meio das ressignificações.

Frase 37: “Ela falou assim: ‘Ricardo, não vai embora não. Eu quero falar uma coisa para você que eu nunca falei na época do seu acidente’. ‘Mas o que foi, mamãe?’ ‘É o seguinte: naquele período que as pessoas não te davam uma semana de vida, eu tinha que arrancar o seu pai do quarto do hotel. Nós pegávamos o metrô e nós íamos te visitar todos os dias. Assim que nós saltávamos do metrô, tínhamos que fazer uma longa caminhada. O céu azul, verão e o sol iluminando minhas mãos tempo todo. Eu ia andando tempo todo e o sol iluminando minhas mãos. Chegando no hospital, fechada minhas mãos, e chegando mais próximo de você, abria e

transmitia toda essa energia para você.’ Gente, eu saí aquele dia do quarto, chorando aos prantos, mas com a certeza absoluta que toda essa energia me acompanha até hoje e para o resto da minha vida.”

37.1 Viés da Morte: A comunicação de rituais da morte para validar a vida, afinal, a angústia da morte pode provocar reações mágicas, significados e uma alteração na cultura. E mais uma vez, a vitória da morte sobre a vida, ao mesmo tempo, validando a vida do palestrante.

37.2 Viés do Afeto: Este trecho pressupõe o milagre da vida, a imaterialidade da energia, uma mãe que faz de tudo para salvar um filho, conta a morte da mãe e que valida a vida. Mais uma revelação da fé, e fé é emoção, cura e encontro com uma figura de apego imaterial.

As narrativas da *TED Talks* e *TEDx Talks* são estruturadas por meio de um palestrante que irá realizar a palestra utilizando palavras e as imagens, projetadas em tela, incluindo o próprio corpo que condiz com uma performance que estará em sintonia com o tema e narrativa proposta. Portanto, as narrativas assim compostas, podem gerar a busca de uma representação, uma memória, que pode ser equivalente a uma reação a um estímulo externo.

Para a análise da palestra da *TEDx Talks*, é importante considerar que o palestrante também foi afetado pela própria memória afetiva evocada ao narrar o testemunho da própria experiência com a sensação da morte.

Evocar uma memória é uma das formas de construção da consciência de si, ouvir a própria história gera o gatilho que evoca as memórias, estas guardadas há 47 anos, e que são uma forma de manter a cultura e a identidade, afinal, emoções e sentimentos são processos ligados à vida e compõem as representações mentais.

Ao final da narrativa e reavivando o cunho de realidade, o narrador-palestrante se emociona ao contar a história da mãe no hospital e da época da morte dela; afinal, ninguém ganha da morte, garantindo o caráter de universalidade, realidade e de gatilho final para um momento de disparar emoções.

Ao fazermos uma correlação com as narrativas das *TED Talks* e *TEDx Talks*, pode-se perceber que a figura do narrador, naquele contexto, é aquela que acumulou a experiência que será, então, narrada. Ao narrar, narra-se a experiência e através do tempo e do espaço que se faz presente quando de uma narrativa da *TEDx Talks*. Como exemplo, Trajano (2020) ao narrar, cumpre o papel de mediador da experiência de morte, principalmente ao abrir a palestra com a frase: “Eu não devia estar aqui”, que além de real, é dramático.

No ambiente geral das *TED Talks* e *TEDx Talks* é possível visualizar vários tipos de narradores, sejam os viajantes, que se deslocaram no espaço para passar por uma experiência, e os outros, narradores que foram impactados por ações decorrentes da passagem do tempo, sendo possível contar os inúmeros casos que constam da plataforma das *TED Talks* e *TEDx Talks* e que levam os participantes para a viagem do tempo e na mente, presentes nas representações simbólicas do mundo íntimo.

Quando se refere ao objeto desta pesquisa, as narrativas possuem uma pulsação, um ritmo direcionador e por que não dizer, inclusive, impulsionador das reações humanas ligadas ao estímulo provocado pela linguagem. Afinal, a *TED Talks* e as *TEDx Talks* consistem em seres humanos que contam narrativas sobre humanidades, nas quais podem acontecer as mais diversas associações, vínculos e apegos, quando da análise realizada sob o aspecto do viés da morte e do viés dos afetos. Cada frase elencada na análise é um estímulo e com potencial de gerar uma reação com uma modulação única para um participante que será individualmente, impactado. Para este fim específico, análise das reações individuais, seriam necessários equipamentos de medições neurais e de imagens; neste momento, inviável. O impacto individual poderá ser observado pelos depoimentos que constam na página das *TEDx Talks*, especificamente na palestra do Trajano (2020).

Como forma de exemplificação, seria como ouvir uma *TEDx Talks*, por exemplo e se permitir sair da situação. Antes de acontecer a resiliência na mente, o ser humano ficou vulnerável, pois a dor, marca ou o trauma, aconteceu como fato antecedente à resiliência.

Ao relacionar a ideia do equilíbrio e desequilíbrio entre vulnerabilidade e invulnerabilidade, apontamos que, no caso de nossa pesquisa, podemos indicar que no momento das *TED Talks* e *TEDx Talks*, não existe uma medição de neurotransmissores ou de hormônios, e somente as reações exteriorizadas pelo público; apesar dessa aferição ser de difícil compreensão e percepção, pode-se perceber uma tendência em que, determinadas narrativas, gerem reações pretendidas em um ser humano. É uma tendência e um fator que pode acontecer em função da força das palavras, afetos, provocações, evocações; afinal, somos seres repletos de histórias e de emoções. E a emoção é pública, rápida.

É possível perceber a teoria de Cyrulnik (2012), denominada de binômio emocional, no qual os resultados possíveis seriam as respostas emocionais e movimentação dos corpos, por ser perceptível na relação com narrativas. Vale lembrar que o "corpo" é aqui compreendido como a mente e, quando há movimento no corpo ou nos corpos, como por exemplo, quando estimulado por meio de uma narrativa, haverá uma reação e uma resposta fisiológica não verbal, que poderá acontecer com os participantes de uma *TED Talks* ou *TEDx Talks*, por exemplo.

A forma de linguagem composta como um depoimento pessoal, ou testemunho, traduz as narrativas realizadas nas *TED Talks* e *TEDx Talks*, que acontecem como monólogos, cuja forma é contar, um testemunhar fatos e experiências para gerar sensações nos participantes ouvintes da palestra, e que podem ser um agente facilitador das reações por meio da afetividade e dos afetos.

As narrativas começam com uma frase de impacto, como por exemplo, na narrativa da palestra da *TEDx Talks* de Ricardo Trajano, “A única pessoa que não deveria estar aqui, sou eu”, complementada pela frase “eu fui declarado morto em 11 de julho de 1973”, bem como pela imagem apresentada por Trajano com a notícia sobre seu falecimento e a indicando a solidariedade do corpo diretivo para com a família do aluno falecido, onde este ainda indica o reforço ao comunicado indicando a colocação de uma tarja preta: “esse comunicado com a tarja preta estava pregado no mural da minha faculdade”. Enquanto seguia o testemunho, aparecia a imagem do comunicado daquela época, 1973. Ricardo Trajano sofreu o acidente em 1973, e a narrativa no canal da *TEDx Talks* foi apresentada em 04 de fevereiro de 2020, uma narrativa tecida através dos tempos e que ocorre na era do compartilhamento, redes sociais.

Entretanto, nas palestras das *TED Talks* e *TEDx Talks*, o envolvimento emocional acontece quando das provocações e sensações, talvez seja possível nominar como uma reação comportamental, olhos mareados, nariz vermelho; o corpo da audiência também atua como uma resposta midiática.

Quando se acredita que algo irá trazer bem-estar, pode existir uma memória que poderá auxiliar na ampliação da sensação. Se assim for pensado, o próprio título de uma narrativa já consegue ser o agente propulsor da familiaridade e bem-estar, contribuindo para ampliar as reações antes do início da narrativa; é o efeito do acreditar.

O acreditar é um tema abordado por Cyrulnik (2012) e que o autor conecta ao bem-estar e como um agente de transformação pessoal, pois poderia estar conectado a uma vergonha interna e velada. Esta vergonha interna pode ter sido gerada pelos mais diversos motivos e conecta-se às memórias, sentimentos e emoções; também, participam da construção do mundo íntimo e da consciência de si. A transformação do mundo íntimo, significados, simbologias, representação mental e a consciência de si, são temas abordados por Cyrulnik (2012) e Damásio (2015) na fundamentação teórica desta pesquisa quando da apresentação do item ligado aos afetos e das questões ligadas às memórias; somá-los poderia ser mais uma fonte de compreensão para as narrativas que detêm a condições de serem inspiracionais ou transformacionais e objeto para o desenvolvimento de outra pesquisa.

Para exemplificar o exposto nas análises, é possível observar alguns comentários que foram deixados na própria página da TEDx Talks, onde é possível verificar um total de 571 comentários. Separamos 10 comentários relevantes e em sintonia com a pesquisa ora realizada:



ANAPANA FERREIRA há 2 anos

Ricardo Trajano querido...obrigada por suas palavras...Minha mãe e meus avós estavam lá e foram embora...nesse voo...feliz de poder ter falado com vc e ouvido como foi tudo...meio que sai do meu trauma...eu estava em Londres, esperando por ela...meus avós ficariam em Paris para comemoração de lua de mel dos 50 anos de casados...perdemos a raiz....Viva você !!! feliz por te conhecer !!!

Mostrar menos



NGH - Passageira há 2 anos

Eu estava em um voo da Varig NY-Rio em 29 de outubro de 1979, e tive a mesma sensação de morte qdo o avião pegou fogo na turbina a minha direita, encheu de fumaça dentro, caíram as mascaras, e o piloto fez uma descida de 30 mil pes para 200 pes em pouquíssimos minutos (não sabíamos, mas era pra apagar o fogo e também uma possível aterrissagem no mar) . Passa sim, um filme na cabeça da gente. Graças a Deus tudo deu certo. Voltamos pra NY depois de uma hora e meia no ar.



João Batista de C. Lovatto há 2 anos

Ricardo, por causa de sua história na época eu deixei de fumar. Pois foi divulgado que apesar de toda a fumaça que você inalou, tinha os pulmões mais sãos do que dos fumantes. Devo a você hoje estar com meus pulmões sãos. Obrigado! (Tenho 66 anos atualmente).



maria de fatima bastos leitao há 2 anos

Estava precisando escutar esse milagre, renovou minha fé e esperança. Grata!



Lourdes Alves há 1 ano

Meu... que testemunho... meio desconstruido, mas ao final valeu... Só faltou dizer... "obrigado DEUS"



Filipe Porto há 2 anos

Sempre que ouço a história do Ricardo fico emocionado e cresço como ser humano.



Calefi. e há 2 anos

sobre o depoimento consigo tirar a seguinte conclusão: converse com pessoas que você admira, troque contatos e projetos. É muito difícil fazer algo novo, mas é possível viver uma vida simples!



Dorca Mascarenhas há 2 anos

Somente Deus pode fazer milagres. Linda história. Gratidão sempre aquele que nos dá a vida!



Guiomar Nascimento há 2 anos

Maravilhoso esse depoimento! Ricardo, sua mãe vive ainda em algum lugar e torce por esse seu despertar! Viajei junto nessa história surpreendente e cheia de esperanças!!



Wania GS há 2 anos (editado)

Uma amiga me recomendou esse vídeo Espetacular obrigada por compartilhar Ricardo RJ 02/03/2020

Fonte das imagens: TEDx Talks de Ricardo TRAJANO (2020)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pCajQCIXOZ4>

Data de acesso: 10/05/2022 – 20:11hs

Os prints dos comentários junto à página da TEDx Talks indicam variáveis de confirmação das análises no tocante a: testemunho, criação de vínculos tranquilizadores, milagres, compartilhamento, solidariedade, gratidão, transformações e inspiração.

Os comentários que constam da página da TEDx *Talks*, ratificam tanto o referencial teórico quanto as análises realizadas durante a pesquisa de mestrado e respondem às perguntas iniciais propostas: a. Analisar as estratégias narrativas sobre a morte nas TED *Talks* e TEDx *Talks* para que se tornem narrativas inspiradoras. Como abordam os afetos e como procuram afetar as pessoas que as assistem e aos palestrantes? Ou seja, a partir de quais mecanismos narrativos tratam da experiência da morte para ser transformada em um conteúdo motivacional?

E, para finalizarmos a discussão, vale ressaltar a importância de um fato que afeta e afetou a vida das pessoas e vale a consideração quando se descobre que Ricardo está vivo e o piloto, Sérgio, estava morto de verdade. É um impacto para as famílias e um fato único inserido na narrativa e que pode auxiliar a gerar uma comoção com a plateia que poderá passar por uma série de gatilhos mentais, disparadores de sentimento e emoções, dada a circunstância da dúvida e presença da morte.

4 CONSIDERAÇÕES

Para iniciar a última etapa desta dissertação, seria importante correlacionar todos os conceitos teóricos apresentados até o momento.

A relação da linguagem com a vida e a morte conectam-se ao ser humano, à cultura e o desenvolvimento das sociedades, principalmente quando o ser humano desenvolveu esta habilidade: a do falar; foi possível organizar a vida em sociedade e estruturar a vida; dos grunhidos às narrativas.

Vale ressaltar também que a morte é natural, e devido à influência da cultura, todo saber se encontra disseminado nas novas gerações. Esta dissertação ressalta a importância da cultura e o legado que passa de geração a geração, e, intergerações. A cultura é um fator de vital importância para a continuidade da vida; mais uma vez encontra a força da narrativa e seu poder de dar sentido à vida e ao pensamento reflexivo do ser humano.

A presença das narrativas culturais pressupõe diferenças entre países, quiçá regiões, propondo a composição de um envoltório próprio. Somos ensinados desde crianças a conviver com a morte e construímos o envoltório sensorial abraçando a aprendizagem para a percepção do vazio e da falta, pressupondo a cultura do horror da morte.

A narrativa em análise traz um fator que funciona como um elo simbólico da afetividade, emoções e sentimentos, onde o envoltório sensorial compõe um elo entre a representação simbólica e a construção mental que auxilia para a criação de uma ambiência de afetividade e comunicação.

As narrativas propõem trocas, mediação entre as relações humanas, validando e dando significado à riqueza das experiências, enquanto é construída a percepção e as representações mentais e que podem ser “movidas”, provocadas por palavras que podem vir carregadas de afetos, ou apegos.

Ao relacionarmos a análise da narrativa com o referencial teórico, vale lembrar dos objetivos desta dissertação: a. objetivo geral: as estratégias narrativas encontradas na TEDx *Talks*, especificamente com o tema de morte, são estruturadas e se podem ser inspiracionais. b. Objetivos específicos: b.1. Analisar as estratégias da narrativa sobre a morte no Canal TED *Talks* e das TEDx *Talks*, para que possam ser consideradas narrativas inspiradoras; b.2 Compreender de que maneira essas narrativas abordam os afetos.

Em resposta aos objetivos desta dissertação, a análise da narrativa responde ao propósito na medida em que apresenta uma cadência emocional para a narrativa, criação de um envoltório sensorial que pressupõe e indica as representações da morte por meio de palavras carregadas de memórias afetivas, imagens específicas que compõem o caminho emocional da palestra, do início ao fim.

A palestra, corpus desta dissertação, tem 19 minutos e foi possível encontrar 37 frases que trafegaram entre preparação, revelações, gatilhos emocionais, indicando que a cada 50 segundos a plateia recebe alguma forma de estímulo externo do ambiente, com por exemplo, “aquela fumaça”, apresentação da imagem da “declaração de vida”, e que serão processados, evocam memórias, dispararam emoções e sentimentos, traduzindo uma quantidade suficiente de estímulos para o cérebro, além dos gestos e imagens.

Já abordando as perguntas que foram realizadas no início desta dissertação: a. como são construídas as narrativas sobre a morte nas TED *Talks* e TEDx *Talks*? b. quais as estratégias utilizadas para que se tornem narrativas inspiradoras? c. como abordam os afetos e como procuram afetar as pessoas que as assistem e aos palestrantes? e d. a partir de quais mecanismos narrativos tratam da experiência da morte para ser transformada em um conteúdo motivacional?

As narrativas são construídas em um formato de um testemunho e que poderá trazer a sensação de um compartilhamento solidário de dores e traumas, seja para a plateia, seja para o palestrante que assume o papel de narrador e que ouve a própria história, ao mesmo tempo.

Existe a criação do ambiente neurossensorial (ambiente repleto de percepções e que auxiliou na construção do mundo íntimo), em função das palavras que são usadas como gatilho, gestos sutis e que passam a compor o envoltório sensorial e emocional; imagens da tragédia que trazem o estímulo visual. Um estímulo confirmando o outro, indicando que o fato é uma verdade; então, a morte ali estava.

A comparação entre número de mortos e sobreviventes é acentuada durante a palestra e serve para indicar que a vida e a morte caminham juntas; e que a morte valida a vida.

A narrativa se torna inspiradora nos momentos em que traduz alívio, libertação, novas formas de apego, revelações, libertação da vergonha como um estado emocional subjetivo e associado às memórias. É possível que seja na troca, na modulação dos afetos do negativo para o positivo que aconteça a ressignificação e recontextualização de cenas e imagens que foram evocadas durante a palestra, equivalendo a narrativa, a estímulos sensoriais.

Os afetos são estimulados por meio de gatilhos, traduzidos como palavras, imagens, movimento do corpo, voz; meios subjetivos e que são perceptíveis por meio da *qualia*, característica do funcionamento cerebral e que poderá perceber sutis movimentações e gerar uma forma de representação. O palestrante não está isento de ser afetado, pois as memórias deste também vão passar pelo gatilho, estímulo da fala e de imagens, que talvez nem o palestrante possa lembrar. Ver tais imagens poderá trazer um viés de confirmação, como por exemplo: “realmente é verdade, eu estive lá”, gerando modulações emocionais e sutis nas quais o palestrante também foi afetado, como a fala embargada, olhos que brilham pelo excesso de lágrimas; sutis e existentes.

Uma vez que culturalmente estamos rodeados de estímulos, por que não utilizar a morte e seus tabus, rituais, cultos e culturas para a própria transformação de pessoas e auxiliá-las na transformação, superação de traumas, trazendo a cura.

A *TED Talks* e as *TEDx Talks* são uma oportunidade de solidariedade sem a utilização do termo, mas, um compartilhamento de dores, afetos e curas. A conexão entre o tema e as estruturas de gatilhos compoem o diferencial das palestras. Inclusive, ousaríamos dizer que, como nova figura de apego, mesmo que sem contato físico.

Para ilustrar como seriam os *feedbacks* das palestras, foi realizada a consulta na própria página da palestra de Trajano (2020), onde constam 571 comentários de pessoas que assistiram à palestra: uma comissária aposentada da Varig e que lembrou do fato e nunca mais esqueceu; um depoimento de uma pessoa que aguardava os avós para comemorar o aniversário de casamento e, estes, nunca chegaram; pessoas que não o conhecem, não tinham parentes no voo e que amadureceram ao ouvir a palestra; depoimento de uma pessoa que indica para o palestrante: “e que a vida continue te abraçando!”; pessoas indicando que precisavam de um milagre. Esta é somente uma pequena ideia sobre os depoimentos que constam na página da palestra e que ratificam que as pessoas foram afetadas de alguma forma e em algum grau. Ao mesmo tempo, indica a presença dos afetos e de ser afetado, sensações ligadas às emoções e

sentimentos, ressignificação e recontextualização de cenas e imagens, reconstrução do mundo íntimo e de novas figuras de apego.

Nosso cérebro é como uma massa de modelar na qual acreditar é fundamental para a vida do ser humano. As narrativas estruturadas e elaboradas como fonte de gatilhos mentais apresentam um potencial de transformação e motivação, ao mesmo tempo em que auxiliam na reconstrução de representações, signos, símbolos e mundo íntimo.

A morte não pode ficar de fora pois, apesar do ser humano evitar o tema, por tratá-la como tabu, esta faz parte da vida e do viver. Não há vida sem risco e viver é correr o risco de morrer.

Dentro da complexidade do ser humano, há formas de validação da vida, pois emoções e sentimentos estão ligados à consciência e à vida. A morte faz parte da vida, tanto quanto os afetos. Ser afetado significa estar vivo.

5 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C J. **O guia oficial do ted para falar em público**. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2016.
- BRUNER, J. *The narrative construction of reality*. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.
- CASAQUI, V. **Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1355>. Data de acesso: 06/12/2021 – 18:33hs.
- CASAQUI, V. **A inspiração como forma comunicacional do capitalismo “cool”** apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0837-1.pdf>. Data de Acesso: 06/12/2021 – 18:45hs.
- CASAQUI, V. **O papel da narrativa no projeto da sociedade empreendedora e na cultura da inspiração**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.23, ago. 2020. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/1850>. Data de acesso: 09/12/2021 – 16:14hs.
- CYRULNIK, B. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.
- CYRULNIK, B. **Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana**. Rio de Janeiro: Stória Editores, 2001.
- CYRULNIK, B. **De corpo e alma: a conquista do bem-estar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CYRULNIK, B. **Dizer é morrer: a vergonha**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CYRULNIK, B; MORIN, E. **Diálogo sobre a natureza humana**. São Paulo: Palas Athenas Editora, 2012.
- DAMÁSIO, A. **Em busca de espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- DRUNCKER, K. **On problem solving**. São Paulo: Greenwood, 1972.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- GALILEU, Redação. Quer ser um palestrante do TED? Revista Galileu. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI292437-17770,00-QUER+SER+UM+PALESTRANTE+DO+TED.html>. Data de Acesso: 20 out 2021.

IDEAS Ted. 2021. Disponível em: <https://ideas.ted.com/>. Acesso em: 13 nov 2021.

IZQUIERDO, I. **Memória**. São Paulo: Artmed, 2011.

IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória**. São Paulo: Unisinos, 2006.

IZQUIERDO, I. **Uma palavra pode mudar nossas memórias**. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/TSxghTO6xTI>. Acesso em: 11 fev 2022.

MASSON, M. **Benefits of TED Talks**, published in Canadian Family Physician, Vol. 60, Issue 12, 1 Dec 2014. 2014. Disponível em: <https://www.cfp.ca/content/60/12/1080.short>. Acesso: 14 dez. 2021.

MORIN, E. **O Homem e a morte**. Rio de Janeiro: 1997.

MORIN, E. **O método 4: As ideias: habitat, vida, costumes, organização**. POA: Sulina, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. POA: Sulina, 2005.

MORIN, E. **O método 5: A humanidade da humanidade**. POA: Sulina, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PINHEIRO, B. **Entrelaçamentos entre depressão, narrativas de si e cultura terapêutica no TED Talks**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0312-1.pdf>. Data de Acesso: 02/12/2021 – 20:01hs.

SCHAF, D. **Intuição: do que se trata?** Rev. bras. Psicanálise vol.52 no.4 São Paulo out./dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000400013. Data de Acesso: 31 dez 2021 – 14:15hs.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. **Representações poéticas da morte nas narrativas midiáticas: Um Conto Chinês**. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.1-17, maio, junho, julho e agosto de 2018:ID27475. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27475>. Data de Acesso: 15/10/2021 – 04:48hs.

SILVA, M.C.C.; SILVA, P.C. da 2012. **Em busca de um conceito de comunicação**. Revista Latino-americana de Ciências de la Comunicación, 9(16):26-35.

SILVA, M. C. C.; SANTOS, T.C. **Peregrinação, experiência e sentidos: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela**, artigo publicado na Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.18, n.2, maio/ago. 2015.

SILVA, M. C. C.; SILVA, R. B.; CAVASSANI, M.F.; **Comunicação, mediação e narrativas: Por um possível diálogo**”, artigo apresentado no XIII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura - EPECOM, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em

Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, na Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, nos dias 23 e 24 de setembro de 2019.

SOCIAL BLADE. 2021. Disponível em:

<https://socialblade.com/youtube/channel/UCfLmToyElG2Z0Okj6HeL-Bg>. Acesso em: 14 nov 2021.

SWAZEY, K. (2013). 1 vídeo (13:40 min). Publicado pelo canal *Ted Talks*. Disponível em:

https://www.ted.com/Talks/kelli_swazey_life_that_doesn_t_end_with_death. Acesso: 07 dez 2021.

TED & TEDx explicados (2013). 1 vídeo (1:14 min). Publicado pelo canal *Tedx Talks*.

Disponível em: <https://youtu.be/d0NH0peczUU>. Acesso: 31 març 2022.

TRAJANO, Ricardo. Sobre Viver! 2020. Disponível em: <https://youtu.be/pCajQCIXOZ4>.

Acesso em: 13 nov. 2021.

Anexo A: TEDx Talks: Ricardo Trajano (2020): Sobreviver!

A única pessoa que não deveria estar aqui sou eu. Eu fui declarado morto em 11 de julho de 1973.

Esse comunicado com uma tarja preta, estava pregado no mural da minha faculdade, e dizia o seguinte: “A Universidade Católica de Petrópolis comunica com pesar o falecimento do aluno do curso de engenharia, Ricardo Trajano, no desastre aéreo da Varig ocorrido em Paris no dia 11 de julho passado”.

A primeira notícia é que não havia nenhum passageiro sobrevivente nesse voo. Era um Boeing 707 da Varig que partiu do Rio de Janeiro, faria uma escala em Paris e chegaria ao seu destino que era Londres.

Os jornais já tinham publicado a notícia, as rádios, televisão e foi essa notícia que a minha família recebeu. Foi uma tragédia: com 123 mortos. E era desesperador porque meu pai já estava encomendando meu sepultamento. E minha mãe, por motivos não naturais, não acreditava. Mas como vocês estão vendo, eu não morri. Eu fui o único passageiro sobrevivente esse voo.

Eu costumo dizer que estou no lucro e no crédito da vida há muitos e muitos anos. Mas eu não apenas sobrevivi, eu comecei a pensar muito sobre a vida, sobre os meus relacionamentos e principalmente nos valores de vida.

Eu tinha 21 anos, era minha primeira viagem, o meu sonho era conhecer Londres. O avião lotado, o voo tranquilo. E faltando cerca de 5 minutos para chegar na escala em Paris no aeroporto de Orly, eu estava sentado lá atrás, lá no fundo, na penúltima fileira e atrás de mim começou uma fumaça pequena, na projeção da toailete. O comissário foi lá e eu, por puro instinto, impulso, tirei meu cinto e fui andando para frente. Todos os passageiros permaneceram sentados. E quando eu cheguei lá na frente, lá não tinha ainda menor sinal de fumaça, o comissário-chefe me viu me deu uma bronca: “Pô garoto, o que que você está fazendo aí em pé, cara? Você não está vendo que o avião está chegando? É proibido você ficar aqui, volta e imediatamente para o seu lugar”. Eu olhei para a cara dele, parecia que não estava falando comigo. Na verdade, eu desobedei, literalmente, a ordem dele, eu transgredi! E continuei andando. Cheguei, lá na frente, tinham dois comissários na divisória da cabine, em pé, desesperados, gritando porque a fumaça, ela foi muito rápida, ela já tinha tomado conta de todo

o avião, ela estava lá na frente também. E era uma fumaça negra, preta, tóxica, densa. Parecia fumaça de pneu queimando, sabe?

E quando eu fui ver os comissários novamente, não consegui vê-los. Muito escuro e percebi que eles tinham parado de gritar. Provavelmente já estavam morrendo. E eu fiquei encostado na divisória, também. Não enxergava um palmo na minha frente. Parecia que eu estava debaixo da terra e aí me veio a sensação da morte. Veio um flashback na minha cabeça, aquele filme em fração de segundos. Eu me despedindo da vida, meus amigos, minha família e senti a morte me abraçando. Nesse momento, o avião inclinou muito. Eles estavam procurando na verdade, um pouso para fazer, porque se eles continuassem até o aeroporto, provavelmente ele poderia explodir no ar, e a cabine de comando já estava cheia de fumaça também. Eles não enxergavam mais os instrumentos. E aí, de repente, fizeram um pouso forçado na plantação de cebolas. E assim que eles fizeram o pouso, pararam avião, eu apaguei, perdi os sentidos, e o teto todo do avião foi caindo em chamas. Aquelas placas, aquela fuselagem do avião, do teto, foi caindo encima de todas as pessoas, carbonizando todas as pessoas, queimando todas as pessoas. E caiu uma placa grande nas minhas costas; eu estava desacordado e não senti.

Eu queria abrir só um parêntese para contar uma coisa: uns anos atrás encontrei com um amigo meu, ele tem um lado espiritual fortíssimo, ele lê muito. Ele é um cara fora da curva. E aí ele queria saber esses momentos de aflição que eu passei, que eu falei a pouco para vocês, e falei: “Poxa eu senti a morte me abraçando”. Ele falou: “Ricardo, não era morte te abraçando cara, era a vida te protegendo!”. Eu dei um abraço nele, emocionado e falei: “Cara, eu fiquei esses anos todos pensando que era a morte me abraçando, e você vem aqui me desmonta, me fala pura realidade, cara, era a vida me protegendo. Que coisa mais linda!”. E aí eu dei entrada no hospital. Cheguei no hospital sem roupa e me confundiram um comissário, o Sérgio Balbino.

Meu porte físico era muito parecido com o dele, então, eu era o Sérgio Balbino e o Ricardo tinha morrido. A primeira notícia que foi para o Brasil foi essa, minha família desesperada, minha mãe era a única que acreditava que eu estava vivo. Eu aí eu fiquei 30 horas em coma. Nesse período todo que eu fiquei em coma, eu pedi uma folha de papel e uma caneta, e eu, desacordado, com uma letra tremida de criança, coloquei o nome do meu pai, telefones e endereço. Eu psicografei esse bilhete, eu estava desacordado. Os caras pegaram esse bilhete, foram na lista de tripulantes e não acharam o meu nome. E aí foram na lista de passageiros apenas para dar uma checada, e de repente viram meu nome lá, Ricardo Trajano. Mas como? Como que esse passageiro estava lá na frente junto com os comissários? E os passageiros todos sentados e mortos nas poltronas? Imediatamente a Varig liga lá para casa: “Olha nós queríamos

comunicar que seu filho – meu pai atendeu o telefone, “nós queríamos comunicar que seu filho está mal, mas está vivo”.

Gente de um velório que estava lá em casa, virou uma grande festa! Minha mãe se levantou do sofá, apontou para todo mundo e falou: “Eu não falei que meu filho estava vivo?”

Cara, eu acordei depois dessas 30 horas, que eu estava em coma, acordei no hospital não entendendo absolutamente nada, todo entubado e sentindo muita dor nas costas. Olhei para as minhas costas, toda queimada, minhas nádegas, minhas coxas, tudo queimado. A primeira reação que eu tive que foi olhar para as minhas mãos, colocar a mão no rosto para ver se estava queimado, e examinar meu amigo aqui. Olhei, levantei, estava tudo no lugar e falei: “Porra, beleza! ” Gente, foi um porra, beleza”, na hora, me soou tão lírico, foi tão espontâneo, sério

E foi o momento inicial de todo um pensamento, e uma energia positiva que caminharam comigo ao longo de toda minha difícil e lenta recuperação. Quanto ao meu estado de saúde, os médicos não me davam uma semana de vida. A minha primeira radiografia é como se fosse um atestado de óbito, radiografia de pulmão. Mas, desde os primeiros dias de internação e já muito debilitado, eu procurava extrair dentro daquele ambiente pesado conturbado que era um CTI, as coisas boas que me rodeavam. Eram coisas aparentemente banais, mas carregadas de uma força, de uma energia, de um otimismo, que me alimentava enormemente e que me davam forças para lutar pela vida que parecia estar próxima do fim. E essas coisas, eram coisas, tipo meus pais faziam cartazes com frases escritas com caneta pilot, e entregavam para enfermeira. Eles não podiam entrar no CTI. E a enfermeira me mostrava as frases para mim: “Vamos lá Ricardo!”; “Força Ricardo!”; “Ricardo, você vai sair dessa! ” Frases bobas, não é verdade?

Mas que, para mim, ali, naquele momento, eram frases cheias de energia, fé, esperança. Eu ficava esperando, todo santo dia, ela chegar com uma frase dessas diferente para mim. Ficava contando as horas no relógio. Aquilo era meu alimento. Da mesma forma, as cartas que eu recebia. Recebia cartas dos meus parentes, meus amigos, do mundo inteiro, cartas de pessoas que eu não conhecia, me mandando força! E as fitas cassetes? Vocês sabem o que é fita cassete? O papo é mio pré-histórico aqui. Eram fitas que você tinha e ouvia música, som e tal. E eu tinha um gravador cassete, mas eu não podia ouvir, eu estava no meio do CTI. E aí tive a ideia de pegar um estetoscópio, colocar ele aqui e a boca do estetoscópio colocar no gravador. E ficava ouvindo música, meus amigos, os Rolling Stones, Angie! Cara, eu só lamento uma coisa: não ter tido a ideia de ter patentado esse meu invento. Eu fui no inventor do “walkman” hospitalar.

De todas essas coisas que eu falei para vocês até agora, para vocês, eu chego à conclusão que nós somos seres essencialmente simples. A nossa natureza é simples. Não importa o quanto você tem, o quanto você é, ou se vem aquele cara para você e fala: “Pô meu amigo, você sabe com quem você está falando? ”. Isso não vale nada, absolutamente nada. Nos momentos mais difíceis, importantes da nossa vida, a simplicidade é tudo. A nossa essência é simples.

E aí, fiquei três meses hospitalizado. Foi um processo lento e gradual, eu emagreci cerca de 15 Kg. Seis meses depois, eu tinha voltado para a faculdade e, jogando basquete, e o mais importante, não fiquei com nenhum tipo de sequela. Mas me faltava uma única coisa: terminar minha viagem que foi interrompida.

E aí, como bom ariano, teimoso e cabeça dura com eu sou, um ano depois eu voltei na mesma agência da Varig, cheguei para atendente e falei: “Olha, eu gostaria de uma passagem para Londres com escala em Paris”. A mulher mandou o preço logo, e imediatamente eu falei: “Não, você não está entendendo. Sabe aquele acidente que teve um ano atrás? E que sobreviveu apenas um passageiro? Esse passageiro sou eu. Você não acha que a Varig...eu paguei a minha passagem “cash” ida e volta para a Varig e nem cheguei na primeira escala da ida! Você não acha que a Varig tinha que me dar outra passagem? Ela arregalou os olhos e falou: “Mas foi você?” ” Meu um abraço super carinhoso. Eu sei que minutos depois, estava com a passagem no bolso. A Varig me deu outra passagem. No dia do embarque, eu embarquei com um grande amigo meu, Maurício Valadares. E a Varig soube que nós íamos embarcar e imediatamente nos deu um “upgrade”. Não é isso que vocês falam? Uma primeira classe. E aí, já dentro do avião, eles serviam para gente antes do avião levantar voo. Eles serviam para a gente, uísque, caviar, champanhe, vinho. E nós, tomando todas!

Quando o avião decolou, o Maurício já mamado, calibrado, falou para mim: “O Ricardo é o seguinte, se você levantar daí, mesmo que você for ao banheiro, vou atrás de você!” Gente, de todos esses estudos, essas estatísticas que eu vejo, a probabilidade de acontecer um acidente aéreo é mínima. É de um acidente para cada três milhões de voos, ou seja, eu pego uma pessoa coloco ela para viajar todos os dias dentro do avião, ela vai precisar de 8,100 mil e cem anos para que aconteça um acidente com ela. Mas eu? Eu estava num desses voos.

E algumas pessoas me perguntam: “Pô Ricardo, mas que destino”. E eu prontamente respondo, eu falo: “Gente, destino? Nós construímos o nosso destino, cara”. Eu escolhi minha passagem, escolhia a companhia aérea, escolhi o dia do voo, escolher o lugar foi vital para mim. E uma sucessão de coisas da qual eu fui o protagonista. O que quero dizer para você, meu

amigo, não adianta você ficar em casa de braços cruzados, esperando a vida, acontecer alguma coisa. Ou numa praia, debaixo de um lindo coqueiro, esperando as coisas caírem do céu. O máximo que vai cair é um coco na sua cabeça. E as pessoas que acreditam que o destino já está traçado, gente, elas olham para os dois lados antes de atravessar a rua. Portanto, eu não me vitimizo, jamais me vitimizei. Tem um pensamento que eu adoro, que diz o seguinte: “Nunca se dê por vencido, porque quando você pensa que tudo acabou, é o momento onde tudo recomeça”.

E muito em cima disso, eu tenho certeza absoluta que é possível recomeçarmos a vida após uma queda, literalmente que aconteceu comigo. Após o trauma, após um fracasso até mesmo, após uma perda. Eu, Ricardo, vivo o presente.

O passado para mim já foi, já era, não volta mais. O futuro, eu não sei o que vai acontecer, não sei o que vai acontecer amanhã comigo. Eu achava que a felicidade, a minha felicidade estava lá junto com futuro. E eu comecei a perceber que a minha felicidade está aqui, nesse momento, aqui dentro de mim.

Ser feliz não é ter uma vida perfeita ou quase que perfeita. Felicidade é só questão de ser!

Quando eu estava no hospital, eu procurava tomar o meu melhor remédio todos os dias, a minha superdose diária, que eram aqueles cartazes dos meus pais, aquelas fitas, aquelas cartas. Eu canalizava aquilo tudo para um pensamento só: eu vou sair daqui eu tenho que sair daqui. Sabem para que que eu queria? Para dar um abraço e um beijo as pessoas que eu mais amava. Cara, isso era meu combustível de vida, isso era tudo para mim.

Hoje eu já sou sessentão, eu era engenheiro civil, agora sou engenheiro “se vira”. Trabalho com comércio, tenho que matar um leão todos os dias. Mas não desisto. Procuro manter o foco, ter atitude e tocar essa vida, gente. Essa vida, que isso aqui é um grande palco, isso é um grande palco, nós somos os atores.

Eu ia adorar se desses atos, um para poder interpretar outro poder ensaiar. Ia ser ótimo, né? Mas a cortina, cara, ela só se fecha uma vez e acabou o espetáculo! A nossa edição é limitada.

E avisa para ele senhor que gosta de botar o dedo na frente e falar: “Vocês sabem com quem você está falando?” Lembram? Avisa para ele que ele não leva nada dessa vida. Muito menos a sua arrogância.

Eu queria contar um caso que me marcou muito, e me emocionou muito, um caso recente, foi com relação à minha mãe, aquela velha guerreira que sempre acreditou que eu estava vivo. Mamãe faleceu dois anos e meio atrás, aos 96 anos de idade, lúcida até o fim. E nos últimos dois meses de vida dela, ela passou no hospital. Ela morava no rio eu moro em Belo Horizonte. E sempre que eu podia eu ia lá visitá-la. E numa das últimas vezes que eu estive com ela, ela chegou para mim, me deu um beijinho, eu me despedi. Ela falou assim: “Ricardo, não vai embora não. Eu quero falar uma coisa para você que eu nunca falei na época do seu acidente”. “Mas o que foi, mamãe?” É o seguinte: naquele período que as pessoas não te davam uma semana de vida, eu tinha que arrancar o seu pai do quarto do hotel. Nós pegávamos o metrô e nós íamos te visitar todos os dias.

Assim que nós saltávamos do metrô, tínhamos que fazer uma longa caminhada. O céu azul, verão e o sol iluminando minhas mãos tempo todo. Eu ia andando tempo todo e o sol iluminando minhas mãos. Chegando no hospital, fechada minhas mãos, e chegando mais próximo de você, abria e transmitia toda essa energia para você. Gente, eu saí aquele dia do quarto, chorando aos prantos, mas com a certeza absoluta de que toda essa energia me acompanha até hoje e para o resto da minha vida, obrigado!